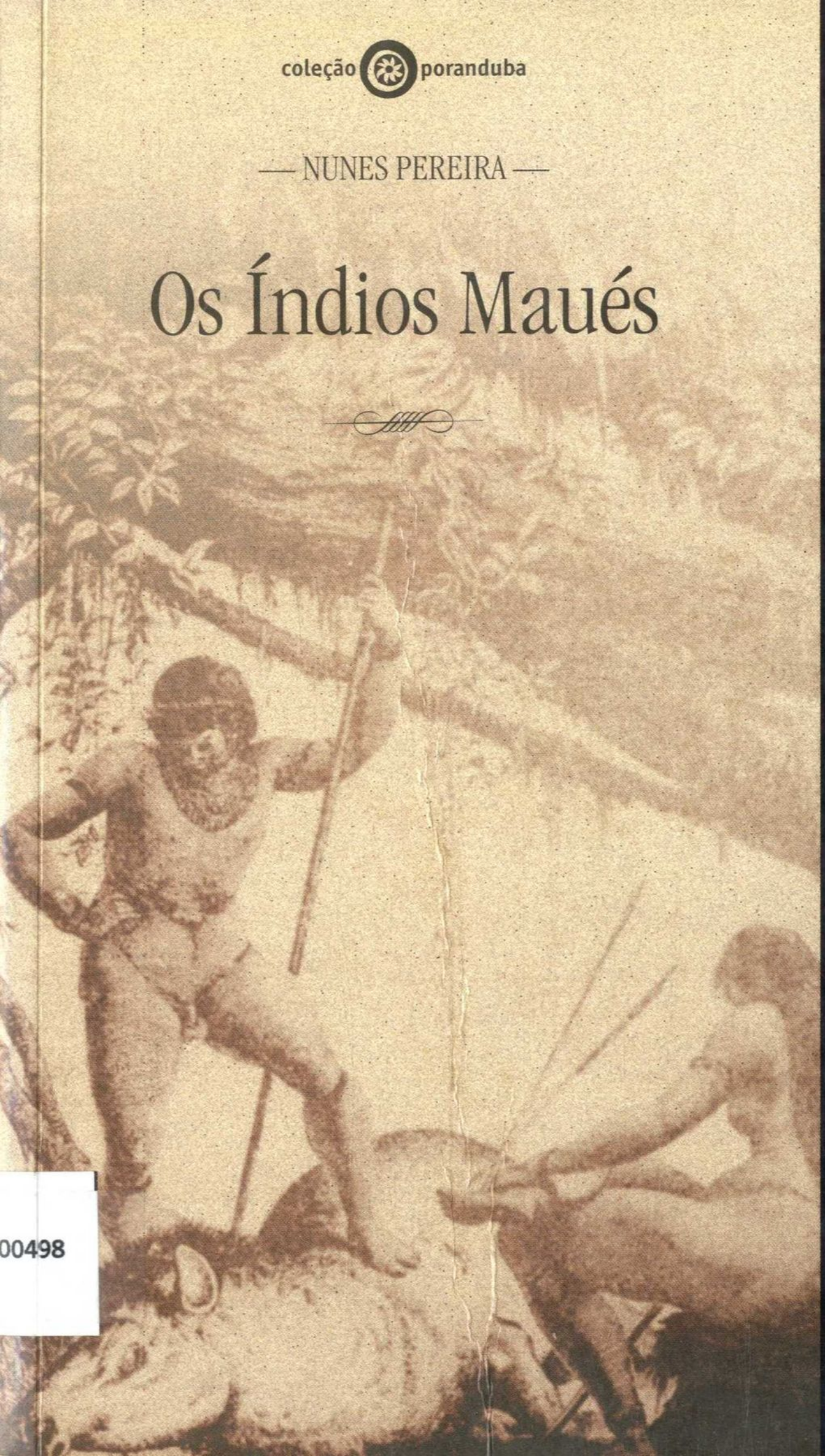
coleção poranduba

— NUNES PEREIRA —

Os Índios Maués



00498

Os Índios Maués

CULTURA
Edições Governo do Estado
Valer EDITORA

De reconhecido valor intelectual, Nunes Pereira (1893-1985) é um dos primeiros autores brasileiros a encantar-se com as culturas amazônicas, não só por dever de ofício, mas sobretudo por buscar compreendê-la de forma prazerosa. No curso de sua vida essa determinação é recorrente em suas pesquisas e reflexões, motivando a todos, iniciados ou não da etnologia, a conhecer o homem e sua obra.

A obra em questão, *Os Índios Maués*, publicada em 1954, pela organização Simões, no Rio de Janeiro, é até hoje a única etnografia de referência desse povo que os etnólogos e outros especialistas recorrem para fundamentar suas monografias. A validação dos registros e observações etnográficas dos Maués podem ser conferidas junto aos Sateré-Mawé, assim identificados na atual literatura etnológica brasileira.

Ainda hoje, com quatro séculos de contato, os Sateré-Mawé, estimados em 8.000 pessoas, cantam e escrevem em sua língua materna, Mawé, do tronco lingüístico Tupi ou Para-Tupi. Tal classificação, segundo os lingüistas, se justifica pela sua especificidade, que é completamente estranha ao tupi. Os Sateré-Mawé habitam uma área de 788.528 hectares, demarcada e homologada pelo Governo Federal, situada na calha central da Amazônia brasileira, compreendendo os municípios de Barreirinha, Maués e Parintins, no Amazonas, bem como Itaituba e Aveiro, no Estado do Pará. Em Manaus, registra-se também a presença dos Sateré-Mawé, vivendo em comunidades.

A reedição desta obra de Nunes Pereira não significa apenas um tributo, que prestamos à memória deste magnífico

coleçãoporanduba

OS ÍNDIOS MAUÉS

Coordenação
Tenório Telles

GOVERNO DO

AMAZONAS

Governador do Estado do Amazonas
Amazonino Armando Mendes

Vice-Governador
Samuel Assayag Hanan

AMAZONAS
SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA E TURISMO

Secretário de Estado da Cultura e Turismo
Robério dos Santos Pereira Braga

Subsecretária
Vânia Maria Cyrino Barbosa

Coordenador de Edições
Antônio Auzier Ramos

Co-edição
Governo do Estado
Editora Valer

Nunes Pereira

OS ÍNDIOS MAUÉS

Apresentação
Selda Vale da Costa

2.ª edição revista

Valer EDITORA
CULTURA Edições Governo do Estado

AmM
981.13 00498
P436-i
ex.5
lib 002957
BIBLIOTECA PÚBLICA DO ESTADO
MANAUS - AMAZONAS

Copyright © (desta edição) Editora Valer, 2003

EDITOR
Isaac Maciel

COORDENAÇÃO EDITORIAL
Tenório Telles

CAPA E PROJETO GRÁFICO
Marcicley Rego
(Capa – ilustração (detalhe) de Paul Marcoy, 1848 – Museu Amazônico)

EDITORAÇÃO
Heitor Lopes

REVISÃO
Cynthia Teixeira
Marcos Sena
Sergio Luiz Pereira

NORMALIZAÇÃO
Ycaro Verçosa

P436i Pereira, Nunes.

Os Índios Maués. / Nunes Pereira. 2.ª ed. rev. Manaus: Editora Valer e Governo do Estado do Amazonas, 2003.

194 p. (Série Poranduba, 4)

ISBN 85-7512-088-3

1. Antropologia indígena 2. Tribos indígenas – Amazônia I. Título.

CDU 572 (= 1.81= 98)

2003

Editora Valer
Rua Ramos Ferreira, 1195
69010-120, Manaus-AM
Fone: (0xx92) 633-6565
E-mail: editora@valer.com.br

BIBLIOTECA PUBLICA DO ESTADO
Reg. e Fls. 06 do Catálogo inventário
sob nº 5.107
Em: 11/05/09

Nós somos como um Pássaro no Mundo...

Palavras de um índio Maué, querendo dar-nos a impressão da liberdade e do abandono em que se encontram os da sua tribo.

Sumário

NUNES PEREIRA E AS CULTURAS AMAZÔNICAS 9

INTRODUÇÃO 17
TERRITÓRIO 21
Nome 25
Vizinhos 26
HISTÓRIA 41
ASPECTOS GERAIS DA CULTURA DOS ÍNDIOS MAUÉS 45
Habitação 47
Meios de locomoção 50
Lavoura: roças e plantio do guaraná 50
Caça e pesca 51
Trabalho 58
Alimentação 58
Nascimento 61
Puberdade 61
Morte 69
Festas 70
Casamento 79
Totemismo 80
Depravação 81
Arte plumária-espartaria-escultura 81
Bebidas e entorpecentes 83
Língua 85
Pajés 86
Religião 91
Medicina 93

Comércio 93
O Porantim ou remo mágico 93

LENDAS E TRADIÇÕES 105
Origem da noite 107
História da pedra ou da aliança entre os Maués 110
A criação do mundo 111
Lenda do Timbó e da Primeira Água 111
História da mandioca 117
História da mucura e do acurau 124
Origem dos bichos 129
História do guaraná 131
Vocabulário Comparativo da língua Maué segundo Nunes Pereira e Curt Nimuendaju 137
VOCABULÁRIO COLIGIDO POR TEÓFILO TIUBA 155
NOTAS 165
BIBLIOGRAFIA 185

Nunes Pereira e as culturas amazônicas

Selda Vale da Costa*

Manoel Nunes Pereira, viajante incansável, veterinário, naturalista e etnólogo, freqüentador de bares e tribos, misto de cientista, poeta e boêmio, um sábio à moda antiga, nasceu em São Luís do Maranhão, em 1893, mas tornou-se amazônico pelas múltiplas andanças por rios e florestas, por mais de 40 anos, conhecendo seus bichos, peixes e matas, suas gentes – índios e caboclos –, mitos e histórias, coletas e reflexões que nos legou em obras como *Moronguêtá – um Decameron Indígena* (1967) e *Panorama da Alimentação Indígena* (1974). Faleceu em fevereiro de 1985, no Rio de Janeiro, aos 94 anos.

Os Índios Maués, obra originalmente publicada em 1954, é texto ampliado do *Ensaio de Etnologia Amazônica – sobre uma*

* Doutora em Ciências Sociais (Antropologia), professora e pesquisadora do Departamento de Ciências Sociais da Ufam. Desenvolve estudos sobre as culturas e identidades regionais, principalmente através das manifestações artísticas locais. Sua tese de doutoramento versa sobre o pensamento social na Amazônia, abordando a figura singular de Nunes Pereira: "Labirintos do saber: Nunes Pereira e as culturas amazônicas" (1997).

peça etnográfica dos Maué (1940), com informações substantivas sobre o território, a história e o contato; cultura e organização social; língua, religião, medicina, comércio e costumes em geral desse povo, hoje denominado de Sateré-Mawé. Seu aporte mais significativo, entretanto, é sobre o Porantim, ou remo mágico, enciclopédia e bíblia desse povo, uma clava em forma de remo [1,40 m x 11 cm] trabalhada em pau-ferro, onde estão gravados losangos e gregas, *símbolos, que encerram as suas origens divinas e o seu destino humano, as lições dos antepassados e as suas leis, o seu código moral e a sua fé, a sua poesia e a sua arte.*

O *Ensaio* granjeou-lhe o reconhecimento nacional e deu início a uma longa e rica carreira de etnólogo. Suas observações, conseguidas entre moradores de Ponta Alegre, Vila Nova e Araticum, no rio Andirá, município de Barreirinha; e Maué-Açu, município de Maués, foram, entretanto, consideradas por Nunes como incompletas. Em 1948, Curt Nimuendaju, de quem era amigo e admirador, ao publicar *The Maué and Arapium*, no boletim do Smithsonian Institution Bureau of American Ethnology, baseando-se principalmente nas informações do ensaio de Nunes Pereira, também reivindicou um estudo mais aprofundado sobre esse povo.

Os Índios Maués é uma resposta a essa dupla inquietação. Nele, o autor afirma ter *especial interesse pelos Maués, pouco noticiados pelos naturalistas e missionários por serem mal assistidos dos poderes públicos, esbulhados por pseudocivilizados, há séculos em luta com regatões e comerciantes inescrupulosos que lhe arrebatam periodicamente o principal, o mais*

valioso, o mais útil produto da sua lavoura – o guaraná. Logo na introdução, sua formação histórica fica evidenciada ao anunciar que estuda os Maués *não apenas isoladamente, mas nas suas relações seculares, pacíficas ou hostis, com os seus vizinhos, tais como os Mundurucus, os Apiacás, os Kuruyás, os Kawahib-Parintintins e os Muras.*

Nesse momento, grafa no plural o nome dos povos indígenas, contrário à decisão tomada na reunião da Associação Brasileira de Antropologia – ABA, em 1953, pela invariabilidade dos gentílicos.

Após descrever a vida e o resultado do contato, insere, pela primeira vez, anotações musicais de um canto de pajé e de motivos de cantos da dança da Tocandira, *que nenhum pesquisador coletara antes, tudo em maué antigo*, para debruçar-se sobre as lendas, histórias e tradições recolhidas, inscritas no Porantim. São variantes comuns a outros povos tupis, vizinhos dos Maués. Algumas, entretanto, como a *Lenda do Guaraná*, a *Lenda do Timbó e da Primeira Água* e a *Lenda da Mandioca,* por sua originalidade, inquietam e deslumbram.

O Porantim veio das mãos do tuxaua Uaciri-Pót, grande pajé e contador de histórias do povo Maué. De mãos em mãos, vem ele passando de tuxaua para tuxaua, conservado sempre na Terra Preta.

Câmara Cascudo, em carta a Nunes Pereira, maravilha-se com o achado etnográfico: *É qualquer coisa de alucinante a sua revelação. Por si só determinaria uma reunião de um Instituto Etnográfico para examinar essa peça, estudá-la e firmar, não um diagnóstico idiota, fixando, definindo, mas uma orientação para*

as pesquisas. Esse Porantim sacode todos os nervos americanistas, empurrando-nos para a misteriosa, sugestiva e maravilhosa controvérsia das itacoatiaras...Sei haver um dogma sobre a inexistência da escrita entre os povos americanos. A inexistência é baseada em nossa insciência. Não existe porque não a conhecemos. ...Mas aí está o Porantim dos Maué,... é verdadeiramente um índice mnemônico. Mais ainda. É um indicador mnemotécnico. O Maué ia pondo o dedo nesses desenhos e falando. Se os desenhos fossem muitos e a voz acompanhasse o percurso fixado no Porantim ter-se-ia a escrita extensiva... Há uma capitalização imemorial nesses desenhos, simples e naturais. E o porantim dir-se-ia não ter outra finalidade além dessa missão de arquivo...

O livro de Nunes, além de versar sobre tema de suma importância para a Etnologia e Antropologia brasileiras, é, ao mesmo tempo, um protesto erudito e objetivo a favor desses povos, espoliados e abandonados pelos poderes públicos da época. Continuava, entretanto, a considerar o seu estudo incompleto, merecedor de pesquisas mais aprofundadas. Seu apelo foi ouvido e alguns estudiosos deram continuidade a sua obra, como Enrique Uggé, em *Mitologia Sateré-Mawé* (1991) e Sônia Lorenz, com *Sateré-Mawé – Os filhos do guaraná* (1992), além de estudos lingüísticos mais recentes, feitos por pesquisadores da Universidade Federal do Amazonas.

O que o levava a pesquisar os povos indígenas? Motivo pessoal, a força do sangue de seus apregoados ancestrais Timbiras, a preocupação com a formação da nacionalidade? Sim e não! O que realmente o move é a natureza científica de seu pen-

samento (romântico, humanista, ecológico), que identifica os povos indígenas como portadores de um conhecimento que a sociedade nacional ignora ou despreza, mas sobretudo não reconhecia.

Os Índios Maués, de Nunes Pereira, permite entrever que arte e ciência, sensibilidade e saber são urdiduras fenomenológicas que possibilitam a totalização cultural. Os índios para Nunes Pereira nunca foram apenas objeto de estudo ou de deleite estético, tampouco uma aventura literária ou a embriaguez do exótico. Foram seus mestres e companheiros, narradores e ouvintes.

A polifonia amazônica ressoa em seus escritos. A identificação com os seres da floresta não tolheu seu espírito universalista, não o transformou em um pensador provinciano, regionalista. Ao invés de investir no inventário das diferenças, Nunes procura o universal, o que nos é comum, o que nos identifica e aproxima dos demais seres do planeta e com os quais partilhamos a condição humana. A diferença já foi mais que destacada pelo olhar do Estranho! É necessário que façamos o percurso inverso, foquemos nosso olhar para o mundo.

OS ÍNDIOS MAUÉS

Introdução

Em 1939, logo após nossa viagem aos domínios dos índios *Maués*, publicamos na revista *Terra Imatura*, de Cleo Bernardo, editada na cidade de Belém, Estado do Pará, um *Ensaio de Etnologia Amazônica*, sobre uma peça etnográfica (*Porantim ou remo mágico*) que nos fora mostrada em Terra Preta, rio Andirá, Estado do Amazonas, pelo tenente Manuel Francisco, tuxaua dessa tribo.

Não era nossa intenção dar à estampa, como o fizemos, a soma incompleta de observações relativas aos índios *Maués* e obtidas, principalmente, entre os moradores de Ponta Alegre, Vila Nova e Araticum, no rio Andirá, município de Barreirinha, e Maué-Açu, município de Maués.

E isso porque logo nos pareceu que esse povo merecia ser estudado não apenas isoladamente, mas nas suas relações seculares, pacíficas ou hostis, com os seus vizinhos, tais os *Mundurucus*, os *Apiacás*, os *Kuruyás*, os *Kawahib-Parintintins*, os *Muras*.

Demais, conquanto tenhamos viajado durante o inverno, isto é, nos meses de abril, maio e junho, pelos domínios dos *Maués*, era necessário que o fizéssemos no verão, para termos a oportunidade de assistir a certas práticas concernentes ao plantio e colheita do *guaraná*, sua principal lavoura, e às cerimônias típicas da festa de iniciação dos rapazes, denominada *dança da tocandira* ou *veaperiá*, e realizada, especialmente, em fins de outubro, isto é, já em pleno verão.

Circunstâncias determinadas por nossas atividades e estudos, como técnico do Ministério da Agricultura, nos impediram, entretanto, de atender a esses imperativos.

Daí havermos acomodado na revista citada, de caráter literário e político, observações que teriam maior divulgação, de certo, através de uma revista especializada de etnologia ou de antropologia cultural.

Nove anos após a publicação daquele ensaio, no Boletim n.º 143 do *Handbook of South American Indians*, do *Smithsonian Institution Bureau of American Ethnology*, o notável antropologista teuto-brasileiro Curt Nimuendaju publicou o trabalho *The Maué and Arapium*, baseando-se, preferentemente, nas nossas observações, pois só fizera uma breve visita, em 1923, aos índios *Maués* do rio Mariacauã, no município de Parintins, Estado do Amazonas.

Também esse pesquisador, não obstante nossa mútua contribuição para o conhecimento dos *Maués*, declarou que um estudo adequado ainda não lhes fora dedicado.

A presente publicação, como se verá na sua intenção e nas observações que lhe dão corpo, difere da que fizemos em

1939 e da que devemos a Curt Nimuendaju, aproximando-se, entretanto, da encarecida pelo mesmo autor, porque a completamos com outras observações, com algumas lendas e tradições, com um vocabulário comparativo, de sumo interesse para os estudiosos, e com um vocabulário levantado por Teófilo Tiuba, ex-funcionário do SPI.

Nela inserimos, igualmente, pela primeira vez, anotações musicais de um canto de pajé e de motivos musicais de cantos da *dança da tocandira* que nenhum pesquisador coletara, tudo em Maué antigo.

E divulgamos fotografias e desenhos, com intenção documental e elucidativa.

A nosso ver, não obstante a inevitável aculturação que o contato dos pseudocivilizados está impondo aos índios *Maués*, outro pesquisador, ainda nos dias que correm, poderá realizar obra mais completa do que a nossa. E isso, sinceramente, o desejamos.

Território

A área geográfica compreendida entre os rios Tapajós, Amazonas e Madeira, tanto do ponto de vista geológico como do ponto de vista botânico, é das mais pitorescas e opulentas da Amazônia brasileira.

A visão perpendicular dessa área, proporcionada por um avião da linha Belém–Manaus, já nos permitiu abranger as terras acidentadas do planalto do Tapajós, com relevos de colinas, claros de campinaranas e depressões profundas de vales. E logo nos ocorreu, àquele momento, a figura geométrica de um triângulo isósceles que representasse essa área geográfica, tendo a ilha de Tupinambarana como vértice e as terras compreendidas entre os rios Marmelos, Aripuanã, Sucunduri, Abacaxis, Padauari, Anamã, Mariacauã, como base.[1]

Foi, porém, uma longa viagem em canoa e, sobretudo, a pé, através de grande parte dessa área, que nos permitiu conhecê-la nos seus pormenores fisiográficos e nas suas originalidades ecológicas, avaliando-lhe as possibilidades econômicas.

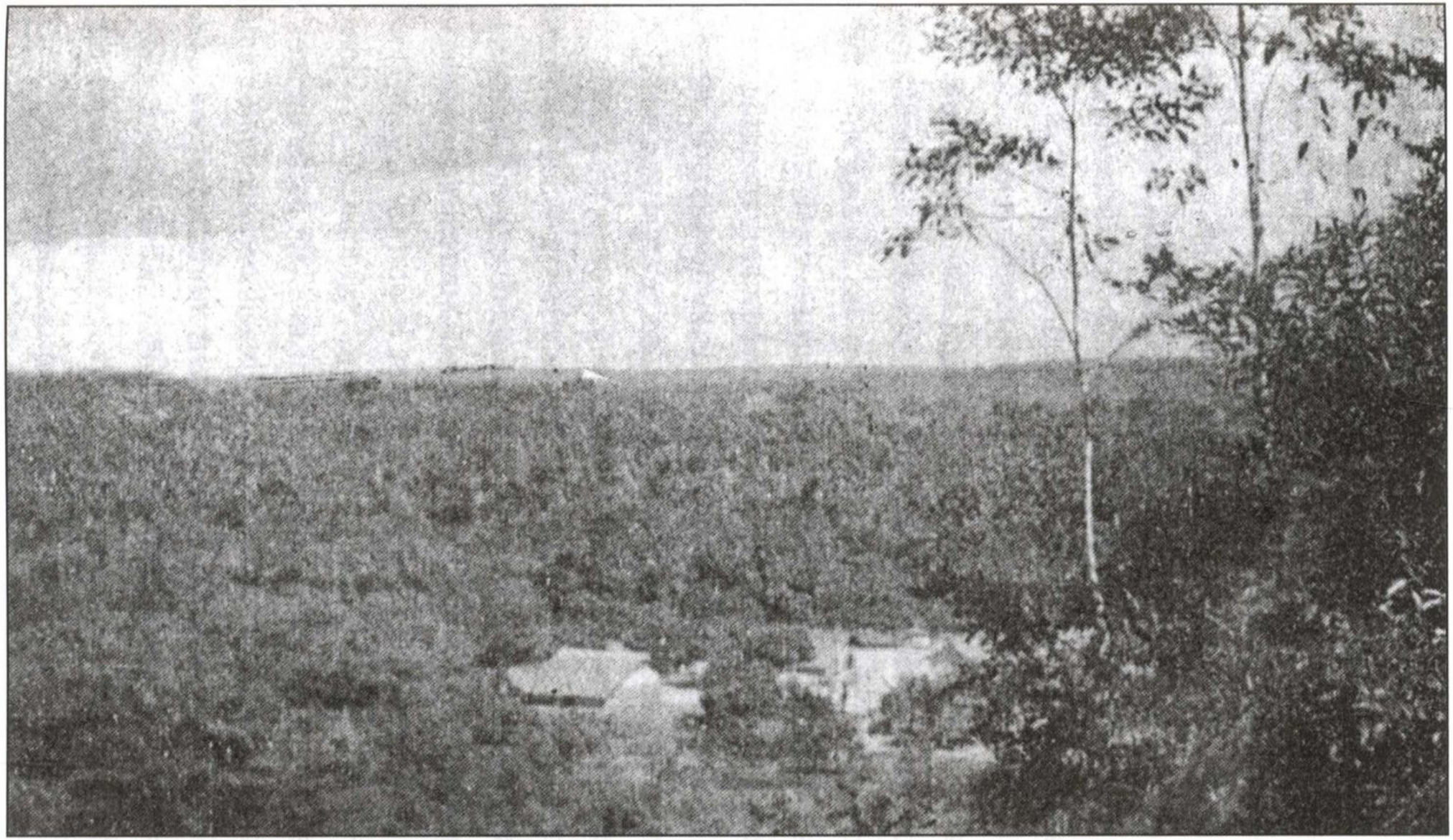
Em tempos imemoriais a tribo dos *Maués* teria ali o seu meio natural, beneficiando-se com a extensão das suas terras aluvionais, terciárias e quaternárias, mas preferindo as chamadas *terras pretas* como centro das suas atividades agrícolas, dentre elas sobressaindo o plantio do guaraná e a transformação das suas sementes numa bebida nacional.[2]

Povo de índole sedentária, à proporção que se foi ampliando a conquista da Amazônia, também ele se foi confinando nos limites atuais do seu território, retirando-se das margens do Tapajós para as florestas das cabeceiras dos rios Mariacauã, Andirá, Araticum, Maué-Açu, Maué-Mirim, Abacaxis, Canumã e os pararás do Ramos e do Urariá.

A ilha de Tupinambarana, também incluída na área geopolítica da Mundurucânia, domina um estranho arquipélago, mas os *Maués* que ali viveram, segundo a tradição, seriam os que acompanharam, pelo Amazonas abaixo, o tuxaua Mari-Aipoc, irmão de *Uaciri-Pót*, quando entre eles apareceu a barata *Apeuató*, com a *Mãe da Doença* e males que se abateram sobre a tribo.

Os lagos e rios piscosíssimos que irrigam as terras em que viveram outrora os Maués e, bem assim, as florestas e campinaranas ricas em caças, de toda espécie, deveriam constituir, numa época mais remota, uma paisagem magnífica para as atividades desse povo.

À representação panteísta do *Noçoquém* – sítio onde se encontravam todas as plantas e animais úteis aos *Maués*, segundo a *Lenda do Guaraná*, deveria corresponder, outrora, o território por eles ocupado.



I – Panorama da região habitada pelos índios Maués, na cabeceira do rio Andirá, Estado do Amazonas.

Atualmente, segundo Curt Nimuendaju, ele seria constituído por terras firmes, limitando-se pelo baixo Tapajós, Amazonas, Paraná do Urariá e Paraná do Ramos, na lat. 5º S, e long. 58º W.

Os *Maués* que visitamos estavam localizados no rio Andirá, no lugar *S. José*, no arraial de *Sapucaia*, nos *Campos*, em *Vila Nova*, na *Terra Preta*, no *Araticum* e no *Maué-Açu*, dois dias, em canoa, acima da cidade de Maués.

Os antigos *sítios*, como o *Torrado*, na cabeceira do Andirá, onde os *Maués* haviam sido aldeados, há séculos, mostram – na extensão das suas capoeiras, nos fragmentos de vasilhas de barro, sem ornatos, nos esteios negros das casas, com o chão das mesmas sob ramos de plantas arbustivas e de gramíneas – que mais densamente povoada já fora essa área geográfica.

Ao longo da margem esquerda do rio Tapajós, na sua parte inferior, frente a Alter do Chão, apontaram-nos vestígios de antigos aldeamentos dos Maués.

Por aqueles aldeamentos deveriam ter passado os que o desciam ou subiam, vindos de Cuiabá, à cata de guaraná, ou indo de Santarém, pelo Tapajós acima, em busca de ouro e de índios a prear.

Entre 1762 e 1763, segundo se lê no IX vol. (1847) da RIHG do Rio, o monge beneditino Fr. João de S. José, descrevendo sua visita ao sertão, confirma, em parte, que essa tribo dos *Maués* vivia outrora na área geográfica que acima delimitamos, apoiados na história e nas narrativas de viajantes e catequistas: *E correndo as ribeiras do Tapajós de parte do leste, fazendo da última cachoeira viagem de um dia, se chega ao sítio em que pela terra dentro se acha já a nação Magues...*

Diversos fatores – guerras, moléstias, prolongadas estiagens ou calamitosas inundações – deveriam ter concorrido para o deslocamento dos índios *Maués*, da remota área geográfica que lhes assinalamos para a área atual, onde continuam a sua organização social e econômica, graças à utilidade do principal produto de sua lavoura – o guaraná.

No entanto, não é inaceitável que o movimento nativista da Cabanagem, principalmente, houvesse empurrado para o recesso das florestas e orla das campinas, que medeiam entre o Tapajós, o Amazonas e o Madeira, a tribo pacífica dos *Maués*, muito embora alguns dos seus guerreiros ajudassem a legalidade a combatê-la.[3]

E Curt Nimuendaju, a uma pressão dessa natureza, contrapõe a razia desencadeada pelos seringueiros, no começo do século 20, sobre os *Maués* aldeados nos tributários do Tapajós, para se apossarem de suas terras.

Já hoje o fator que lhes reduz o meio onde os fomos encontrar (mais ou menos 2.000) é a concorrência movida pelos pseudocivilizados, nordestinos e até estrangeiros – italianos, portugueses e japoneses –, no plantio e no comércio do guaraná.

Nome

É na consulta dos códices, existentes nos *Arquivos das Bibliotecas Públicas* do Pará e do Amazonas, que vamos verificando logo a confusão estabelecida – desde o início da Conquista Espiritual da Amazônia, dos *descimentos* e *amarrações* – relativamente ao nome dos indígenas a que nos estamos referindo.

Essa confusão teria sido agravada, principalmente, pelos cronistas dos expedicionários, preadores de índios, desbravadores de sertões, e pelos próprios missionários. Até naturalistas, como Martius, concorreram para essa confusão.[4]

Assim os vemos chamados: *Maooz*, *Mabué*, *Mangués*, *Manguês*, *Jaquezes*, *Maguases*, *Mahués*, *Magués*, *Mauris*, *Mawés*, *Maraguá*, *Mahué*, *Magueses*, sendo que Métraux, depois de Martius, lhes dá como sinônimo *Arapium* (alegando que o padre João Daniel assim o entendia), o que foi contestado por Serafim Leite na sua *História da Companhia de Jesus no Brasil* (vol. IV) (1943. Rio de Janeiro, p. 303).

Ouvimos sempre dos mais velhos representantes da tribo – e no Andirá (cabeceiras) encontramos um deles com mais de 80 anos – ser o nome da tribo *Maué*, atribuindo-se a sua origem ao cadáver (*Icançoque*) do filho de *Onhiámuaçabê*, plantadora e conservadora do *Noçoquém*, que, em vão, os catequistas quiseram relacionar com o paraíso bíblico.

Arapium é o nome de outra tribo, cuja cerâmica, encontrada nas margens do rio Arapiuns, Curt Nimuendaju achou mais semelhante à dos *Tapajós* do que à dos *Maués*.

Vizinhos

A tribo que, antes da colonização da Amazônia pelos portugueses, vivia mais próximo da dos Maués, como inimiga implacável, foi a dos Mundurucus, também da família lingüística dos Tupis.

Reconciliadas por Athayde Teive, muito embora continuassem entre si – segundo Barbosa Rodrigues – "desconfiadas e magoadas", viveram largo tempo em boa vizinhança.

Assim, depois da dos *Tapajós*, seria ela, na região acima apontada, a tribo mais numerosa, ficando-lhe o domínio, na opinião de Donald Horton, na lat. 5° 8° S., e long. 56° 60 O., entre o rio Tapajós, no Estado do Pará, e o Madeira, no Estado do Amazonas. W. Chandless, conforme se verá da nota inserta ao fim desta obra, dá aos Mundurucus, no Maué-Açu, no Abacaxis e Canumã uma área de domínio superior à que tinham os Maués, então.[5]

No entanto, quando comparamos os aspectos da cultura material e da cultura espiritual dessas tribos, não lhes encontramos freqüentes pontos de contato senão na maneira de atender à própria subsistência, plantando, caçando e pescando; na arte plumária e na espartaria; no comportamento face à morte, mumificando, os *Mundurucus*, apenas a cabeça do seu morto querido ou do seu inimigo, denominada *pariuá-a*, a cabeça e *pariuá-renãpe*, a lança em que a carregavam, enquanto os *Maués* defumavam o cadáver do parente e utilizavam o crânio do inimigo, como uma taça, para libações sucessivas, no decorrer das suas festas.

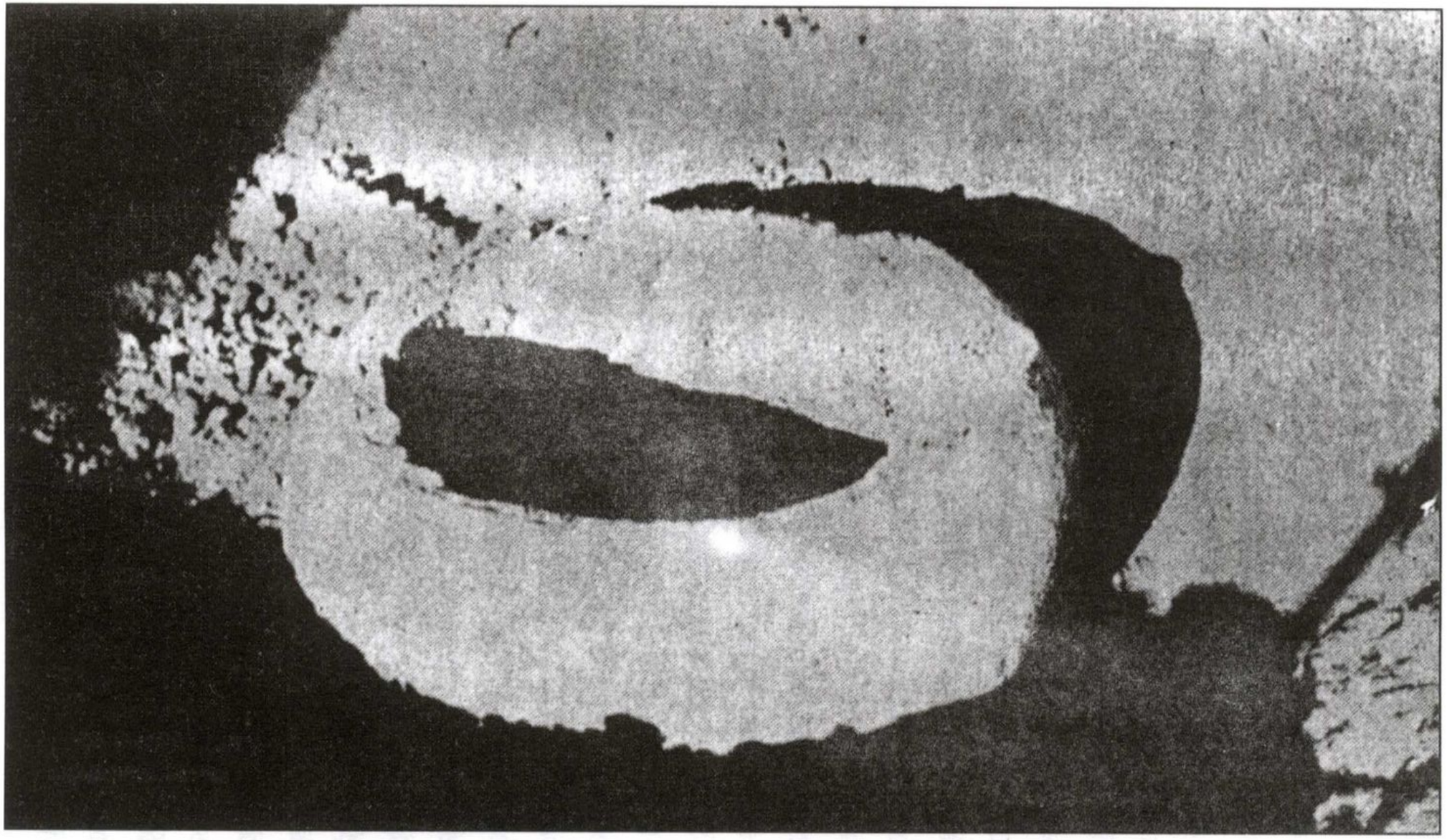
Aliás, esse comportamento de ambas as tribos, diante da morte, cessou sob a influência dos colonizadores e dos missionários, nada nos sendo dado averiguar, ao menos como sobrevivência discutível, nas cerimônias atuais com que cercam os seus mortos.

A presença de urnas funerárias, em vários pontos da área geográfica onde viveram outrora os *Maués* – algumas ainda hoje são encontradas à frente da matriz da cidade de Maués –, insinua, desde logo, a dúvida de que essa tribo conservasse os seus mortos, *mumificados*, em *casas especiais*, em *companhia* de *ídolos de pedra*, pois os descendentes atuais desses índios os apontam como sendo dos seus antepassados.

Quando os jesuítas chegaram, em 1659, à confluência do rio Tapajós, ainda ali dominava a tribo que lhe deu o nome e não a dos *Mundurucus*, e, muito menos, a dos *Maués*.

Não seria de estranhar que estendessem os jesuítas a todos os povos, vizinhos dos *Tapajós*, que mal conheciam, numa generalização natural, os usos e os costumes peculiares ao famoso povo, criador da cerâmica admirável cujas peças e fragmentos aí estão nos museus, sem que nem sempre os arqueólogos lhes possam apontar a verdadeira utilidade, o papel que representariam em cerimônias preferentemente de caráter religioso. E isso ficou recentemente confirmado pela opinião de Frederico Barata, quando nega que os Tapajós enterravam seus mortos em urnas funerárias. Então, no que concerne à índole guerreira dos *Mundurucus* e à índole desassombrada, mas não guerreira, dos *Maués*, fácil é apontar as profundas diferenças que as singularizam.[6]

Estudando, no seu *Dicionário*, os aspectos demográficos e culturais da *Mundurucânia*, por ele situada na lat. de 2°30'S., e long. 21°35'O, de Olinda, lá Lourenço da Silva Araújo Amazonas se referia aos *Mundurucus* deste modo: "He nação numerosa e guerreira. Usa pintar o rosto e mais partes do corpo



II – Urna funerária dos Maués.

com que designão seus feitos e importancia. Recomenda-se por sua vigilancia, que os garante da surpresa do inimigo, pois ainda um tempo de paz não se dispensão de pernoitar aquartelados e vigilantes, para o que toda a maloca tem huma extensa casa, fundada com relação à proteção, que lhe incumbe á restante maloca. São os mais habeis em fazer sorpreza, unico meio porque se batem, ou antes, que os dispensa de mais baterem-se. Nos ataques são barbaros: não dão quartel aos vencidos, cujas cabeças cortão para trophéos, e cujo maior numero os habilita para eleição de chefes; do que lhes provêm o appellido de *Pai-quicé*. Vivem de caça e de pesca, e plantão mui reduzidamente mandioca e batatas. São de estatura alta, e posto que não mui joviais, todavia doceis e sinceros. Hão exterminado a bella nação Parintin, e ora se occupão com os Apiacás, acima do Salto Augusto no Tapajoz. A perseguição que principiarão entre os Mura, determinou-os, em grande parte, á inesperada submissão em 1785. Delles proveio a população de Tupinambarana, Luséa, Maçari e Canoma".

O explorador e geógrafo inglês W. Chandless, em *Notes On The Rivers Maué-Assu, Abacaxis And Canuma*, tem a respeito desses índios um conceito altamente elogioso. Escrevia ele: "I need say little about them. Those on the Maué-Açu, below the rapids, are civilised, and live in families not as in the tribe-life; and few under middle age are tattoed, excepting at Campineiros, the settlement next below the rapids, the people of which (three or four families) are from the plains above, as the name implies. Among them I found the pair whose photographs I had taken at Manaos. They welcomed me with apparent pleasure, and gave

me a supper of cutia (agouti), which also was welcome, as I had been living for a week on salt fish. My hostess, the same of whom Mrs. Agassiz write, 'her expression is sweet and gentle', stood by laughing and talking pleasantly, and doing the honours of her house with much grace".

E em *Notes On The Rivers Arinos, Juruena, and Tapajós*, o mesmo autor escreveu: "At the foot of the Chacorão, on the left bank, is a village of Mundurucús, whose country extends from the São Manoel to near the Amazon on the east of the Tapajós, though most of their villages along the rivers are on the left bank. They are the most powerful and warlike tribe of all these sertões, and at the same times the most honest and faithful, and very friendly towards white people. They estend a sort of protection over weak tribes of indios mansos; none, however, dare to invade their country. On their expedition they carry of the children of their enemies, whom they bring up and marry with their own people, thus materially increasing their own tribe: those who resist or try to escape, they kill. In one of their house I saw the head of a boy, of about 12 years old, who had been killed short time previously; for it is the custom to carry off the heads and dress them up with paint and feathers. The Mundurucús are said to indulge in cannibalism occasionaly; this I have been assured by several persons well acquainted with the villages in tire interior. The men wear their hair short, and all the fore-part of the head nearly bare; the face blackened all over, and the whole body tattoed in a cheek-pattern of black stripes. The women are better looking than the Apiacas women – not great praise. Neither sex wear clothing of any kind. The

people have trade in salsa and sell provissions to the parties of India-rubber makers. They fish chiefly with bow, and arrow, and set little store".

Outro tanto podemos dizer, no que concerne à maneira por que os *Mundurucus* e os *Maués* cercavam de cerimônias e de ritos a manifestação biológica da puberdade, entre os seus filhos e filhas.

Davam os *Mundurucus* e os *Maués* à puberdade da mulher e do varão importância marcadamente contrastante: os primeiros, segundo Donald Horton, mesmo quando jovem, uniam a moça, de preferência, a um guerreiro maduro (*mature warrior*) e a segregavam numa casa especial quando se apresentava a primeira menstruação. O guerreiro era obrigado a trabalhar para a família da jovem até que ela atingisse a puberdade.

Quanto aos segundos, na opinião de Barbosa Rodrigues, cercavam o rapaz de ritos e cerimônias festivas, submetendo-o à prova das formigas tocandira, na dança que lhe tinha o nome e era também chamada *veaperiá*.

Entre os *Mundurucus*, os ritos da puberdade se estendiam da moça a um guerreiro já maduro; entre os *Maués*, ritos não menos importantes e estranhos se estendiam de um jovem, entrado em puberdade, a uma mulher já púbere.

As pessoas da tribo *Maué*, que ouvimos a respeito, em nossa viagem ao Andirá, ao Sapucaia, ao Araticum e ao Maué-Açu, afirmaram sempre que isso podia acontecer, mas não era uma decorrência inevitável da prova a que o jovem, entrando em puberdade, se submetia.

E essa foi, em parte, a opinião de Barbosa Rodrigues, quando descreveu a *Emancipação dos Maués*.

Biblioteca Pública do Amazonas

Mantendo um largo comércio de guaraná, de objetos e ornatos de plumas, os *Maués* deveriam bater-se, freqüentemente, com alguns dos seus vizinhos, como os *Mundurucus* e os Kawahib-Parintintins, agressivos sempre e sempre afeitos a empresas que colimavam preferentemente o saque, necessitando, por isso, robustecer-se em provas, tais as do *veaperiá*; mas não os impelia a elas uma índole guerreira característica.

Entre os *Kawahib-Parintintins* e os *Maués* – conquanto se integrassem na mesma família lingüística tupi como os *Mundurucus* e os *Apiacás* –, raros pontos de contato podiam ser apontados.

Os *Kawahib-Parintintins* como "cabas assanhadas", eram nômades e guerrilheiros incansáveis; os *Maués* eram sedentários, de ânimo pacífico, embora fossem mais valentes do que traidores. Aqueles, durante séculos, levaram o incêndio, o saque, a morte, das margens do Tapajós aos confins do Machado, às barrancas do Madeira.

A índole guerreira dos *Kawahib-Parintintins* os aproximava mais dos *Mundurucus* do que dos *Maués*, sendo que davam à manifestação da puberdade na mulher mais importância do que no varão, o que era um aspecto da cultura dos *Mundurucus*.

Tinham em grande honra exibir o crânio dos seus inimigos, mortos em qualquer circunstância, mumificados e ornados de penas e plúmulas na *dança da vitória*.

Outras diferenças marcantes entre esses vizinhos tupis provinham da riqueza de imaginação dos *Kawahib-Parintintins*, com ciclos de histórias de heróis de cultura, do vulto de *Bahira*,

de *Anhanga-Pian* e de *Tandav-ohú*, enquanto o mesmo não se verifica entre os *Maués*, povo sedentário, defensor de uma cultura pré-colombiana – a do guaraná.

Dir-se-ia, comparando-lhes o lendário e a tradição, que os *Kawahib-Parintintins* rivalizavam, no campo da imaginação, mais com os *Mundurucus*, povo eminentemente guerreiro, do que com os *Maués*, povo essencialmente pacífico, não obstante corajoso e vingativo – tão vinculado à terra pela agricultura que, ainda hoje, é ela, sem dúvida, quem o faz permanecer na paisagem tropical, onde teve sua origem mítica, na teimosa atitude de *Uaciri-Pót* – o grande legislador da tribo.

Os *Kawahib-Parintintins* e os *Maués* tinham, entretanto, caracteres somatológicos bastante aproximados, divergindo os tipos dessas tribos, como vimos, no conceito de Lourenço da Silva Araújo Amazonas, dos tipos dos *Mundurucus*, com um físico que ganhou têmpera nas suas façanhas guerreiras: altos, hábeis, robustos.

Outro povo, a cuja vizinhança nenhuma influência ficaram os *Maués* a dever, foi a feroz nação *Mura*, de cujos indivíduos Bates disse que eram tão preguiçosos que dormiam apoiados numa corda.

A área geográfica comum aos *Tapajós*, aos *Mundurucus*, aos *Maués*, aos *Apiacás*, aos *Parintintins* era também comum aos *Muras*.

O próprio Lourenço da Silva Araújo Amazonas, descrevendo-a, aponta-a como dominando os afluentes do rio Amazonas, "desde a Serra de Parintins até as ilhas Omáguas".

E dos indivíduos da nação *Mura* diz: "Pretendem-se oriundos do Peru, donde emigraram, ressentidos da legislação dos Incas. São vagabundos, morão nas canôas, aportão às margens dos igarapés, lagos, etc., para a pesca e a colheita de fructos espontâneos, as quaes ultimadas, mudão-se para onde melhor e mais abundante se lhes proporcione. A estes recursos ajuntão o do roubo, tanto nas embarcações, como nas plantações, sempre que o podem fazer impunemente.

Assim he que se lhes não deve encontrar senão em estado de impôr respeito, caso em que se tornão com effeito bastante doceis. São de estatura regular, grande porte, bem barbados; e as mulheres vistosas e agradaveis, amigas de bem vestir-se; e quando acostumadas á companhia dos brancos, se constrangem de chamar-se-lhes Mura.

Alem de sua *giria*, assaz nazal, têm os *Muras* outro modo de exprimir-se mui particular, inteiramente guttural, de que se servem quando diante de alguém querem fallar reservadamente; e exprimem-se ainda por huma gaita, pela qual transmittem communicações a grandes distâncias.

Forão por muito tempo infensos, e por isso assaz prejudiciais aos estabelecimentos portugueses no Amazonas, Solimões.

Submetterão-se, em 1785, em Maripi, tratando paz com o seu Director Mathias José Fernandes, o que lhes não impede de assaltar huma embarcação ou roças desapercebidos. Não plantão, mas ninguem é tão hábil para colher.

Não obstante seu caracter perfido, talvez estivessem hoje bem moralizados se não fôra o total abandono do país, que se seguiu à inapreciavel circunstancia daquella submissão; do que

resultou terem tido sempre que tratar com quem lhes disputa a palma em dolo e perfidia. Todavia prestão-se á extracção de drogas, pesca de pirarucú, peixe-boi e tartaruga, e á guarnição das embarcações. Os lagos Autazes parecem ser a sua residencia. São vistos com mais frequencia no Madeira e Jopurá; mas o seu tuxaua reside em S. Jose do Matari".[7]

Com essa longa citação pretendemos não só mostrar as largas divergências de conduta dos *Muras* e dos *Maués*, mas também diluir as cores, tão exageradas, que o historiador citado lhes pôs nas figuras.

No Madeira, no rio Negro, no Purus, no Urubu e nos Autazes utilizamos índios Muras como nossos remadores. E nunca nos deram motivo para lhes atribuirmos conduta péssima ou duvidosa sequer.

Aldeados no lago Aiapuá, em grandes malocas, pelo velho Lourenço Melo, ou reunidos em volta do Posto Indígena do SPI, nos Autazes, errantes sobre um velho *casco* de itaúba, nas vastas ressacas do rio Urubu, os *Muras* nem sempre foram vistos, no seu físico e na sua índole, como o mereciam.

A imputação de preguiçosos é uma delas e a de traiçoeiros é outra.

E não será difícil defendê-los dessas imputações.

Porque, por exemplo, como pescador, ninguém possui a resistência que o índio mura oferece, nas intermináveis horas de espreita ao peixe-boi arisco ou à tartaruga esquiva, ao sol e à chuva, sem nenhum alimento no estômago.

Porque, também, como remador, ninguém o supera, a não ser outro índio de igual têmpera, costeando os estirões do rio

Madeira, vencendo os sacados do rio Purus, na sucessão enervante da sua paisagem.

Nessas façanhas ele não terá nunca o *Maués* como competidor, pois deveria ter descido do altiplano andino já senhor dessas qualidades e dessas virtudes primitivas, tão necessárias ao domínio dos seres e das coisas do meio amazônico: a resignação e a audácia.

Mas, *Maués* e *Muras* se encontram no apego a um vício comum: o uso do paricá *Mimosa acacioides*, cultivando-o – o primeiro – isoladamente e o segundo logo o associando ao *ipadu* –, o que reforça a suposição de descender ele dos *Incas*, que Lourenço da Silva Araújo Amazonas levantou.

Antonio Serrano, estudando os recipientes para o paricá e sua dispersão na América do Sul, situou perfeitamente a posição dos *Maués* frente à chamada *cultura lítica* brasileira, entre "cujos elementos mais característicos estão esses litos zoomórficos com recipientes para depósitos de pós entorpecentes".

E disso nos capacitaremos quando, páginas adiante, neste trabalho, se tratar das bebidas e dos entorpecentes entre os representantes dessa tribo que visitamos.

Com relação aos *Muras*, no estudo *O Mura e o uso do Paricá e da Coca*, que estampamos no *Diário de Notícias*, do Rio de Janeiro, contamos como foi possível surpreendê-los, na região dos Autazes, há anos, mantendo plantações regulares de *ipadu* ou *Erythroxylom coca*, de permeio com pés de mandioca, tal qual nós o veríamos, recentemente, no alto rio Negro, entre os índios Tucanos, nos limites do Brasil com a Colômbia.

No contato com vizinhos, de aspectos culturais tão diversos e tão afins, algumas vezes missionados – como se verá, ao tratarmos de sua história –, sofrendo o impacto dos métodos de colonização do desbravador da Amazônia, é admirável que os Maués tenham conservado, na sua integral pureza, muitos dos seus usos e costumes, os traços mais vigorosos da sua individualidade, a todo o momento à nossa vista, se lhes estudamos a sociologia, a economia ou a religião.

E isso se torna mais admirável quando, voltando-nos, através dos códices e das crônicas que os povoadores e os catequistas da Amazônia nos deixaram, vemos a área geográfica outrora dominada pelos *Tapajós*, pelos *Mundurucus*, pelos *Maués*, pelos *Kawahib-Parintintins* e pelos *Muras*, como uma encruzilhada etnográfica onde se defrontam os povos mais diversos.

Quando, em 1626, Pedro Teixeira fez o reconhecimento do rio Tapajós, além desses povos indígenas, podia-se apontar – confirma-a Serafim Leite – só numa aldeia, a de *Todos os Santos*, "quatro nações principais das línguas *Aretuses*, *Arapiunses* e *Tapiruenses* ou *Serranos*".

Mais de 35.000 índios constituíam a população daquelas praias, barrancos e várzeas banhados pelo rio Tapajós e pelo Amazonas.

Na relação das aldeias, que devemos a Serafim Leite, se tem um documento do que aqui referimos, para mostrar a posição de especial relevo que entre aquelas tribos tiveram os índios *Maués*, nas suas relações pacíficas e nos seus encontros sangrentos.

Viviam, também, às margens do rio Andirá – sem que se lhe possa atribuir o nome ao desses índios – os *Andirazes*, a respeito de cujos costumes vários cronistas, do período da Conquista da Amazônia, se referem, ora como se o seu tronco comum fosse o da tribo Maué, ora como se a esta só estivessem unidos por pertencerem também à família lingüística tupi.

Acerca desses *Andirazes*, vizinhos, como os *Muras*, os *Mundurucus*, os *Apiacás*, dos *Maués*, escreveu um desses cronistas:

"Têm os Andirazes em seus matos uma fructinha que chamam guaraná, a qual seccam e depois pisam, fazendo dellas umas bolas, que estimam como os brancos o seu ouro, e desfeitas com uma pedrinha, com que as vão roçando e em uma cuia de água bebida, dá tão grandes forças, que indo os índios à caça, um dia até outro, não têm fome, além do que faz urinar, tira febre e dores de cabeça e caimbras. Do prestimo que tem para provocar urina me consta; do mais não sei de certo senão pelo que commumente ouço dizer". Essa descrição do cronista colonial nos leva a ver nesses Andirazes os mesmos Maués ou uma das suas hordas, entregando-se, preferentemente, à lavoura do guaraná.

O emprego de uma pedra, de grão fino, como ainda hoje costumam fazer os *Maués*, no rio Andirá, para, por atrito, obter um fino pó de guaraná, é prática descrita acertadamente.

O índio maué não utiliza, como o civilizado, a língua do peixe pirarucu para obter igual efeito.[8]

História

Curt Nimuendaju, que se ocupou mais minuciosamente com a história dos índios *Maués*, acha que no ano de 1669 os jesuítas se localizaram entre eles, ao tempo da fundação da Missão de *Tupinambarana*.

No entanto, lendo-se Serafim Leite, que consultou outras fontes inacessíveis a Curt Nimuendaju, temos de admitir que aqueles missionários, assim que se intrometeram nas aldeias dos *Tapajós*, também cuidaram de estender-se às dos *Maués*, através de cujas relações mais prudente lhes seria chegar às dos *Mundurucus* e às dos *Parintintins*, tristemente famosos antes mesmo de iniciar-se a Conquista Espiritual da Amazônia.

Quem percorre as aldeias e as localizações atuais desses índios, no Andirá ou no Maué-Açu, sente que o seu contato com os portugueses se fez em data mais remota que a apontada pelo etnólogo Curt Nimuendaju, porque a tradição, entre eles, é de que esse

contato se verificou, muito além das margens do *Tapajós*, mercê das atividades dos jesuítas, e, principalmente, através dos viajantes descidos do alto Madeira e do alto Arinos, para lhes comprar guaraná em troca de ouro e de gêneros estranhos à sua cultura.

O fato de o pe. Samuel Fritz já os localizar, em 1691, no seu célebre mapa, robustece este conceito, em parte.

Os episódios que mais ressaltam da história dessa tribo – dentro do quadro que lhe levantou Curt Nimuendaju – são os que definem a sua reação contra o elemento luso, sobre cujos métodos de dominação, de escravização e de comércio deviam ter formado, desde logo, um conceito depreciativo.

As expedições punitivas que os lusos organizaram contra esses lavradores pacíficos mas altivos, laboriosos, mas destemidos, teriam sido impostas por sua insubordinação contra as autoridades civis lusas, contra os traficantes cúpidos, na busca das drogas, das especiarias dos sertões amazônicos, dentre as quais o guaraná seria a mais cobiçada.

Os dados históricos que mostram os *Maués* e os *Andirás*, submetidos e humildes, nas missões fundadas no rio Andirá ou no Maué-Açu, em 1698, também não podem ser interpretados como absolutamente correspondentes à verdadeira atitude psicológica desses índios, visto que, muitos anos depois do desaparecimento, o fato de conservarem capelas e santos à maneira católica não exprime mais do que uma acomodação inteligente para subsistir, à sombra dos padres e da Igreja Católica, aos efeitos da *justa guerra* que o governo lhes impusera por massacres cometidos nas comunidades brancas.

Que eles, ou *Maués*, jamais se afeiçoaram aos portugueses di-lo bem essa singular forma de reação que se impuseram: proibir às suas mulheres que lhes aprendessem a língua.

O que ainda hoje se verifica, quase dois séculos após a Carta Instrutiva que aos Diretores das Capitanias do Pará e Rio Negro, a 3 de outubro, no ano de 1769, mandou o governador Fernando da Costa de Athayde Teive, nestes termos: *Ao cabo da canôa dará V. Mcê ordens em meu nome no acto da partida para o Sertão, de não entrar em rio aonde conste que se poderá encontrar com Indios da Nação Manguês, porque tendo mostrado a experiencia que esses miseraveis homens resistem as praticas que se lhe fizer, para cairem das trevas do paganismo, pela introdução das ferramentas, e outros generos que vão comerciar com elles; he necessario reduzi-los a necessidade, para delles tiremos os fructos de os descer, quando se virem preconizados, o que ha de certamente vir a succeder, vendose destituidos do socorro que lhe aqui inconsideradamente lhes tem levado...*

Entre os demais episódios da história da tribo *Maué*, coligidos tão minuciosamente, como o dissemos acima, pelo etnólogo Curt Nimuendaju, dois merecem relevo especial: o que, inexplicavelmente, os põe contra a *Cabanagem* (1835) na luta nativista que ela representava; e o que, depois das expedições fomentadas por seringueiros da Itaituba, no começo do século 20, se expressa na colaboração irrestrita às forças do Estado do Amazonas – (em 1916) – no conflito armado com as do Estado do Pará, oriundo da velha questão de limites entre essas unidades da Federação.

Os dados históricos, aqui salientados, são, por sem dúvida, de grande significação para julgamento dos *Maués*, mas

é pena que nada se encontre entre os códices do Período Colonial capaz de nos orientar na busca da imemorial data em que, vindos do fundo das selvas do Orenoco ou das selvas do Madeira, os *Maués* plantaram, em plena Mundurucânia, o arbusto, sarmentoso e torturado, mas latente de vida e de alegria, que é, para eles, o guaraná.

ASPECTOS GERAIS DA CULTURA DOS ÍNDIOS MAUÉS

Habitação

O primitivo tipo de habitação dos índios *maués* sofreu largas modificações sob a influência dos colonizadores e dos civilizados (*sic*) que lhes são vizinhos ou que freqüentaram nas cidades e vilas da Mundurucânia. Nessa habitação, entretanto, permanecem traços de extraordinária resistência às inovações: a cobertura é feita de palha da palmeira caraná, e o tecido, gracioso e simples, supera o que conhecemos noutras habitações indígenas. E os compartimentos, alguns bem amplos e arejados, têm uma importância social caracteristicamente *maués*.

A habitação, a casa, denomina-se em maués – *nêtáp*.

Nessa habitação os esteios se chamam *iangupê coró*; o travessão – *pá-op*; a cumeeira – *handi-cán*; parede de palha – *onhapé*; a porta – *uquen-hêp*; o chão, piso – *êi-ei*; a gareira – *paátú*; o ralo – *uecé*; o lugar onde se come – *miun-háp*.

O quarto, onde mora o dono da casa, se diz, em *maué*: – *Netáp caiuát két kap*. E (nesse quarto mora o dono da casa com a sua família), do mesmo modo o quarto onde dormem os rapazes, filhos, sobrinhos, se chama: – *cupiarapé*.

O quarto, onde mora um filho ou uma filha casada, um compadre, se chama: – *nétap*.

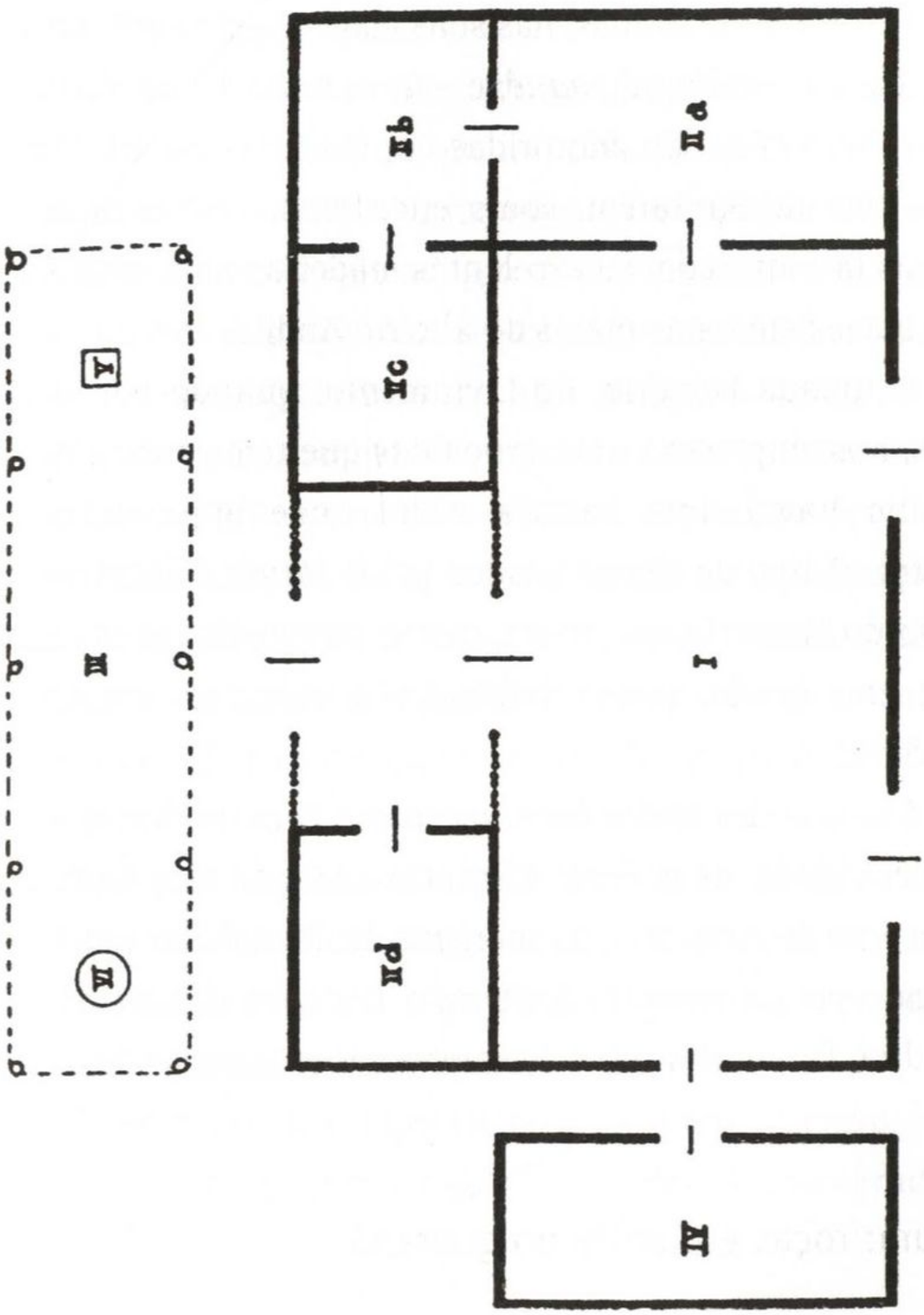
Naquele quarto dorme o compadre com a sua família, diz-se em *maué*: *Num é úatucá pê pe Compadre toquét te hirocaria uêué*.

A cozinha onde há forno, chama-se *mêp-iát*; aquela onde não há forno – *miunmúnháp*.

A casa da dança chama-se – *airú-iat*; a sala chama-se – *uquepê*; janela, que é uma das inovações, não tem nome em maué. Jirau chama-se – *paracai* e o mesmo vocábulo designa *moquém*.

Nalguns aldeamentos vimos uma casa singular: a das mulheres menstruadas, que se chama – *Mêhuát Hariagat*. Nalgumas aldeias as mulheres, nesse estado, ficam recolhidas ao quarto das solteiras.

Nessa situação, porém – à parte a crença de que as mulheres menstruadas "estragam tudo" –, não chegam elas à condição a que estão sujeitas as da Colúmbia Britânica que, segundo Ruth Benedict, sofrem uma reclusão de 3 a 4 anos ou "o enterro em vida", principalmente quando do primeiro fluxo.[9]



I – (Planta baixa de uma casa Maué, no lugar São Francisco, rio Andirá, Amazonas.)
I) *uquepê* = sala – II) *nétap* = quarto (a, b, c, d) – III) *mêp-iát* = casa onde há forno – IV) *miun-mun-háp* = casa onde se come – V) *uecê* = ralo – VI) *mép* = forno.

Meios de locomoção

Servem-se de canoas, nas suas viagens pelo Andirá e afluentes. Canoa, em língua *maué*, é – *iará*; remo é – *apokuitá*. As suas embarcações são adquiridas em Parintins ou em Maués; outras vêm de Santarém, como encomenda. No entanto, há quem as fabrique com as excelentes madeiras para construção naval que existem nas matas do alto rio Andirá.

O tuxaua Honório, do Livramento, quando por lá passamos, nos emprestou uma canoa das que tem construído. No seu sítio havia uma barraca velha onde improvisara um estaleiro. O tipo de remos usados pelos *Maués* é inteiramente diverso do *Porantim* ou *remo mágico*: assemelha-se ao comumente empregado, pelos civilizados e caboclos, em toda a Amazônia.[9]

São grandes andarilhos, vencendo, com incrível resistência e velocidade, as maiores distâncias. Iam do alto Andirá, do aldeamento do Araticum, às margens do Tapajós, em seis dias. Do centro para a margem do Ramos, por cima das terras altas do Andirá, fazem travessias assombrosas em poucos dias.

Lavoura: roças e plantio do guaraná

Fazem grandes roçados, neles plantando mandioca para farinha e preparo do tarubá. Plantam milho e arroz, cará, batata-doce, feijão, favas, fumo e algodão.

No plantio do cará e de outros vegetais, que se caracterizam pela produção de tubérculos e rizomas comestíveis, realizam uma prática de magia.

Com um crânio bem limpo de cabeçudo, enterrada a batata, arrastam para a cova a terra que a entulhará. Acreditam que, por esse processo, as batatas e os rizomas se distinguirão dos demais pelo desenvolvimento que atingirem. O plantio do guaraná obedece às mesmas exigências de escolha das sementes, do preparo do terreno, dos cuidados com os rebentos, abrigando-os da luz solar e defendendo-os das pragas. Distinguem-se dos civilizados, nesse plantio, porque selecionam as sementes e as plantam poucos dias após a colheita, com o arilo ainda não entrado em fermentação. Por ocasião do plantio de novas áreas de guaraná, mandam chamar pajés, que fazem cerimônias para beneficiar as futuras colheitas. E comemoram o fato com danças, ao som de violas, de gambás, de caixas, de reco-recos. E bebem um tarubá forte.

Na vizinhança da casa plantam inúmeros pés de café, cujas sementes torram, fazendo a efusão, como os civilizados.

Árvores frutíferas, laranjeiras, abiuzeiros, mangueiras. mamoeiros, coqueiros lhes cercam a habitação.

E, em jiraus, têm pimenteiras, cebolinha, coentro, jambu e uma ou outra erva medicinal, como capim-santo e arruda.

Caça e pesca

São bons caçadores, servindo-se, geralmente, de arco e flechas, raras vezes envenenadas. Caçam também com espin-

gardas de carregar pela boca, Winchester e rifles que adquirem por custo exorbitante, verdadeiramente proibitivo, aos comerciantes de Maués e a regatões sírios e brasileiros que os exploram.

Na caça, abatida uma ave, tiram-lhe as penas e plúmulas do peito de roda ao pescoço, fazem um fogo e as queimam, defumando com elas as armas. Banham estas, e os cães, também, com água de uma planta do igapó, denominada jasmim-de-lontra. Para tornar feliz nossa arma de caça, um caçador nos aconselhou a deixarmos uma cobra-cipó apodrecer dentro do cano.

Mulheres grávidas e menstruadas não podem pegar na caça e nas armas.[10]

Pescam à flecha e a anzol, com jiquis, tapagens e a timbó; fazem paris à saída dos igarapés; empregam, no verão, tarrafas, que tecem. No inverno o Andirá e seus afluentes são pobres de peixes.

Os índios Maués fabricavam seus arcos e suas flechas, não só para a guerra como para a caça e a pesca.

Tinham uma flecha para a pesca denominada *húandê* e outra para o mesmo fim, chamada *húám*.

A flecha para caça graúda era denominada *nô-i*; a flecha para pássaros, *tupé-ain*.

Chamavam *hauéri* a uma flechinha, na qual punham enfeites, própria para crianças, que desde cedo se iam adestrando no uso do arco e da flecha. Ao arco para adulto chamavam *muriuát*; ao arco, para criança, *muriuát-hin*.[11]

Os desenhos da página mostram minúcias dos três tipos de flechas. Barbosa Rodrigues, no *Catálogo* dos objetos que fi-

guraram na Exposição Antropológica do Rio de Janeiro (1882), enumera e descreve alguns arcos e flechas deste modo:

I – Arco (Puriuate), feito de muirapiranga (*caesalpina*) alisado com dentes de taititu e envernizado com óleo de castanha *Bertholletia excelsa* H. B. K.

II – Flecha (Muruco), Huybaucu em tupi, de pesca e também de caça.

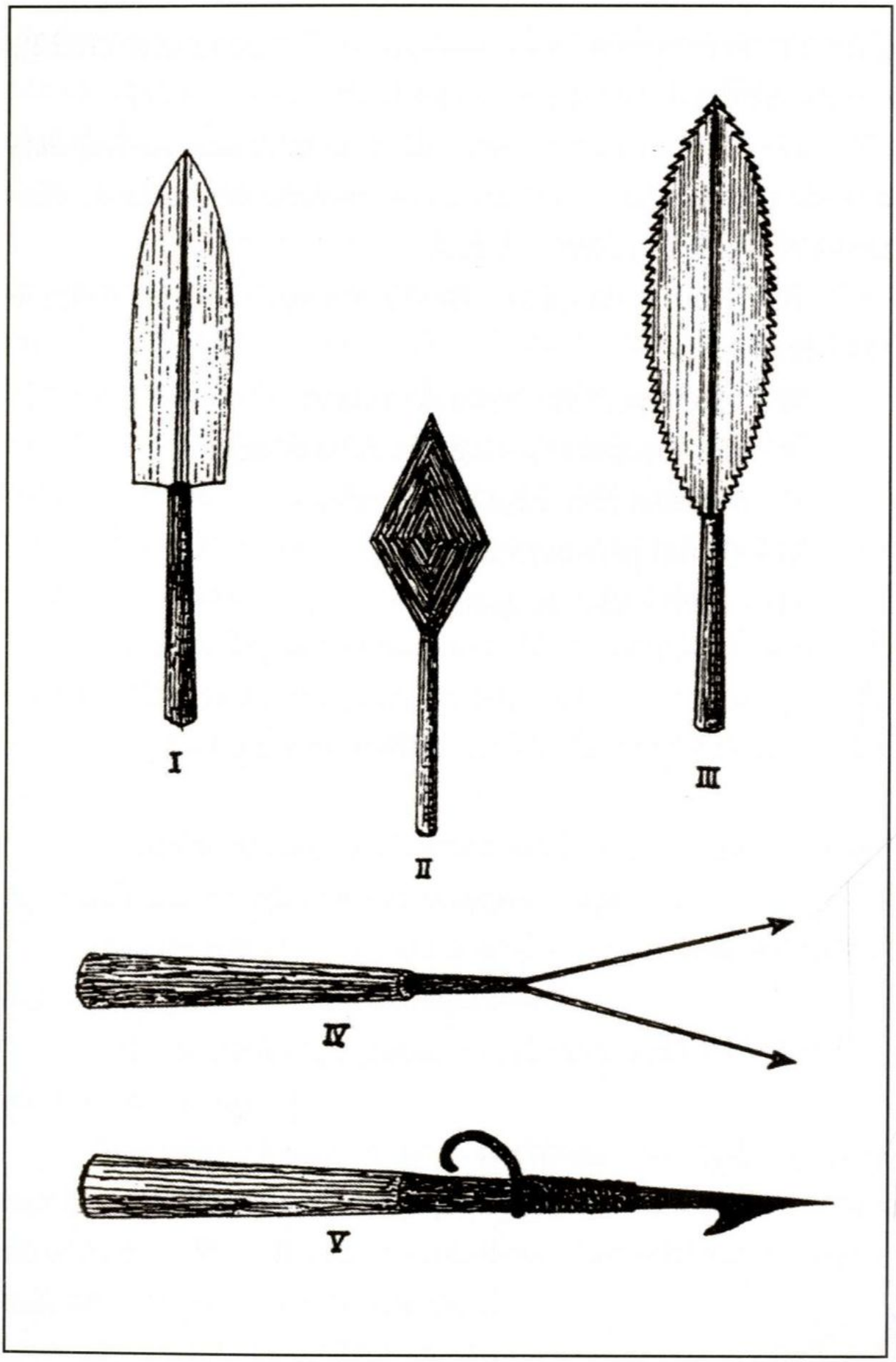
III – (Quempé) para pesca do aruaná.

IV – (Huybpepena) para pesca do tambaqui.

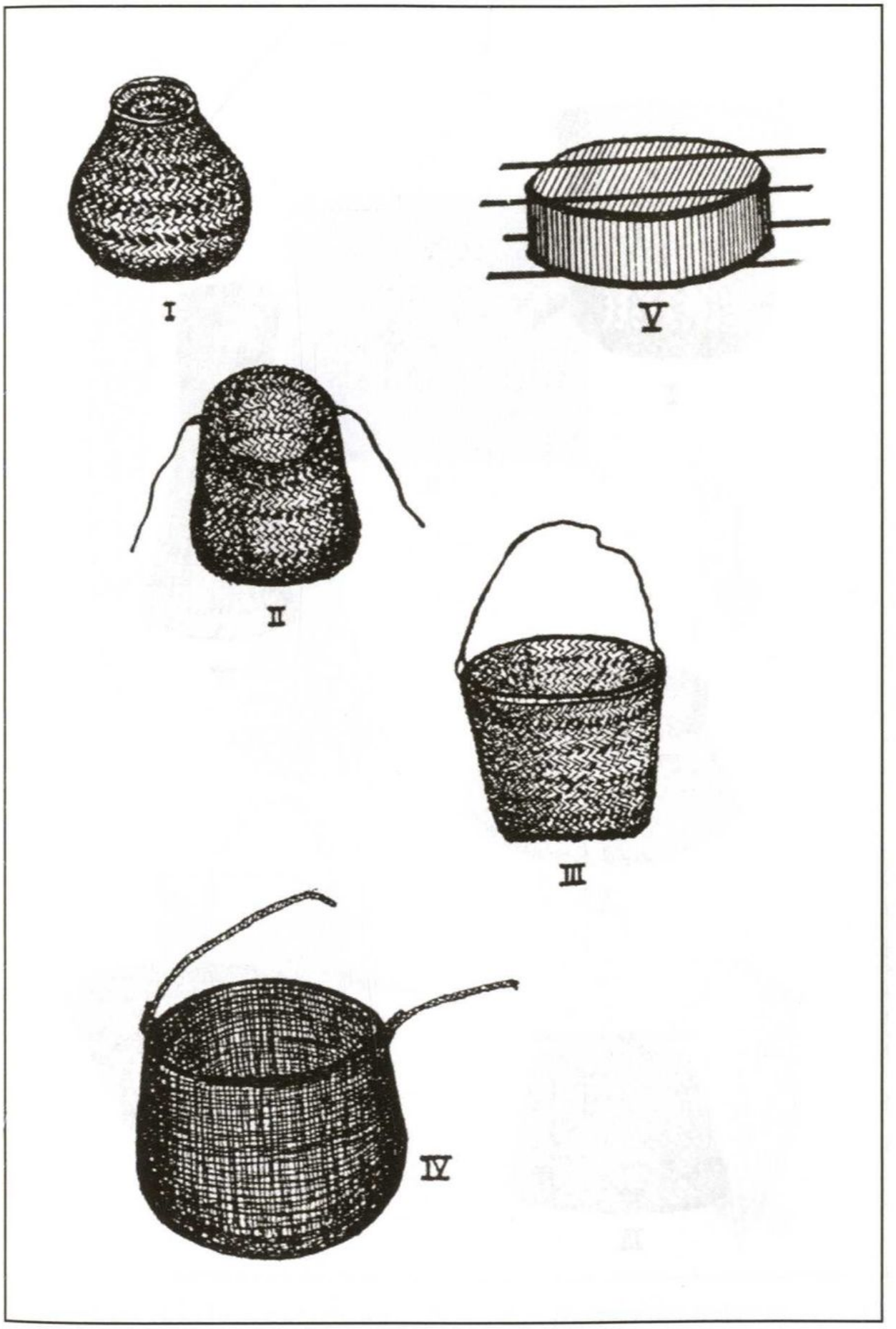
V – (Tupeua) para caça de pássaros.

VI – (Veriá) para espantar caça.

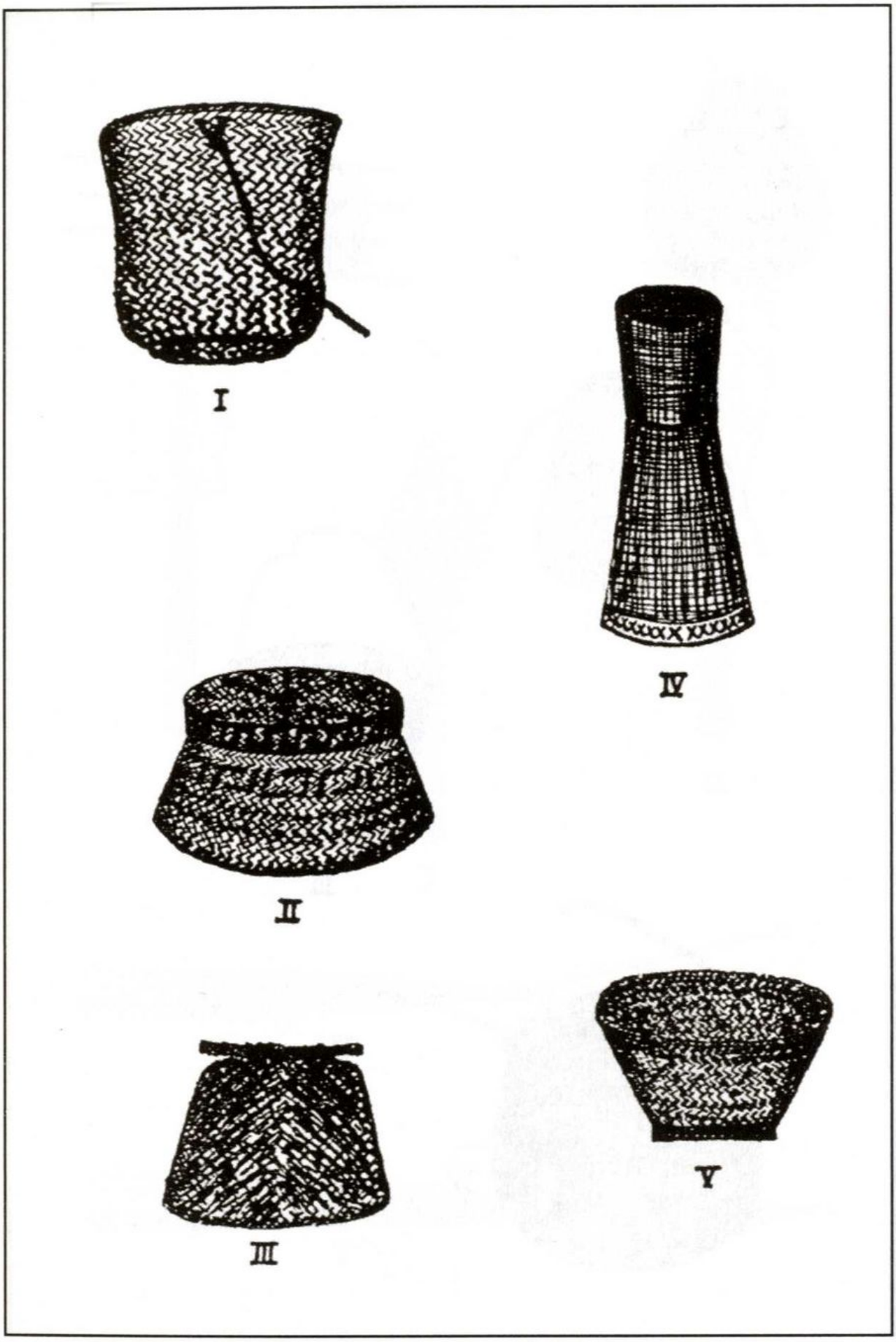
VII – (Nei) flecha de guerra.



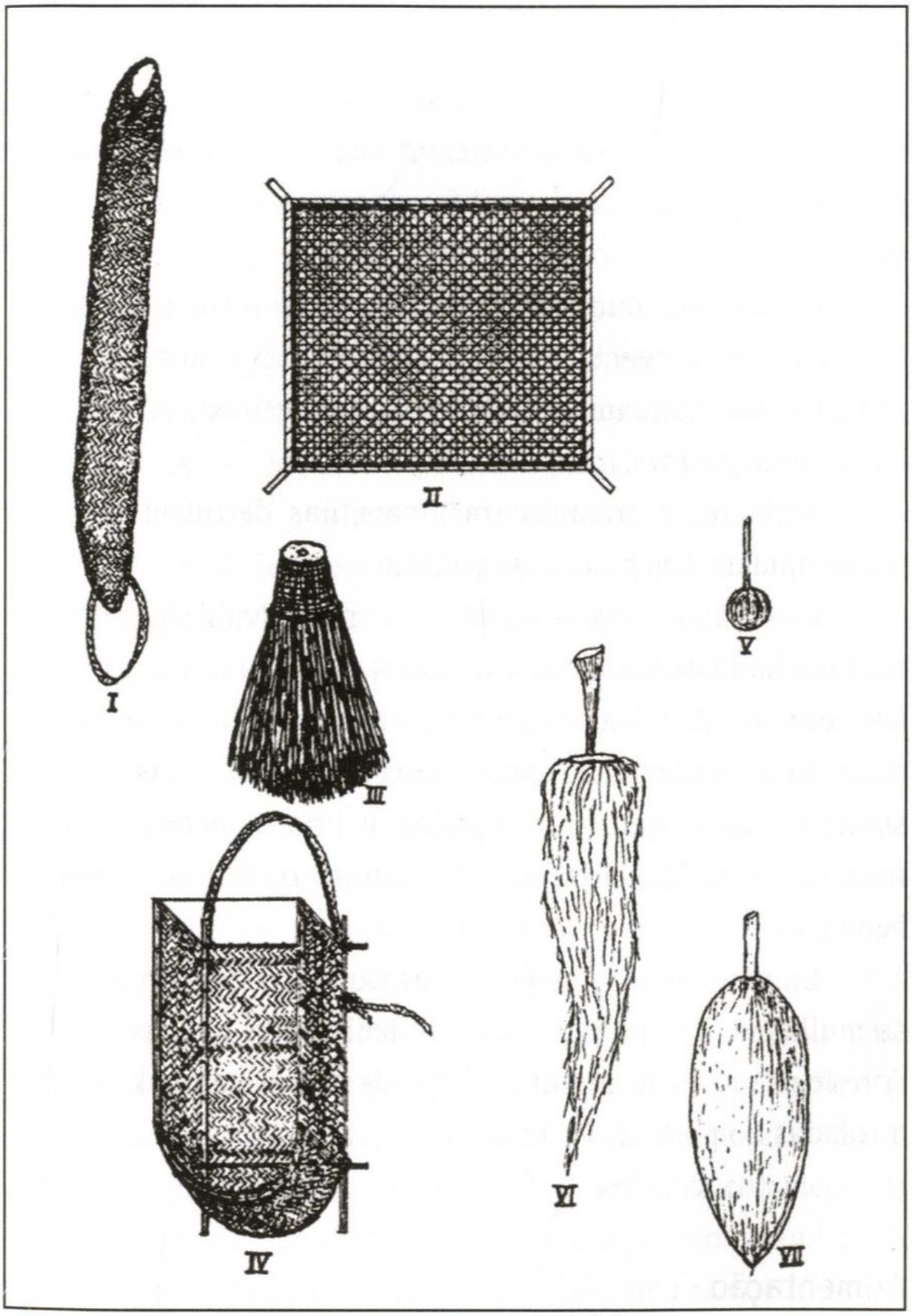
II – I) *nô-i* = flecha de taboca, para caça – II) *taquara* = flecha de guerra, de bico de ferro – III) *tupé-ain* = de taboca para aves, pássaros – IV) *húám* = zagaia, para fisgar peixe ou caça – V) *huandê* = flecha para peixe, com bico de arame.



III – I) *mocócéga* = cesto para guardar pássaros, feito de cipó-titica – II) *çuki* = cesto para pegar peixe, feito de cipó-titica – III) *uruçá-ká-in* = cesto para guardar objetos de uso – IV) *çuki* = cesto grande, para transportar caça e pegar peixe, feito de cipó-titica, com ½ polegada de malha – V) *pakará* = cesto de folha de tucumã, para guardar objetos de uso, principalmente feminino, colares, brincos, pulseiras, etc.



IV – I) *erêçakan* = cesto para pegar peixinhos, feito de cipó-imbé, com três palmos de fundo – II) *uru* = cesto para guardar fumo, isqueiro, objetos de uso, feito de arumã – III) *membé* = abano, feito de guia de palha de tucumã – IV) *êharin* = cesto ou aturazinho, para carregar farinha – V) *maiá* = balaio para objetos de uso, feito de palha de arumã.



V – I) *mohoró* = tipiti = cilindro feito de tala de palmeira jacitara pura que nele se ponha e esprema massa de mandioca ou polpas de frutos para farinha ou vinhos – II) *panancu* = peneira, feita de arumã – III) *çauré* = vassoura – IV) *curivô* = jamaxi = balaio grande, feito geralmente de cipó-titica, para nele se carregar batatas, raízes, milho, produtos das roças – V) *paramatori* = palmatória, miniatura desse objeto, feita no endocarpo do tucumã – VI) *uaquêiô-i-uató-uaipoçap* = espanador feito da cauda do macaco parauacu ou macaco-cuxiú – VII) *paró* = pá, feita de pau-ferro para mexer farinha no forno.

Trabalho

No plantio e na colheita, o regime é de *putirum* ou *puxirum*. Mas pode haver, também, pagamento, em gêneros, em objetos de uso.

Se um indivíduo encarrega outro de fazer um trabalho na roça ou uma viagem, sempre o faz diante de uma cuia de guaraná, que chamam "çapó". E paga-o, a gêneros ou com trabalho, num *putirum*.

Mulheres e crianças trabalham nas derrubadas e nas roças; ajudam nas pescarias, também.

Nas atuais relações dos *Maués* com os civilizados, além de ofícios e habilidades várias – algumas registradas, entre outras, por Lourenço da Silva Araújo Amazonas –, foram eles levados à extração de madeiras de construção civil e naval (pois é riquíssima a região do médio e alto Andirá) e, principalmente, do pau-rosa, empregando-se mesmo nas usinas onde esse vegetal é beneficiado.

Empregam-se, também, a particulares, como domésticas, as mulheres, e os homens como trabalhadores braçais, plantadores e piladores de guaraná, moços de convés nas embarcações arroladas no porto de Parintins.

Alimentação

Apreciam todas as frutas silvestres e comem-nas freqüentemente. Quanto aos produtos da lavoura, milho, arroz, man-

dioca, batatas, carás, castanhas, os *Maués* os consomem, ora com abundância, ora com parcimônia. E são obrigados a jejuns freqüentes, em conseqüência. Como não podem caçar todos os dias e porque a caça rareia, nesta ou naquela zona, quando a conseguem... fartam-se. Os cães, geralmente famintos, também se fartam. Têm práticas de abstenção e preferências; e, tanto da caça como da pesca, exigem os *morceaux du roi*. Essas peças algumas vezes são cozidas e outras assadas, moqueadas.[12]

Entre os *morceaux du roi* distinguem: da guariba, o gogó, o fígado, as mãos, geralmente gordas; do veado, os quartos e o fígado. Das tripas deste quadrúpede, como dos demais animais, fazem um prato, *imêen-pêmon*: – mojica de bucho.

Apreciam o inambu assado e o cojubim, igualmente. O mutum é cozido e também assado. Comem formigas. A saúva é torrada, pilada e transformada em paçoca. O mesmo fazem com o cupim. Torrado, seco ao moquém, onde o põem embrulhado em folhas de bananeira, é comido saboreadamente. Achamos o prato excelente, com um gosto de terra.

As parturientes e as moças, por ocasião do primeiro fluxo, estão sujeitas a abstenções e a preferências. As moças comem urupês, apanhados pelos pais na roça. As parturientes, depois de um mês de resguardo, bem como o marido, depois de um regime de mingaus e "çapó", assim que a criança completa um mês, e, às vezes, mesmo quinze dias, comem um inambu. As moças comem tucano e inambu. Apreciam uma rã que chamam *marau*. No lugar Marau, acima de *Maués*, domina esse batráquio.

III – Um mestiço de Maué, com duas mãos de pilão, pesadíssimas, utilizadas na trituração das sementes do guaraná.

Nascimento

Quando nasce uma criança os pais são sujeitos a resguardo. Só comem saúva, urupê e "maniuara", que é um formigão das terras. Antes do parto, para que o mesmo não seja trabalhoso, banham os quadris da mulher com água e cinza da caveira de paca. Usam, também, nesses banhos, a casca de ovos de aves.

Puberdade

Os cronistas da tribo, como Martius, descrevem exageradamente as cerimônias concernentes à entrada das meninas na puberdade. O resguardo é longo, dura dez meses. Só depois disso podem andar e dançar. Só comem inambu, tucano, urupê, formigas. Não comem peixes nem caça grande. A festa da puberdade dos rapazes não foi bem descrita por Barbosa Rodrigues. Numa dança da *tocandira* são ferrados, indistintamente, meninos desde a idade de seis anos e rapazes até com vinte anos. Nessa idade a festa tem outra significação. O que recolhemos a respeito nos autoriza a afirmar que a descrição de Barbosa Rodrigues está incompleta. Nessa festa, já hoje, não há mais o emprego do paricá. A bebida típica é o tarubá fortíssimo, cuja embriaguez, dizem, dura trinta dias.[13]

Vale a pena transcrever aqui a página intitulada *A Emancipação dos Maués*, de Barbosa Rodrigues, publicada na *Revista da Exposição Antropológica Brasileira* (1882):

"Data, pois, da época hostil entre essas tribos (Mundurucu e Maué) a festa da *Tocandira* ou *Veaperiá*, festa que faziam anualmente para escolha de guerreiros de coragem provada, festa que intimidava os Mundurucus. Se estes eram numerosos, os Maués eram valentes e sofredores.

Para se poder avaliar a tortura dessa festa é mister conhecer o que é a tocandira.

Tem esse nome entre os tapuios ou veaperiá entre os *Maués*, uma formiga do tamanho de uma caua vulgar, ou maribondo, que além de morder, tem como este um ferrão, e chega mesmo a causar a morte. Cientificamente é conhecida por *Cryptocerum atratum*.

Por experiência própria, conheço a dor que produz a ferroada.

Não conhecendo então essa formiga, apanhei uma, que, ferrando-me no dedo polegar, trouxe, além de uma dor intensa, o arroxeamento do dedo, febre e calafrios que duraram mais de vinte e quatro horas, apesar da aplicação da amônia.

Pois bem, essa formiga, que para os *Maués* é considerada como uma divindade, é a que é empregada aos centos para provar não só o valor, como capacidade de sofrer.

Como corra, não só em obras recentes, como antigas, copiadas uma de outras, sem observação, que esta festa é dada com o fim matrimonial, e como em nenhuma se descreve essa festa, e se pense que há uma só prova, passo a descrevê-la, rapidamente, com o fim de tornar também conhecidos os instrumentos que se acham expostos no Museu Nacional, no armário 140, e relacionados no catálogo que publiquei.

Biblioteca Pública do Amazonas

Ainda o *Jornal do Commercio*, de 30 do corrente, dando notícia da Exposição Antropológica, diz: "Que estão nella expostas luvas *Mauhés* para o concurso entre pretendentes ao casamento".

Quando investigava a natureza do Amazonas, atravessei a pé, por terra, as denominadas *terras dos Maués*, que vão do rio Tapajós ao rio Mauhé-Açu, no Amazonas, onde está a tribo dividida em *malocas*, e aí tive ocasião de colecionar os instrumentos dessa festa martirizante e assistir a ela por espaço de dois dias.

Como já em outro trabalho (em *La Vallée des Amazones. Notes d'un naturaliste brésilien.*) trata-se largamente dos Mauhés, aqui, a largos traços, descreverei a festa.

Tradição e uso de seus maiores, os Maués, hoje como então, ainda fazem com toda solenidade essa festa, hoje sem razão, por não haver necessidade mais de provar bravura, por estar a tribo dizimada e quase toda mais ou menos civilizada. Com tudo ainda hoje o *Maués*, que não passou pela prova da tocandira, é considerado como um pária.

Anualmente da maloca do chefe parte o sinal da festa, que, repercutido de maloca em maloca, vai do Pará ao Amazonas. A esse sinal, prepara-se o *caxiri* e o *tarubá*, bebidas inebriantes que animam a festa, e começam as caçadas; moqueada a caça, é guardada para os dias da festança, que é esperada por outro sinal.[14]

Ouvindo-se este, de todas as malocas partem os neófitos, e as donzelas com seus pais, carregados de caça, potes de bebidas e de tocandiras se dirigem para a *maloca-açu* ou do tuxaua.

As tocandiras que andam aos casais, são apanhadas e guardadas em um longo colmo de aquaraçu, a que chamam *tuntun*, e aí guardadas até a véspera da festa.

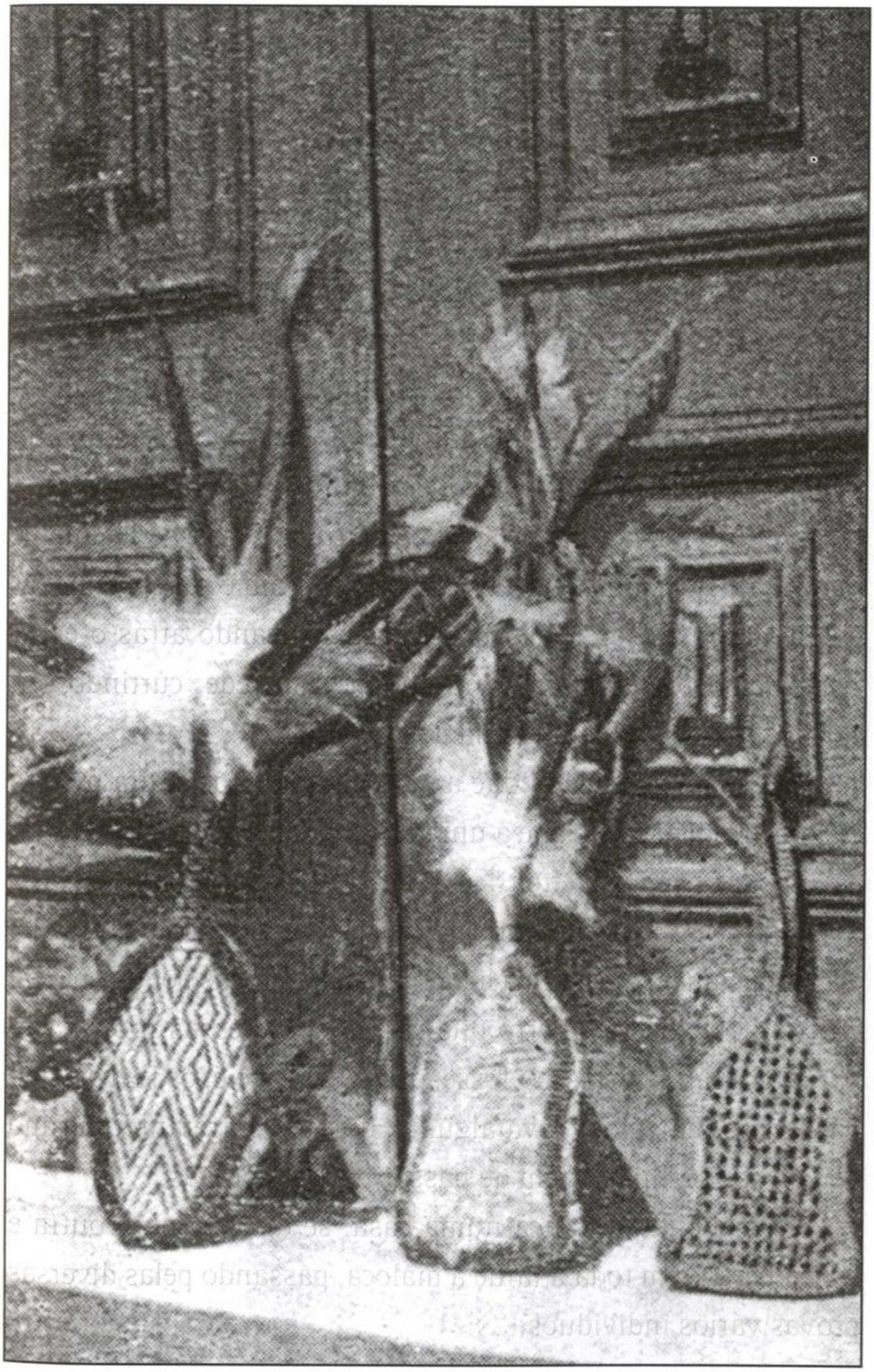
Nesse dia despejam-se as formigas n'água, e ficando elas entorpecidas, são metidas entre o trançado de uma bolsa de palha que se adapta à luva. Ficam com o abdômen para dentro, isto é, para a parte que tem de ficar em contato com a mão ou braço.

Sete são as provas por que passam os jovens Maués para criar foros de valente e gozar dessas regalias. Para as três principais há uma luva especial, a *sari*; para as três outras, outra luva que cobre todo o braço, a *sari-pin*; e para a última, outra só para a mão, a *yapêrepê* (Todas essas luvas são feitas de fino tecido de palha, rematadas com um penacho de penas de araras e de gavião-real).

Esta é a mais terrível, porque o indivíduo tem de meter a mão na luva cheia de formigas, soltas e embravecidas, e revolvê-las na mão.

Disposto tudo para a dança, reúnem-se em frente à casa do tuxaua a multidão: os homens formam um grande círculo, dentro do qual, em outro, sentam-se as mulheres, ficando no centro o tuxaua com as diversas luvas, tendo sido previamente expostas ao ar, apresentam então as formigas reanimadas e enraivecidas por serem presas. Rompe a festa, a um sinal dado pelo tuxaua com o *cotecá*, e começam os cantos acompanhados pelo toque de tamborinhos e de *mimés*, que é uma espécie de assobio de taquara.

Então o tuxaua, no centro, de *cotecá*, e luva em punho, convida aqueles que têm de passar pela primeira prova, ou pelas



IV – Três tipos de saris ou luvas para a Dança da Tocandira.

outras, a romperem o círculo e a começarem a dança. Um dos jovens valentes se apresenta, e o tuxaua, lançando uma baforada de fumo, tirada de um grande cigarro de *tauari* sobre as formigas, as desespera mais e enfia a luva na mão do paciente.

Este, então, canta e dança, se é que dança se possa chamar trejeitos e saltos, urros e gritos, dados com cara alegre. Assim percorre o espaço do círculo aberto, entre os aplausos da tribo até que, sendo solteiro, alguma mulher dele se compadeça, e rompendo o círculo, vá lhe tirar a luva, ou então que o tuxaua julgue suficiente a prova e ele mesmo tire.

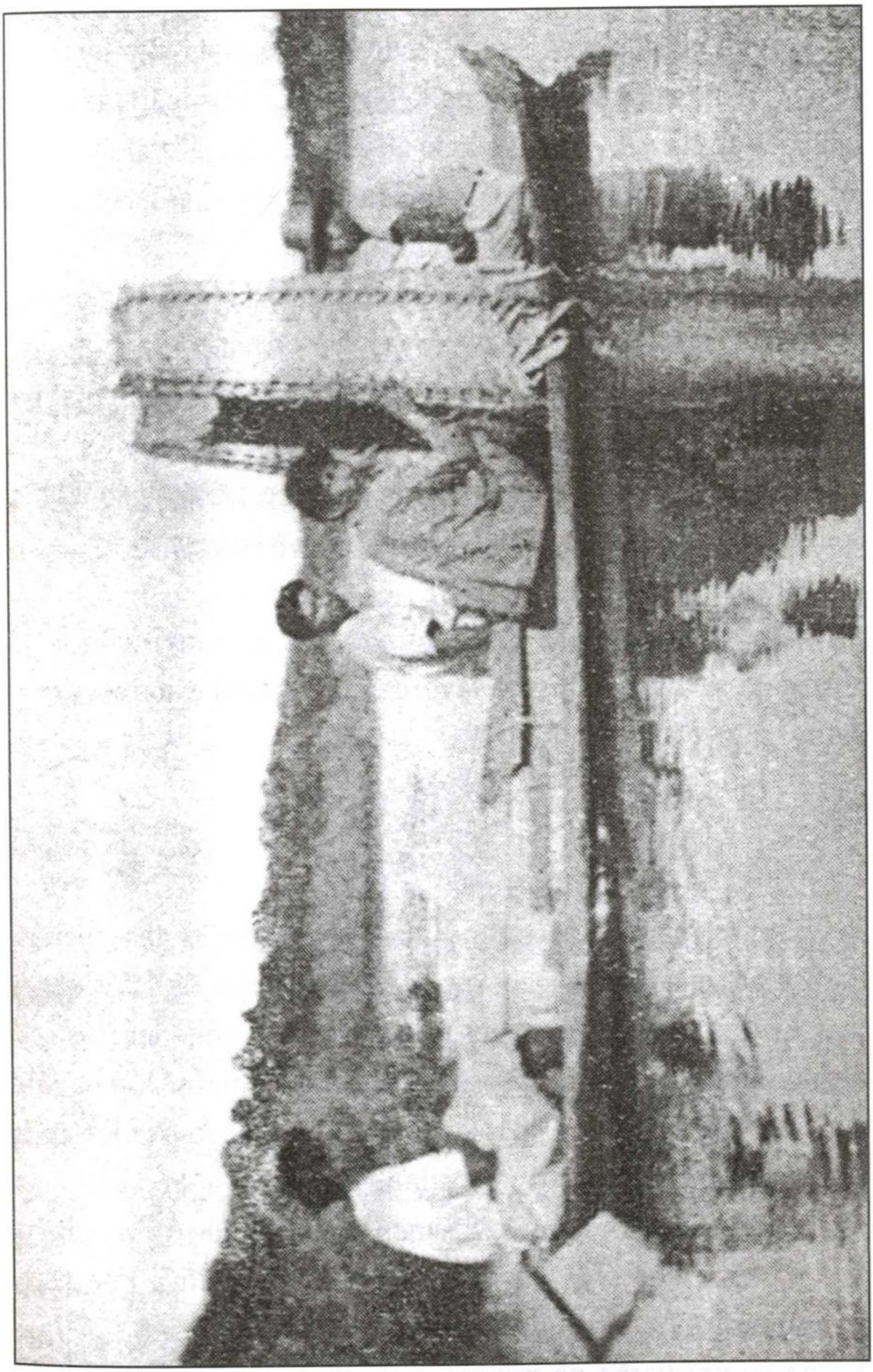
Então o tuxaua faz soar o *cotecá*, a turba se levanta e segue para a frente de outra casa, onde param e se repete novamente a dança, sendo outro o paciente, ficando atrás o escolhido e sua protetora, ou atirado em uma rede, curtindo seu sofrimento, se mulher alguma dele se agradou.

Cumpre notar aqui que a mordedura de tocandira produz efeitos afrodisíacos, e que a união imediata dos sexos faz cessar as dores e os maus efeitos.[15]

Se o que sofre o martírio tem em provas anteriores se casado, é a mulher quem lhe retira a luva nas outras provas por que passa.

Daqui nasceu o erro que corre de que essas provas são para casamento. Se assim fosse, os *quivus*, isto é, os *viúvos*, não passariam mais por prova alguma, quando entretanto, mesmo depois de escolhidos, têm de passar por sete provas.

Terminada a dança numa casa, se dirigem para outra e assim percorrem toda a tarde a maloca, passando pelas diversas provas vários indivíduos.



V – Enterro de uma criança Maué.

Anoitecendo, reúnem-se todos na ramada da casa do tuxaua e aí em danças, cantos e folguedos, acompanhados de libações de *caxiri*, vão até quase ao amanhecer, alumiados por grandes bolsas de estopa impregnadas de breu, acesas, que produzem uma luz avermelhada e enfumaçada.

Dura a festa tantos dias quanto são precisos para que todos os que não sofreram as provas, as sofram.

Resumindo: as três primeiras provas sofrem-se na palma e costa de uma das mãos, as três outras no braço e a última na mão. As primeiras com as formigas presas e a última com elas soltas. Passadas essas provas, tem o Maué a sua emancipação e pode aspirar o lugar de chefe.[16]

Terminadas as festas, voltam todos às suas malocas e entregam-se à sua indústria favorita do guaraná e aos seus trabalhos agrícolas.

* * *

As ferroadas das tocandiras não são aplicadas apenas nessas provas de iniciação; os *Maués* acreditam na ação curativa do ácido fórmico, que lhes é peculiar, pois, quer nos acessos de paludismo, quer nas gripes, quer noutra enfermidade qualquer, cuidam de aplicá-las sobre a parte do corpo onde presumem estar localizada a moléstia.

Páginas atrás, quando fizemos ligeiro estudo comparativo dos *Maués* e dos seus vizinhos, na área geográfica que ocupavam outrora, mostramos que os ritos e as cerimônias de iniciação de um varão na puberdade podiam levá-lo a unir-se a

uma jovem, mas não era uma decorrência inevitável da prova a que o jovem, entrado em puberdade, se submetia.

* * *

No que concerne aos ritos e cerimônias a que, necessariamente, devem ser submetidas as mulheres entradas em puberdade, a existência da casa, a elas especialmente destinada, chamada *Méhuât Hariagat*, nos induz a considerar que, embora não a festejem tanto, ela tem uma significação social de grande importância entre os *Maués*.

Também ali observamos que esses ritos eram diversos dos ritos respeitados pelos Mundurucus em face da puberdade da mulher.

Morte

Enterram hoje seus mortos em cemitérios à margem dos barrancos, pondo-lhes nas covas os objetos de uso. Quando morre um tuxaua, toda a população que lhe está diretamente sujeita faz grandes demonstrações de pesar e desespero; e, se o tuxaua é geral, guarda luto durante um ano.

A família "guarda-se", não comendo nenhum peixe pegado a anzol ou com timbó. Não comem caça reimosa nem bananas.

Assistimos a um enterro, isto é, ao transporte do cadáver de menina morta de febres. Haviam deitado o corpinho sobre

uma tábua, achegado outras de ambos os lados e posto outras mais sobre o cadáver, amarrado tudo, à falta de pregos, com envira. Neste mesmo trabalho, páginas atrás, ainda relativamente à morte, escrevemos: "A presença de urnas funerárias, em vários pontos da área geográfica onde viveram outrora os *Maués* – algumas ainda hoje são encontradas à frente da matriz da cidade de *Maués* –, insinua, desde logo, a dúvida de que essa tribo conservasse os seus mortos, mumificados em casas especiais, em companhia de ídolos de pedra, pois os descendentes atuais desses índios as apontam como sendo de seus antepassados".

Festas

A principal é a *Dança da Tocandira* ou *Festa da Tocandira*, descrita por Barbosa Rodrigues. É uma festa de extraordinária importância e significação social e religiosa; é uma festa de iniciação, como vimos no depoimento daquele naturalista, de grande movimento e beleza. Um dos seus mais preciosos aspectos é o do canto, da exortação lírica para o trabalho, para a guerra, para o amor. Alguns dos motivos que colhemos são de um impressionante lirismo.

O tuxaua Honório, sentado numa rede, brincando com um dos netos, ia-o iniciando nos passos da dança e, paralelamente, cantava trechos dos versos que costumam cantar os iniciados e um dançarino que os acompanha durante toda a dança.

VI – Teófilo Tiuba e um músico popular fazendo anotações de músicas e cantos dos Maués.

Os *saris*, luvas de palha e de plumas, que o iniciado calça para ser ferrado por dezenas de tocandiras, são admiravelmente trançados.

Penas e plumas de aves – algumas vezes dos totens a que está ligado o paciente –, de cararás, de gavião-real, recobrem alguns deles.

Cocares são confeccionados com penas e plúmulas das mesmas aves.

Guardamos de memória alguns dos motivos dos cantos comuns a essas festas; mas, graças a Teófilo Tiuba, que nos acompanhava na viagem ao Araticum, pudemos registrar-lhes, também, a música.

Ei-los:

I

A ORIGEM DA TOCANDIRA

Mê pémun té andém sari
Mê pémun cori té andém
Mecoó arroó-ui
Aitó unambi optiá capé
Aiuépit mambac ramoap
Oipó-été, sari quién.
En qué-épó été-té én
Oitó qué uatzi été
Eçó renemgué rupi-i
Icahó urré sari

Ipain apossaou rocát
Mangou aporrin ipai
Comaró tan êpêetat
Queôssou queôssou, êpêpatêat
Uenô pê tritan êpeateât
Mequétan an oitó
Uatócóssab acoitó

ESTRIBILHO*

Uri pai côtô
urui sari

Tradução

Tatu grande fez sair tocandira
Tatu pequeno fez sair tocandira viva
Para cá para os moços se ferrarem
Para ficarem espertos
Em minha mão tocandira ronca
Tatu grande: Você se ferra só na mão?
E eu, que é em toda parte?
Assim fala o Tatuzinho:
É bonito o lugar da minha tocandira
Enfeitado de vermelho
E de pena de gavião-real

* O estribilho é sempre repetido após cada verso.

E do toco do cumaru
E do toco do ingazeiro
E do toco do cipó-chato.
Assim eu era antes.
Mas nós havemos de passar...

ESTRIBILHO

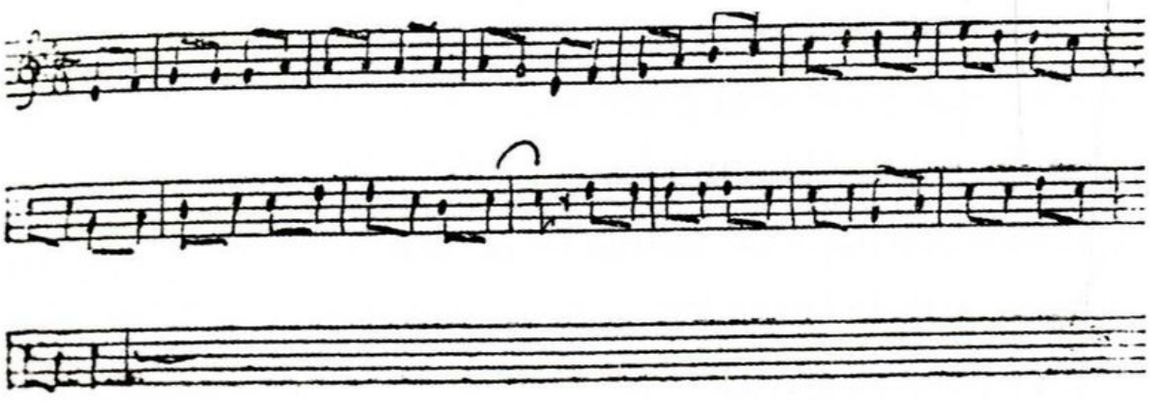
Urui pai côtô?
Urui côtô urui sari

Tradução

E nós sacudimos enfeites
sacudimos enfeites em nossa tocandira

CANTO DO GUARANÁ

Dos índios *Maués* (Coleção Nunes Pereira). Recolhido por T. Tiuba.



II

(*Aré quén quén*)

Atuó uaranarê
Arapê – aurú súma
Oitó queque murequát
Meicó-pé mangô papêen
Uaranarê petemoat
Mossotiro merainon
Tapêg uambiá
Quinaripiá – tuambé
Teréeté ameap-toté
Areingué arenambin
Arrénoin uenaim-bindáp
Uaiti arenambin
Inú areté toponón

ESTRIBILHO

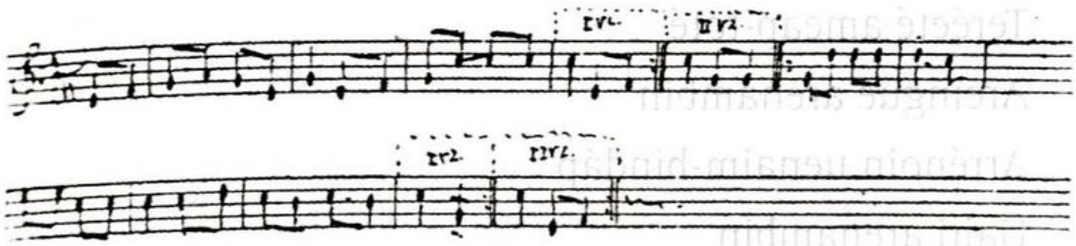
Are tuierut

Tradução

Eu bebi çapó
Fumei cigarro
Para cá está pataú?
Lugar de çapó

Foi Mossotiro que fez
Do seu guaraná que estava
Na cuia de çapó
Em cima da pedra
É isto o que eu penso
Eu dei conselho
Eu estava pensando lá em cima
É menino de verdade

CANTO DO MIRITIZEIRO



Anotação musical feita por T. Tiuba. Coleção Nunes Pereira.

III

Supé-uát passauêpia uiépoté	*(bis)*
Uruiêp compaiá uiépoté	*(bis)*
Iriman-pó apê-uó	*(bis)*
Uentúp eu paia tát	*(bis)*
Urecê aré toram	*(bis)*
Ahacupêro paiá	*(bis)*
Ariúqueré meenó	*(bis)*

Atopossauriá meenó *(bis)*
Paiá uenti épnang-miat *(bis)*
Uiápainá aiú-á *(bis)*
Paiá carerê eteat *(bis)*
Magarét paiá sat-pé *(bis)*
Carú uenambin capé *(bis)*
Carurú rêp-ieteat *(bis)*
Uauriri sem-bê eteat *(bis)*
Mupé-ran sem-bê eteat *(bis)*
Aterora passauétá *(bis)*
Passossó papairá-piá *(bis)*
Aterora uirrunuó *(bis)*
Ihuembê néen-moteat *(bis)*
Aterora uicó-toté *(bis)*
Ihatú garro ipoteat *(bis)*
Passaton-gueri membêt *(bis)*
Cuê-pê mió maram pang-pang-é *(bis)*
Mipotát-uitó rap toté *(bis)*

ESTRIBILHO

Ipossou uémin tiran

Tradução

Quando eu disse que aquele miritizeiro
Nós derrubamos ele ficou envergonhado
Bateu com a pata da anta naquele miritizeiro

Só uma fruta de miriti caiu
Quando eu estava bem com fome
Eu amarrei a cintura do miritizeiro
Com bucho de preguiça
Eu dei de comer ao filho do passarinho
Parasita do miritizeiro seco
O miritizeiro se encheu e aromou
Da flor do miritizeiro
Flechou no cacho do miritizeiro
A arara estava escutando o conselho
Mosquito do erval
A baixa do portozinho
Curuatá do miritizeiro
Eu trouxe o filho do passarinho
O ninho do passarinho
Que estavam na folha do miritizeiro
Eu trouxe para companheiro
Do meu xerimbabo
Era um passarinho muito esperto
Eu trouxe na palma da minha mão
Por ser pintado e bonito
O passarinho do miritizeiro
O Sapo está trabalhando
Quando ele ia andando

Casamento

As uniões se fazem, às vezes, como uma imitação do casamento do civilizado.

A regra, porém, é a união ao capricho dos instintos. A mulher, púbere, se une a um homem, ao fim de um simples entendimento.

O tuxaua do Araticum, que viveu com uma família de nordestinos, no Paraná do Ramos, disse-nos haver estabelecido que nenhuma moça ali se casaria com idade abaixo de dezoito anos. Os demais tuxauas não nos revelaram interferência nessas uniões. E não há cerimônias especiais.

Barbosa Rodrigues, descrevendo, no tratado da emancipação dos Maués, a festa *Veaperiá*, pretende que, anualmente, ao ser a mesma realizada, à ordem do chefe da maloca, e em presença dos pais, o neófito recebia a sua companheira, que dele se compadecera, assistindo à iniciação, da qual o uso do sari, fervilhando de tocandiras, era a prova mais cruel.

Hoje em dia pode ocorrer uma dessas uniões, por ocasião da festa da Tocandira – quer inspirada pelo sentimento de piedade, quer por outro qualquer –, mas não quer dizer que isso seja obrigatoriamente respeitado por tradição ou por convenção social ou religiosa.

Basta saber-se, como acima dissemos, que desde a idade de seis anos, meninos tomam parte na festa (de iniciação) da tocandira.

Também não acreditamos que o contato sexual atenuasse as dores causadas pelas ferroadas das terríveis formigas, pois, com

esse intuito, os *Maués*, na referida festa, bebem grandes cuias de tarubá fortíssimo, cuja embriaguez, dizem, dura trinta dias.

O tuxaua intervém sempre em tais uniões; é aos pais do pretendente da moça, sobretudo, que se deve o consentimento. Em geral, o moço pede aos pais da requestada consentimento para a união, e esses, depois de longo e cuidadoso conselho, consentem.

O casal vai viver em barraca própria, mas está sujeito à vontade do sogro, trabalhos, etc.

As famílias são patrilocais (Curt Nimuendaju).

Totemismo

A vegetais e animais, principalmente, recorriam os *Maués* como a protetores ou deles se diziam e dizem ainda oriundos.

As suas "nações" ou *clãs* se denominavam por isso: *Assay, Çatêré, Uarana, Nap-uá-nan, Acorêriua, Ainturia* e *Huiria*.

Carl F. Von Martius enumera as seguintes "hordas": *Tatus, Tassinás, Jurupari-pereira, Mucuins, Xubarás, Uú-tapuujai, Guaribas, Inambus, Jauarete, Saucanes, Pirá-pereira, Caribuias*.

A cerimônia de queimar o caçador as penas das aves abatidas se prende, naturalmente, à crença em tais totens. E a arte plumária, em que tanto sobressaíam os *Maués*, devia ter tido como origem o culto de totens tais o gavião e outras aves.[17]

Depravação

Não conhecem certas depravações sexuais em que se salientam outros povos tupis.

Ridicularizam sempre o civilizado que disso cuida, pedindo-lhes receitas afrodisíacas.

Não empregam as ferroadas de formigas como excitantes e congestionantes dos órgãos sexuais, tal qual faziam os Parintintins.

Asseveraram-nos, entretanto, que a ferroada da formiga taoca dá à vítima um grande poder de atração e domínio sobre as mulheres.

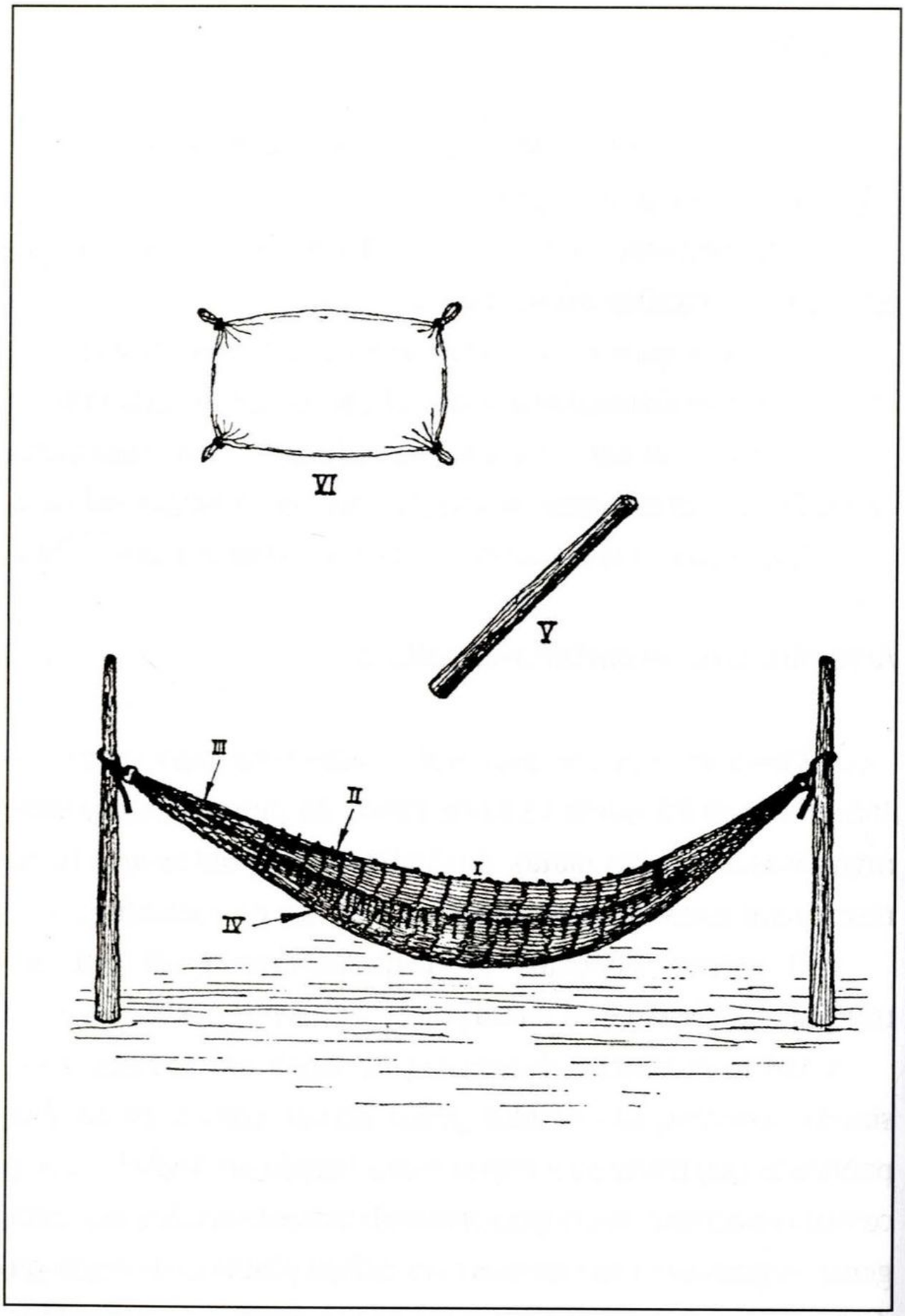
A ferroada da taoca, como se sabe, dói vinte e quatro horas.

Arte plumária-espartaria-escultura

Dessa arte pouco material se encontra hoje, entre os *Maués*. Ainda há quem se saiba servir da plumagem das maravilhosas aves das matas do Andirá, mas toda a arte ficou restrita aos *saris* e aos cocares para a Dança da Tocandira.

O mesmo podemos dizer da espartaria ou arte do trançado, da fiação e da tecelagem.

Urus, paneiros, cestos, puçás, peneiras, abanos, vassouras, jamaxis são tecidos pelos *Maués* com a palha das palmeiras existentes nas matas e nos igapós do Andirá. Hoje é comum encontrar-se chapéus magnificamente tecidos por essa gente. Alguns urus são tecidos com palhas pintadas de negro ou de vermelho. O formato de alguns urus lembra o de habitações asiáticas. Esculpem aves e pássaros – toda a fauna ornitológica do Andirá – no endocarpo do tucumã, à ponta de canivete.



VI – I) *enim* = rede – II) *enim-ambé* = beira da rede – III) *enim-enarô* = punho da rede – IV) *enim-pê* = fundo da rede – V) pau de caraná (âmago) para bater o algodão – VI) *muquiô-çupétên* = almofada, contendo paina de sumaúma, para sobre ela bater-se o algodão.

NOTA – A tecedeira da rede se chama *haripoia-enim-nun-pê* – A palheta se chama *enim-totúháp*, e tem a forma de uma régua, de pau-d'arco, para com ela bater-se o algodão – O bastidor se chama *enim-pueri-há*.

Bebidas e entorpecentes

A bebida típica da tribo, a de maior significação religiosa e social, é o *çapó*. Essa bebida é o próprio guaraná ralado na ocasião, geralmente pela dona da casa. O pão de guaraná é atritado contra uma pedra de grão finíssimo, o que permite obter-se um pó facilmente solúvel na água.

Há um ritual a respeitar-se por ocasião de uma bebida coletiva de *çapó*. O dono da casa, tomando da cuia, que lhe é posta diante, equilibra-a sobre um suporte, de modo a manter o líquido num plano horizontal. As demais pessoas presentes, depois que o dono da casa bebeu, se vão servindo sucessivamente da direita para a esquerda.

Os *Maués* a todo instante estão dispostos a tomar *çapó*. Eles acreditam que, bebido associadamente, favorece todos os negócios, dá alegria e estimula o trabalho.

O "tenente" Manuel Francisco da Silva, tuxaua dos *Maués*, residente em Vila Nova, no alto Andirá, explicou que o guaraná, também, "tem o valor de uma *patente*, do *'aiuêçaikã-ráp'* ou *Porantim*. O guaraná é bom para fazer chover, para proteger a roça, para curar certas moléstias e prevenir outras, para fazer vencer na guerra, nos amores, quando dois rivais pretendem a mesma mulher.

Não acreditam, porém, que essa bebida seja afrodisíaca. Acham que a formiga taoca é que tem essas virtudes... Ridicularizam o civilizado apontando-lhe outras práticas. Como acima dissemos, não usam mais o paricá. Desconhecem o ipadu.

Relativamente ao paricá *Mimosa acacioides* Benth, os velhos *Maués* confirmam o seu uso outrora, verificando nós que Antonio Serrano, baseado em Alexandre Rodrigues Ferreira e em Ladislau Neto, foi exato no descrever o *'suican'*, o *'iduá'*, o *induámena*, o *tapixana*, o *japuruxita*, a *plancheta* de madeira e os dois ossos de ave que constituem o material utilizado pelos aspiradores de paricá.

Não se deve esquecer que o paricá não era um entorpecente de uso comum apenas a viciados; os pajés o aspiravam nas suas funções e, entre baforadas de fumo, cânticos e danças ritualísticas, se empenhavam em atingir o *transe*, que é a finalidade desejada para se entenderem com as divindades, quer das águas, quer das selvas, com quem estavam familiarizados.

Um entorpecente novo foi introduzido pelos civilizados na vida dos *Maués*, segundo me informou o Dr. Paulo Marinho, natural da cidade de Maués: trata-se do dirijo ou diamba.

No lugar Aldeamento de Santo Antônio do Paracuni, no paraná dito de *cima*, os índios, os mestiços, principalmente, consomem o dirijo, associando-o ao fumo dos seus cigarros e cachimbos.

Visitando, anos depois, o Repartimento, no rio Maués, Campinas, Marau, Corocoró, rio Preto, deram-nos notícias desse vício, introduzido de longa data.[18]

Língua

Ao fim deste trabalho inserimos um vocabulário comparativo da língua maué, por nós organizado com um material colhido a vários informantes e os vocabulários de Curt Nimuendaju e Teófilo Tiuba.

Nosso principal informante foi o "tenente" Manuel Francisco da Silva; também ao tuxaua Antônio Alexandre de Carvalho, do lugar S. José (Ponta Alegre), rio Andirá, Estado do Amazonas, ficamos devendo preciosa contribuição.

A respeito dessa língua, diz Curt Nimuendaju: fundamentalmente é *Tupi* mas difere do *Guarani-Tupinambá*. Quanto à gramática, tanto quanto lhe permitiu a análise do material, é Tupi. Para esse autor o vocabulário maué, entretanto, contém um elemento que é completamente estranho ao Tupi, mas o qual não pode relacionar-se ao de nenhuma família lingüística.

Se Curt Nimuendaju tivesse tido oportunidade de estudar os cantos da Festa da Tocandira, que aqui estamos divulgando pela primeira vez, suas conclusões seriam, seguramente, pela existência do "Maué antigo" a que se referem os descendentes de Uaciri-Pót.

Em represália às perseguições e excursões punitivas, que os portugueses lhes moveram, os Maués proibiram as suas mulheres de falar a língua portuguesa. Privando-se com elas, sente-se que algumas têm o desejo de falar, mas não o devem fazer; e não o fazem. Outras, cujos pais e irmãos falam português, denunciam que o compreendem.

Nas danças, as mulheres casadas são excluídas; só dançam as solteiras.

E respeitam tanto esta como a outra proibição.

Pajés

Antigamente os pajés da tribo eram poderosos. Nas lendas do ciclo do *Porantim* aparecem animais, sobretudo os aquáticos, que eram pajés ou feiticeiros. Todos os peixes de pele, reimosos, eram feiticeiros. Os "muricariua", da *Lenda do Timbó*, eram donos da Água. O Jeju vivia no poço da *Primeira Água*.

Hoje, ainda há pajés, curadores e feiticeiros. Manuel Francisco Batista é um curador, exercendo as suas atividades no lugar Santa Clara. Nós o visitamos numa noite de consultas.

Pela manhã, posou para nossa objetiva, depois de prestarnos as informações seguintes:

A "arte" deles – os pajés –, a "arte de curar" se chama, em maué antigo, *Nétmôé* e o próprio pajé ou xamã ou quem a exerce *painum*.

Nenhum pajé trabalha sem ajudante, que se chama *çóhôuinhomoát*.

Os civilizados os chamam curadores, mesário, servente, ajudante, acólito.

Depois da *pena-de-arara* ou *espada do pajé*, o objeto que tem papel mais importante às mãos do pajé é o *marari* ou *açoá*, feito da semente do fruto da *amuncuré* – uma árvore da mata do

VII – Um pajé Maué e seu ajudante.

alto rio Andirá, de grande porte. A esse objeto os tupi da costa do Brasil chamavam *maracá*.

Vem a seguir o cigarro de palha de *tauari* (feito do líber de certas árvores) com fumo das plantações domésticas que todos os *Maués* fazem.

As bebidas e os entorpecentes que entram nas cerimônias dos pajés, outrora, deveriam ser o caxiri e o guaraná, o paricá e o fumo.

O paricá foi abolido e o guaraná, também, sendo substituídos pela cachaça e pelo dirijo, diamba ou maconha que o negro escravo deveria ter introduzido, ao tempo da Conquista da Amazônia.

A embriaguez obtida com a cachaça ou *marrê*, com o fumo e com a diamba leva o pajé ao contato das divindades aquáticas, terrestres e celestes. Vários pajés trabalham com *mestres*, que se chamam Anési, Rodão, Santana. O primeiro desses mestres benze "ezipla", dor de cabeça, dor de estômago; o segundo também; mas mestre Santana tira "melefício" do corpo.

Os pajés, entretanto, nunca sabem que espírito recebem; mas a verdade é que são obrigados a guardar segredo.

Os pajés dão muita importância ao sonho, que chamam *oimué*, afirmando-nos o de Santa Clara que "tudo o que se sonha acontece" e, também, ao canto, isolado ou em coro, que entoa. Um canto isolado se chama *tuépê* e muitos cantores: *terué-pé*.

Os pajés conhecem vários cantos para fins diferentes.

O curador ou pajé de Santa Clara, Francisco Batista, nos disse, que, com um pouco de vassourinha (uma rubiácea) e cachaça, em fricções, cura qualquer dor muscular; a cachaça com caferana *(gencianácea)* cura perebas e feridas.

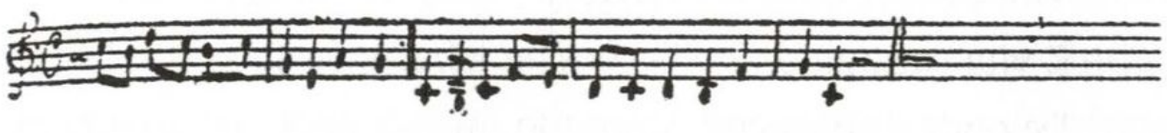
Com *miatã* ou *muira itã*, que é um afrodisíaco, conseguem rejuvenescer os velhos e impotentes. Esse vegetal lhes assegurará *yêp* ou potência.

Os pajés chamam os espíritos ou as suas divindades agitando o *marari*.

O pajé típico, de maior conceito na tribo, é Isaías Dias, irmão do tuxaua Honório, de Livramento. É ele quem realiza cerimônias que propiciam ótimas colheitas de guaraná. Todo guaranazal tem de ser, invariavelmente, "benzido" pelo pajé.

Recolhemos uma linda letra de cântico de pajé, para abertura das funções, intitulado *Aterôri*.

UM CÂNTICO DE PAJÉ*



Anotação musical de um canto de pajé dos índios Maués, feita por T. Tiuba. Coleção Nunes Pereira.

Aterôri oê-quen-moé *(bis)*
Uiué payninhiá ôpi *(bis)*

* O estribilho (mecoó = para cá) é, também, bisado, ao fim de cada verso.

Iháicé oô-quen-moé *(bis)*
Aitoi êquabatamón *(bis)*

Eiuám baicótiá capêi
Arêp arêpê tuérut *(bis)*
Quiát oiquêt-tap-capêi

Arêt arêpê tuérut *(bis)*
Iháiçé arénambên *(bis)*
Oiçá háp amôaá tôté *(bis)*

Tradução

Eu trouxe minha arte
Atrás do Papaizinho
É bonita a minha arte que eu trouxe
Para que todos conheçam a minha arte que eu trouxe
Vim benzer as criancinhas
E vim cantando
De onde durmo vim cantando
Eu vim cantando
Imagino muito bem
Sobre a banca a que me dirijo

Religião

A ação dos missionários se exerceu entre os *Maués*, através de várias ordens religiosas, tais os jesuítas e os franciscanos. Curt Nimuendaju é minucioso – ao tratar da história dos Maués – no referir figuras como a do pe. João Valladão, frei João de S. José, frei Pedro de Ciriana.

Em diversas povoações dos *Maués*, que visitamos, inúmeros são os traços da conquista espiritual que aqueles missionários levaram a cabo na Amazônia. Ainda hoje, em capelas rústicas, subsistem imagens, altares, lábaros, estandartes, sinos, tudo, enfim, que entra na liturgia católica. E, mais do que isso: os índios têm de memória ladainhas, em latim e em língua geral, orações e cânticos sacros que entoam nas solenidades de alguns dos padroeiros das suas povoações ou das suas casas particulares.

Frei José das Chagas, considerado o Anchieta da Mundurucânia, deixou boa porção desses traços entre os *Maués*.

Não cremos, contudo, que os Maués de hoje tenham perfeitamente consciência do valor das cerimônias, rezas e cânticos religiosos que lhes vieram da gente missionária por frei Pedro Ciriana ou por frei José das chagas.

No entanto é impossível extirpar-lhes da memória, práticas e crenças ligadas à sua mitologia.

Na vizinhança de Terra Preta existem – segundo informação discreta e vaga que nos fizeram – várias pedras que os índios *Maués* não permitem sejam vistas por estranhos.

VIII – Tambores para a Festa do Divino, de introdução feita pelos portugueses.

Acreditamos que estejam, principalmente, ligadas à tradição da Pedra Noiatêc ou da Aliança dos *Maués*.

Medicina

A medicina é exercida sempre pelo pajé, mas tanto o homem como a mulher maués, e até mesmo as crianças, conhecem as propriedades das plantas, insetos e animais úteis à saúde. Para afastar a *Mãe da Doença*, costumam tatuar-se com sumo de jenipapo e de urucu.

Comércio

Grandes produtores do melhor guaraná que se consome em Mato Grosso, os Maués têm transações comerciais com a praça de Barreirinha e Maués. Estrangeiros são os seus patrões. Antigamente, entretanto, como os Mundurucus, negociavam com salsa e outras drogas dos sertões.

O Porantim ou remo mágico

PROCEDÊNCIA – Segundo a tradição, o remo mágico, que é o Porantim, veio, pelo tempo a fora, das mãos do tuxaua Uaciri-Pót, que o fez, para as mãos do tuxaua Muratu, que, morto, o deixou para seu filho, o tuxaua Antonio Miguel Ferreira, e este,

IX – O autor e o tuxaua Manoel Francisco, dos índios Maués.

por sua vez, para o tuxaua Antônio Alexandre Carvalho, residente em São José, elabora em Ponta Alegre esteja localizado um Posto do Serviço de Proteção aos Índios. E isso sempre se tem verificado, porque, respeitando essa mesma tradição, morto um tuxaua, automaticamente essa peça passa ao seu sucessor, que não a conserva em seu poder, mas na Terra Preta, confiando-lhe a guarda não ao tuxaua desse aldeamento mas ao "tenente" Manuel Francisco da Silva, nosso guia e intérprete já hoje falecido.

Do tuxaua Uaciri-Pót sabem que era um grande pajé, tendo o poder de prender a Mãe da Doença no terreiro, graças a esconjuros, a sopros, a gestos de magia e traços sobre a areia.

Uaciri-Pót, além disso, era o contador de histórias da tribo, das mesmas histórias que nos estavam contando o "tenente" Manuel Francisco da Silva e o tuxaua Honório Joaquim de Oliveira.

Todas as histórias contadas por Uaciri-Pót estão no Porantim.

Segundo a lenda – que faz parte do ciclo simbolizado em pontos ou pequenos discos nas gregas do Porantim –, viviam antigamente, nas terras do Andirá, dois irmãos – Mari-Aipoc e Urihé-I.

Naquele tempo as terras eram férteis e cheias de caça como o *Noçoquém*, que era um lugar onde Onhiamuaçabé plantou a castanheira.

Mari-Aipoc era o chefe de todos os *Maués*. A gente era feliz...

Mas um dia apareceu uma barata maior que um jabuti, chamada Apeeuató, e com ela veio a Mãe da doença.

Dali em diante não houve mais frutas, nem guaraná, nem batata-doce, nem cará, nem mandioca, nem peixe, nem inambu. Os Maués passavam fome. Havia muitos Maués.

Então Mari-Aipoc combinou com o irmão que se fossem embora dali; esperaria o irmão no porto, E, dando-lhe um dos seus remos, foi logo reunir a sua gente.

O irmão, porém, não quis ir das terras onde tinha a sua roça. Chegado ao porto, Mari-Aipoc esperou, esperou pelo irmão. Urihé-I não apareceu. Mari-Aipoc mandou preparar a canoa, embarcou com a sua gente e baixou pelo Andirá, para os lados do Amazonas. No lugar que Mari-Aipoc deixou, ficou breu (Na toponímia da região esse lugar é conhecido hoje com o nome de Cicantá, que quer dizer breu).

LOCALIZAÇÃO – O Porantim, como dissemos atrás, está na Terra Preta, aldeia fundada pelo tuxaua Antônio Miguel Ferreira, e que dista oito horas de viagem, a pé, do lugar Vila Nova, aldeia indígena onde morava o "tenente" Manuel Francisco da Silva.

Envolvido em jornais velhos e papel do embrulho, guardam-no, cuidadosamente, no coro de pequena igreja: ninguém o retira dali sem ordem vinda do tuxaua geral, residente em São José.

Terra Preta é um lugar decadente, já tendo ali comerciado um judeu por ordem do falecido tuxaua Antônio Miguel Ferreira.

DESCRIÇÃO – Em madeira escura, pesada, foi talhado este remo.

Seu comprimento é de um metro e quarenta centímetros e sua largura extrema é de onze centímetros, em contraste com a

do cabo, em forma de caju ou pião, terminado em ponta rústica, mal lixada, da qual já destacaram lascas.

Os *Maués* lhe distinguem duas faces: na anterior foram escarvados símbolos, recobertos, depois, com finíssima camada de argila branca e de argila vermelha, sendo que esses símbolos começam alguns centímetros acima do cabo, dominando o braço da peça, a traços leves, que são como que o esboço dos losangos e das gregas firmemente escarvados na madeira.

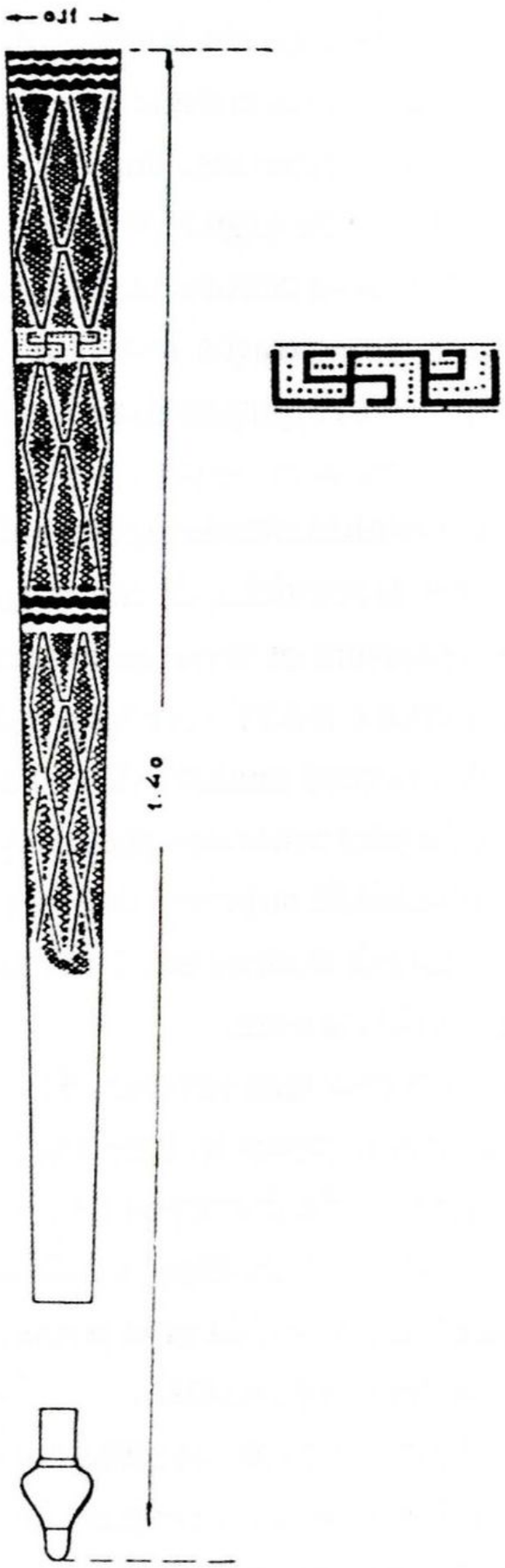
Os pontos e as linhas desses símbolos foram polidos, revelando-se com a cor de azeviche, de certas madeiras da região; na face posterior aparecem os mesmos desenhos da face anterior, nas partes superior e média, com as gregas e escalonados.

Daí para baixo não há nenhum desenho.

A espessura da peça varia do cabo – em forma de caju ou de pião para a extremidade superior, que tem dois centímetros de espessura e é achatada, com os lados em gume, mas não cortante, e lixados cuidadosamente.

O cabo não se parece com nenhum dos tipos de cabos conhecidos, pertencentes a remos indígenas. E toda a forma da peça difere inteiramente da dos tipos de remos indicados no mapa de Nordenskiold, que lhes explica a distribuição pela área etnográfica da América do Sul, da qual a Amazônia é das mais importantes e das menos exploradas.

Duplas e tríplices linhas de escalonados, abaixo dos primeiros e acima dos últimos losangos, dão ao conjunto de símbolos um gracioso movimento, como idênticos escalonados no bojo e rebordos dalgumas peças marajoaras.



VII – O Porantim ou Remo Mágico dos índios Maués.

Examinamos com lupa de forte aumento toda a peça, procurando manchas de sangue, pêlos, fragmentos de ossos, sinais que costumam os índios traçar, fixando o número de inimigos abatidos, no cabo e na folha de clavas e bordunas, nada encontrando que denunciasse a utilização dessa peça em sacrifícios humanos, em combates, ou, como remo, que houvesse sofrido a ação continuada d'água, carcomendo-a.

DENOMINAÇÃO – Chamam-lhe *Aiuêçaiká-Porantim* que quer dizer, grosso modo, segundo o nosso intérprete e guia, "o remo" que é nossa "patente", que nos dá "força"; chamam-lhe, também, simplesmente, *Porantim*, que significa remo pequeno.

Ambos os vocábulos vêm do maué antigo.

Porá, que recolhemos e incorporamos ao nosso vocabulário, significa uma peça, em forma de pá e de remo, trabalhada em pau-ferro (curucu-êp), que aparece entre os utensílios dos torradores de guaraná.

O cabo do Porantim se denomina, como o dos verdadeiros remos, "Iúê-Ép". O vocábulo Aiuêçai-kâ, cujo significado não é, em realidade, bem preciso, pode lembrar vocábulos significando matar, tanto em Maué, como em Parintintin e noutras línguas filiadas ao Tupi.

Fizemos, entretanto, o intérprete e guia pronunciá-lo, várias vezes e em circunstâncias diversas, receando que o pronunciasse errado propositadamente, para ocultar o verdadeiro sentido e, quiçá, a real utilidade daquela peça. E quando isso não acontecesse, em relação ao vocábulo citado, poderia verificar-se o que, em relação a certos vocábulos guarani, escreveu

Miguel Tenório de Albuquerque em seus *Apontamentos para a Gramática Ava-nêe*.[19]

Sempre, porém, lhe ouvimos, exatamente, "aiuê-çaiká", e sempre deu a esse vocábulo a significação de "remo", de "patente", de "força", de "lei", explicando-nos que com esses significados pretendia que compreendêssemos o valor que o Porantim possuía para todos os *Maués*.

No vocabulário levantado por Curt Nimuendaju não consta o vocábulo "porá", também não constando "aiuê-çaiká". Remo ali é "apokúitáb"; remador é "veapukuyhád"; a voz imperativa "rema!" é "erea-pukuy ro".

Em Tastevin encontramos "apocoi", como remar; "apocoitawa", como remo, e "re apoecoi" como rema!

Os Kuruyá, segundo o mesmo Curt Nimuendaju, denominavam remo "pura za", o cabo desse utensílio é "pura za ib".

SIGNIFICAÇÃO DOS SÍMBOLOS – Na face anterior da peça que ora apreciamos, logo acima do cabo, na metade do braço do chamado remo, os losangos, ligeiramente e confusamente escarvados na madeira, significam, segundo o nosso intérprete e guia, as origens, os primeiros dias da tribo.

Depois da dupla ordem de escalonados, que limitam esses losangos imprecisos, aparecem outros losangos, melhor e mais firmemente escarvados, onde se destacam dois discos negros, incompletos. Esses discos representam o começo do mundo, isto é, da existência dos *Maués*, ligados a seres e a coisas da terra. Chamam-se "êcauê".

Entre esses losangos e os da parte superior da peça aparece uma grega e, no meio das suas linhas em relevo, 46 pequenos discos, também em relevo, que simbolizam acontecimentos guerreiros, sociais, políticos e religiosos, bem assim lendas conhecidas por grande número de indivíduos da tribo que as narram enfaticamente ou animadamente, ajuntando-lhes versos da Festa da Tocandira, ou imitando cantos e vozes de animais, sem, entretanto, chegar à expressão mímica – comentário eloqüente e elucidativo –, tão do agrado dos Parintintins, narrando, por exemplo, "O Roubo do Fogo" ou certas "Experiências" do semideus *Bahira*, rival em aventuras e farsas do herói "sem nenhum caráter" que é o *Macunaíma* de Mário de Andrade e de Koch-Grünberg.

Os discos, a nosso ver, podem, igualmente, ser identificados como um místico "Bruder Paar", tais, os que, na mitologia tupi, Ehrenreich viu confundidos sob a denominação de *Meire Póxi* e *Maíre Monan*, porque, nas lendas do guaraná, do timbó e da mandioca aparecem dois irmãos, ora Uaciri-Pót e Urihé-I, da origem do Porantim, ora Icuaman e Ocumaató, ora os dois sapos Ó-óc.

Os *Maués*, porém, não parecem ver nesses símbolos os irmãos que são personagens das suas maravilhosas histórias.

Também não ligam a esses símbolos a figura de Onhiamuaçabê, irmã dos mesmos e mãe da criança metamorfoseada em Guaraná; nem lhes ligam, também, a figura feminina de *Unhanmangarú*, personagem da história da criação da Terra.

Esses pequenos discos ou pontos representam um ciclo de lendas, do qual só recolhemos algumas das principais, mas a

eles se ligam, também, como já foi dito, os fatos remotos, mais importantes da tribo.

Na parte posterior do remo há outros losangos, outros discos, outra grega, outros escalonados, outros pequenos pontos; relacionam-se, entretanto, com uma outra época da existência dos Maués, que não nos quiseram referir.

Deram-nos a entender, porém, que a narrativa de fatos modernos não tem sido continuada, à falta de quem por isso se interesse.

Há uma expressão dos *Maués*, diante do Porantim, que lhe revela a importância mítica, histórica, social e mágica: "ele nos fala".

Querem dizer, sem dúvida, com isso, que nos símbolos, ornamentando-os, se encerram as suas origens divinas e o seu destino humano, as lições dos antepassados e as suas leis, o seu código moral e a sua fé, a sua poesia e a sua arte.

Outros remos lendários como o Porantim dos *Maués* aparecem na Mitologia Amazônica, tais os que estão no Museu de Gotemburgo, achados por Curt Nimuendaju às margens do Içana, e outros de que nos falam Stradelli e Wassén – o remo do sapo Aru, companheiro da *Mãe da Mandioca* – e mais aquele de que nos fala Koch-Grünberg, que a indiada retira das patas de um crustáceo, comum às águas da Guiana brasileira, na crença de que tais reminhos trazem felicidade, amparam os viajantes.

* * *

As conclusões a que chegamos, no estudo do Porantim ou Remo Mágico, dentro da tradição, da concepção mítica, social e religiosa dos *Maués*, foram, anteriormente, as seguintes: "A peça etnográfica Porantim, encontrada entre os índios *Maués*, do lugar Terra Preta, no alto rio Andirá, Estado do Amazonas, Brasil, é um *Remo Mágico* e uma *Arma de Guerra*, ao mesmo tempo, e não um *bastão de mando* ou uma *clava*".

Não as subscrevendo, entretanto, como definitivas, procuramos continuar nossas pesquisas sobre seu verdadeiro papel entre os *Maués*, principalmente fora do ambiente onde nos foi revelado.

Assim, numa das nossas últimas viagens a *Três Casas*, de Manuel de Souza Lobo, no rio Madeira, município de Humaitá, Estado do Amazonas, procuramos ouvir os *Kawahib-Parintintins*, antigos vizinhos e inimigos dos *Maués*.

Mostrando a Kuahan e Iguá as fotografias onde, com o "tenente" Manuel Francisco da Silva, ladeamos o Porantim; e mostrando-lhes, também, o desenho de Barandier da Cunha, que o representa, ouvimos de ambos esta expressão: "É o Boaháp".

E a explicação, complementar, esclarecedora, que "*Boaháp* era um instrumento para matar determinados indivíduos em determinadas condições".

Mas, é evidente que não podemos desprezar a ligação desse instrumento com a tradição e a magia, duas forças indispensáveis da psique e do destino dos povos primitivos.

Quanto ao valor da simbologia dos desenhos, losangos, escalonados, pontos, discos e gregas, escarvados na rija madeira do Porantim, não os podemos desprezar também.

Alguns daqueles desenhos têm um valor mnemônico, como acontece com certas inscrições rupestres, e o *conteúdo mítico* deles é o conjunto de histórias, de lendas, de tradições (denominado *Céhalpóri*), que aqui ora divulgamos.

No estudo comparativo dessas lendas e tradições vimos, desde logo, que elas, em sua maior parte, pertenceram a outros povos tupis ou são variantes comuns à fantasia dos povos vizinhos dos *Maués*.

As criações do gênio literário dos antepassados dos *Maués*, porém – como a *Lenda do Guaraná*, a *Lenda do Timbó* e da *Primeira Água*, a *Lenda da Mandioca* –, se caracterizam por uma originalidade que inquieta e deslumbra.

A coletânea que se segue é devida a vários narradores – intérpretes da simbologia do Porantim, alguns deles –, nenhum revelando, entretanto, que, por uma determinação orgânica da tribo, estivesse na obrigação de manter, oralmente, no meio dos *Maués*, aquelas e, também, outras criações, de idêntico valor folclórico, que não nos foi dado recolher.

LENDAS E TRADIÇÕES*

* Nota 19.

Origem da noite

Depois de criado o Mundo, não havia noite para o índio Maué dormir.

Então Uánham, sabendo que a Surucucu era Dona da Noite, e, também, a jararaca, a aranha, o lacrau, a centopéia, disse à sua gente:

– Vou buscar a Noite para vocês.

E foi, levando consigo arco e flechas.

Ao chegar à casa da Surucucu, lhe disse:

– Eu queria comprar a Noite. Aqui tens o meu arco e estas flechas.

A Surucucu lhe respondeu:

– Ora, filho, para que é que eu quero o teu arco e essas flechas, se não tenho mãos? Não. Não quero o teu arco e as tuas flechas.

Uánham foi buscar, por isso, uma liga para as pernas. E, voltando à casa da Surucucu, lhe disse:

– Aqui está uma liga para amarrares na tua perna.

– Na perna não pode ser, meu filho. Amarra no meu rabo, porque eu não posso me levantar.

Uánham amarrou a liga no rabo da Surucucu.

(Por isso, quando a cobra se zanga, sacode o rabo, fazendo um barulho: ché, ché, ché, para prevenir quem vai passar).

A Surucucu, porém, não lhe entregou a Noite.

Uánham voltou noutro dia, levando venenos.

E disse à Surucucu:

– Vim buscar a Noite. Quero levar a Noite. Trouxe venenos comigo.

– Ah! Trouxe venenos? Então lhe entrego a Noite, porque de venenos é que eu preciso.

Arrumou a Noite (a Primeira Noite) dentro de uma cestinha e a entregou a Uánham.

Os companheiros de Uánham, assim que o viram sair da casa da Surucucu, correram a encontrá-lo no caminho.

– Então, é verdade que levas a Noite contigo?

Uánham respondeu que sim, mas que a Surucucu lhe recomendara que só abrisse a cestinha em casa.

Mas os companheiros de Uánham tanto insistiram em abrir a cestinha, que, afinal, acabaram conseguindo.

Da cestinha saiu a Noite: a Primeira Noite.

Os companheiros de Uánham, espantados e com medo, puseram-se a gritar, fugindo, depois, às cegas.

E Uánham também se pôs a gritar: Tragam a lua! Tragam a lua!

Porque Uánham tinha ficado só dentro da Noite.

Então os parentes da Surucucu – a jararaca, o lacrau, a centopéia –, que já haviam dividido os venenos entre si, cercaram Uánham, e a jararaca, irmã da Surucucu, o picou no dedo do pé.

Uánham sentiu a dor, conheceu que a jararaca o picara e disse:

– Sei quem tu és, sei quem tu és. Os meus companheiros te matarão.

Todas as outras cobras foram experimentar seus venenos em Uánham. Só a cutimbóia não, porque, sendo muito braba, os parentes da Surucucu não lhe deram nenhum veneno: só assim não morderia todos os Maués.

Uánham morreu da picada da jararaca, mas, como havia feito um trato com um amigo, este, encontrando-o morto, fez um banho de folhas mágicas e com ele banhou o seu cadáver.

Uánham ressuscitou, e, pondo-se a caminho, foi buscar em casa da Surucucu a Noite, a Grande Noite, porque a outra havia sido muito curta. E entregou mais venenos à Surucucu.

A Surucucu, para tornar a Noite grande, misturou jenipapo com todas as imundícies que encontrou.

A Grande Noite foi feita com imundícies.

É por isso que, à noite, sentimos tantas dores no corpo, ficamos com a boca amarga e fedorenta.

Essa foi a Noite que Uánham arranjou para os Maués.

História da pedra ou aliança entre os *Maués*

Tradição

No princípio do mundo houve um homem. *Ahiaiaê*, que matou, com a pedra *Nô-aitêc*, um índio Maué.

Ahiaiaê era o próprio Mal.

Os Maués tomando, porém, a pedra de *Ahiaiaê*, o mataram com ela própria, cantando:

Arépêc Ahiaiêté oén encoiçauêpê
Nô-aitêc nôiaten-ô
Oipoitokai iréun-né

(Eu vinguei a morte com a mesma pedra com que Ahiaiaê matou outro homem, antes de haver armas.)

Depois disso, perdoando-se entre si, os Maués resolveram jogar a pedra fora, para que nunca mais nenhum deles brigasse.

E foi essa pedra que *Uaciri* levou para o céu, pois, se a deixasse na terra, os Maués estariam sempre brigando entre si.

Desde então foram os Maués casando-se dentro da própria tribo.

A criação do mundo

Tradição

O primeiro mundo Deus levou para o céu.

Os que ficaram, os encantados, sucuris, surucucus, jibóias – resolveram fazer um mundo para eles.

Então fizeram o mundo do corpo da própria irmã – *Unhanmangarú*.

Se ela ficasse com a face para o céu, nunca eles morreriam. Como ficou com a face para a terra, ela nos está chamando sempre para a sua companhia.

Ela disse aos irmãos:

– Vocês me fizeram terra: está bem. Eu vos chamarei, pois, sempre para mim.

Lenda do timbó e da primeira água

Antigamente, quando os Maués ainda não existiam, havia dois irmãos de nome Ocumáató e Icuaman.

Um dia Icuaman convidou Ocumáató, todos os bichos da terra e os peixes, para uma festa.

Nessa festa começaram logo a tratar de vários assuntos, ao mesmo tempo, o Jeju e o Matrinxão, nada dizendo, porém, de acertado.

Falou o Jeju, primeiro; depois, no intervalo da conversa de outros bichos presentes, falou o Matrinxão.

Ora, Icuaman tinha levado consigo o seu único filho, criança muito ladina que, notando os erros do Jeju e do Matrinxão, se pôs a corrigi-los, divertindo com isso as pessoas presentes.

O Jeju e o Matrinxão, zangados, fizeram uma pajelança para o menino adoecer.

Ao chegar a casa, o menino adoeceu, morrendo depois de muitos sofrimentos.

Icuaman, diante do corpo do filho, jurou vingar-lhe a morte, um dia, atribuindo-a ao irmão.

Enterrou, primeiro, a perna esquerda: dela nasceu o "timbó-urucu-ocúhúp", isto é, o falso timbó.

Depois, então, enterrou a perna direita: dela nasceu o "timbó-cipó-ocuhén", isto é, o timbó verdadeiro.

Ora, junto a Ocumáató, irmão de Icuaman, morava o Sucury-Ténon, que tinha também um filho, muito ladino e muito curioso, chamado Sucury-Pacu.

O Sucury-Ténon proibira o filho de ir à casa dos seus tios, o Jeju, o Matrinxão e a Traíra, porque, como todos os peixes, de pele, eram feiticeiros maus.

O menino, porém, desobedecendo-o, um dia, foi à casa dos seus tios, pois ouvira, em conversa do pai com outros, que um dos seus tios, o Jeju, tinha inventado, por meio de magia, a Primeira Água.

Ao chegar à casa dos seus tios, não os encontrou, mas encontrou a tia, a Traíra, mulher do Jeju.

Os tios, disse-lhe a velha, estavam fazendo uma viagem.

A mulher de Jeju não gostava do sobrinho, mas o recebeu bem, fazendo-o sentar-se. E conversou com ele.

O menino não se cansava de conversar, tudo querendo saber, mas, em verdade, só desejava saber se o tio, o Jeju, tinha inventado a Água. Estava pondo na conversa muito disfarce para provar desinteresse pelo verdadeiro motivo da sua visita aos tios.

De repente pediu à tia que lhe mostrasse a Água que o tio havia inventado.

A Traíra ficou muito espantada quando o sobrinho lhe falou na Água: Quem te contou?

– Ouvi falar.

A Traíra mostrou-lhe uma poça pequenina onde estava a Água.

(Como sobre uma placa de espelho, vinda do céu, estava caindo sempre uma gota de água: tan! tan! tan!

O sino de hoje, explicou o narrador, é a imagem daquele pocinho e daquela gota de água.)

– Então, isso é que é a Água, minha tia? perguntou a criança.

– É isso.

– Ah! – admirou-se ele. Eu pensava que era grande!

A tia ficou zangada com o pouco caso que o menino fizera da invenção do Jeju. Como era uma feiticeira má, fez um feitiço contra o sobrinho. Porque naquele pocinho estava a Primeira Água ou o Princípio da Água.

Imediatamente o menino começou a queixar-se de tonteira, de peso no estômago, de falta de ar. E despediu-se da tia, voltando para casa, onde se queixou ao pai.

Sabendo que o Sucury-Pacu estivera em casa dos tios, disse logo que o filho estava enfeitiçado. E mandou que o menino fosse procurar remédios com quem o enfeitiçara.

O menino foi.

Como o Jeju, ao chegar da viagem, com o Matrinxão, fora avisado pela mulher da visita do sobrinho e de havê-lo enfeitiçado, bebeu depressa a água do pocinho e a vomitou numa cuia, antes do sobrinho, que já sabia em caminho, perto de chegar-lhe a casa.

Não demorou muito tempo, chegava o menino.

Os tios o receberam, fingindo alegria.

O menino lhes pediu remédio, queixando-se de dores na cabeça e no estômago.

– Está aí! – disse-lhe o Jeju, apontando uma cuia onde vomitara a água do pocinho. – É teu, tudo, tudo.

O menino bebeu a água vomitada e logo as suas dores aumentaram, a barriga lhe foi inchando, inchando, inchando.

O menino pediu aos tios que lhe curassem as dores na barriga com o maracá de pajé.

O tio passou-lhe o maracá na barriga, uma, duas... e na terceira vez a barriga do Surury-Pacu estourou, dela começando a correr grande quantidade d'água, que foi enchendo a casa e ameaçava cobrir os que estavam nela.

Vendo isso, o Jeju mandou chamar o Morcego, a Andorinha, a Ariramba, o Sapo.

O Morcego e a Andorinha vieram, mas, voando, só roçavam a água. Nada mais faziam.

A Ariramba, a Garça, o Maguari, vieram, também. Voaram sobre a água e foram ficar sobre os paus, só espiando.

O Sapo, assim que viu a água, contente, foi logo saltando nela, aos gritos.

– Ah! Agora a gente já se pode banhar.

E caiu nela, pondo-se a cantar, noite e dia, no fundo.

A voz dele é baixa e rouca porque ele só canta no fundo dos lagos e dos rios.

Então o Jeju mandou chamar o Surury-Ténon, pai do menino.

O Surury-Ténon veio.

O Jeju lhe pediu que fosse abrindo caminho para a água.

– Ora, isso é fácil! respondeu o Sarury-Ténon.

Pôs-se a fumar cigarros de tauari, jogando as pontas para os cantos da casa, uma, duas, três vezes.

E atirou-se, em seguida, n'água, procurando abrir caminho para ela, passando sob o batente da porta, até que conseguiu sair da casa dos feiticeiros e arrastar consigo a água.

O Jeju só fazia recomendar-lhe que não olhasse para trás "para a Água fazer o rio direito e não torto".

O Surury-Ténon não quis obedecer ao Jeju e foi à frente da água, cavando o leito do rio, mas sempre olhando para os lados e para trás.

(Por isso, explicou o narrador, as cabeceiras do rio Andirá são feias, cobertas de árvores do igapó.)

Os peixes, vendo que a Água crescia cada vez mais, resolveram mergulhar nela e saltar de um lado para outro.

As aves – Ariramba, Socó, Garça, Marreca, Marrecão, Anani, Andorinha – ficaram pelas árvores das margens do rio Andirá. E com elas ficaram os morcegos, rente à água e nos ocos dos paus.

Icuaman, sabedor de que a Água tinha formado os rios, os paranás, os lagos, os igarapés, os igapós, disse:

– Agora é que eu vou me vingar. Já sei que os peixes foram os assassinos do meu filho. Vou arrancar timbó! Vou arrancar timbó!

E foi.

Mandou, depois, chamar Ocumáató e contou-lhe o que ia fazer. E convidou toda a gente para o ajudar num putirum.

Vieram os convidados.

Icuaman recomendou-lhes que não deixassem mulher grávida pegar no timbó, senão o timbó ficaria sem força.

E, batendo feixes de timbó, alastrou a Água com o suco da planta.

Todos os peixes, então, começaram a ficar tontos, a vir à tona da água, bêbedos.

A gente, aos gritos, apontava os peixes:

– Os peixes já estão morrendo! Os peixes já estão morrendo!

Icuaman e Ocumáató e os companheiros foram pegando os peixes mortos, à tona da água.

Só pegavam os maiores. A Ariramba, a Garça, o Maguari, o Socó comiam os pequeninos.

Ora, a Onça e a mulher, vendo tantos peixes, pularam n'água esquecida a mulher de que estava grávida.

Assim o timbó ficou logo sem força, deixando de embebedar os peixes e matá-los.

Icuaman notou que fora desobedecido e o resultado era aquele.

Para castigar a Onça, tirou-lhe a sombra (matou-a) e plantou-lhe os olhos no sítio encantado que era de sua irmã Onhiamuaçabé, deles nascendo a castanheira.

O Sucury-Ténon, dizem, mora hoje no Amazonas.

História da mandioca

O grande tuxaua das Onças – *Awiató-pót* – tinha uma filha – *Iveroi* – muito bonita, que ainda não se juntara com homem, porque seu pai comia todos os pretendentes.

O sapo *Ó-óc*, gostando muito da moça, disse à avó que ia pedir *Iveroi* a *Awiató-pót*, para companheira.

A velha disse ao neto:

– Não vai, meu neto, que *Awiató-pót* te come. Ele já comeu todos os homens que lhe foram pedir a filha para companheira.

– Ora, minha avó, eu gosto da moça e quero ser o companheiro dela.

– Mas *Awiató-pót* é poderoso e muito ladino.

– Ladino eu também sou e conheço artes mágicas que o podem enganar e vencer.

– Então, meu neto, vai... mas toma cuidado.

O sapo *Ó-óc* foi.

Awiató-pót morava por cima da porta de casa, e estava sempre vigiando a entrada.

O sapo *Ó-óc* sabia disso. E não foi logo entrando. Falou do meio do caminho, bem de longe.

– *Awiató-pót*, eu vim pedir tua filha para minha mulher.

– Entra, meu sobrinho; ela está na sala.

O sapo *Ó-óc* não entrou.

– Não quero entrar ainda, disse. Fico aqui mesmo. *Iveroi* pode ser minha companheira?

– Pode. Vai buscar minha filha lá dentro.

O grande Tuxaua das Onças queria que o sapo *Ó-óc* passasse sob a bandeira da porta (*óquén-hê*) para saltar sobre ele e o comer.

O sapo *Ó-óc* sabia disso. Pediu, então, ao Vento que levantasse (*uácére*) a palha da casa. O vento, que era amigo de *Ó-óc*, suspendeu a palha e este saltou do caminho para o meio da sala onde estava *Iveroi*.

Quando *Awiató-pót* viu o sapo com a filha, perguntou admirado:

– Como foi que entraste, meu sobrinho!

– Pela porta.

– E eu não te vi, meu filho!

– Você já não vê nada nem tem forças contra mim. As minhas artes são mais fortes que as suas.

E o sapo *Ó-óc* dormiu com *Iveroi*.

No dia seguinte pediu o sapo ao Vento que soprasse e levantasse a palha da cobertura da casa.

O Vento assim fez e o sapo *Ó-óc* pulou do meio da sala para o caminho, defronte da porta onde estava o Grande Tuxaua das Onças.

E *Awiató-pót*, vendo-o ali, perguntou-lhe:

– Como foi que saíste da sala, meu filho, que eu nem te vi?

– Saí pela porta.

– Ânrêpain! E eu não te vi, meu sobrinho.

– Você já não vê nada nem tem forças contra mim. As minhas artes são mais fortes que as suas.

– Então, vai buscar peixe para mim, no meu *cuqui-wató* – (cesto para pegar peixe).

O sapo *Ó-oc* foi... Pôs o *cuqui* n'água e esperou um pouco. Tirou-o, em seguida, cheio de peixes, e o levou para o Grande Tuxaua das Onças, atirando-lhe os peixes do meio do caminho, defronte da porta.

A Onça devorou todos os peixes.

– Ah, meu filho, ainda estou com fome. Quero mesmo experimentar se as tuas artes são fortes.

Vai procurar no mato a minha bacabeira e pega todas as aves e pássaros que lhe comem os frutos. Quero comer todos eles, todos, todos.

O que o Grande Tuxaua das Onças queria era comer o sapo *Ó-óc*. Quando descesse da bacabeira, *Awiató-pót* saltaria em cima dele e o comeria.

O sapo *Ó-óc* sabia disso, mas pôs-se a caminho na direção da palmeira. E aos passarinhos, que ia encontrando, pedia que o avisassem da vinda de *Awiató-pót*. Depois, quando já estava perto do Tejuco, pediu a este que o avisasse, também. E assim que chegou junto à bacabeira, foi trepando logo, depressa. Lá em cima quebrou um pedaço de galho, soprou sobre ele, fazendo uma arte (*toquém-mu-êpê*). E o pau virou papagaio.

Mal fez isso, um passarinho cantou: *piri-ri-ri-piri-rim!*

E o tejuco, ao mesmo tempo, fez: *curumun-môn-môn!*

Era o grande Tuxaua das Onças que se pusera aos pés da bacabeira.

– Já pegou algum pássaro? perguntou ele ao sapo *Ó-óc*.

– Ahn... já tem um. Espere um pouco, que eu vou jogar um pássaro mais leve.

Soprou sobre outro pedaço de pau e preparou um (*tôcai-môm*on) breu muito pegajoso e muito forte. E disse a *Awaitó-pót*:

– Apare um papagaiozinho (*ahôt-hin*). Ainda está vivo. Cuidado! Apare o papagaiozinho e aperte bem as mãos para ele não fugir.

Awiató-pót fez.

O sapo *Ó-óc* jogou-lhe um pedaço de breu.

Awiató-pót aparou o pedaço de breu, apertando-o entre as mãos, com força e cuidado.

E ficou com as mãos pegajosas de breu.

O sapo *Ó-óc* aproveitou estar a Onça esforçando-se em limpar as mãos daquele breu pegajoso para descer da bacabeira e fugir.

O Grande Tuxaua das Onças ficou esfregando as mãos no chão.

(É por isso que a Onça tem as palmas das mãos limpas.)

Mas, assim que as viu sem breu, a Onça correu atrás do sapo *Ó-óc*.

O sapo *Ó-óc* encontrou-se no meio do caminho com um bando de mulheres (*ahupoia-in*.)

Entre elas ia uma antiga companheira do sapo.

O sapo pediu-lhe que o escondesse. Ela disse que não o esconderia, porque estava zangada (*ipêáhác*).

A irmã dela, porém, aconselhou:

– Esconde o *Ó-óc*, minha irmã, porque esse homem sabe artes (mágicas) e pode depois vingar-se.

A antiga companheira de *Ó-óc* consentiu em escondê-lo.

O sapo *Ó-óc* subiu-lhe pelas pernas para se esconder na virilha dela, mas não quis, porque fedia muito. Subiu para o

sovaco, mas não quis, porque o sovaco dela também fedia. E foi esconder-se no cangote dela, debaixo do cabelo, prevenindo-a de que *Awiató-pót* já estava para chegar e que as mulheres não deviam dizer onde ele estava escondido.

A Onça chegou até perto das mulheres, pois vinha contando os rastros do sapo. E, ao dar com elas, admirou-se de não encontrar mais rastros, de terem acabado ali os rastros e não aparecer o sapo.

– Onde está o sapo *Ó-óc*?

A antiga companheira do *Ó-óc* disse que não sabia.

O Grande Tuxaua das Onças perguntou às outras mulheres. Nenhuma o havia visto.

Awiató-pót disse que ia contar de novo os rastros do sapo *Ó-óc* e que, ao chegar junto a elas, se não o encontrasse, comeria todas, todas.

Quando *Awiató-pót* se afastou, o sapo *Ó-óc* disse à antiga companheira:

– Antes de ele chegar, vocês vão pôr esta pedra no fogo (E vomitou uma pedra). E quando ele, não me encontrando, disser que vai comer vocês todas, você perguntará: com que boca? Ele dirá: com esta. Então você pedirá que ele abra bem a boca. E quando ele abrir a boca, você jogará a pedra, que já estará bem quente, dentro da boca do *Awiató-pót*.

Mal havia acabado de falar, chegou *Awiató-pót*, contando os rastros do sapo e parando, em seguida, junto à sua antiga companheira.

– Onde está o sapo *Ó-óc*?

– Não está aqui. Ninguém o viu.

– Como é que os rastros dele pararam aqui? Eu vou comer vocês todas.

– Com que boca? perguntou a moça.

– Com esta aqui, respondeu-lhe *Awiató-pót*.

– Com esta? Então abre bem essa boca para nós vermos.

Awiató-pót escancarou a boca. A mulher que já havia tirado a pedra do fogo e a escondera perto, apanhou-a e jogou-a dentro da boca escancarada de *Awiató-pót*.

Awiató-pót engoliu a pedra quente e morreu. Mas, quando estava pulando de um lado para outro, o sapo *Ó-óc* saltou do cangote da mulher, quebrou um galho de taperebá para o acabar de matar.

O sapo *Ó-óc* arrastou o cadáver da Onça até o rio e o virou em jacaré. E foi dormir com *Iveroi*.

Esse jacaré, desde aquele dia, começou a comer gente.

Ninguém, vendo-o, sabia o que estava no porto. Não conheciam o Jacaré.

Então chamaram os bichos para saber se conheciam o Jacaré.

Nenhum deles o conhecia.

Chamaram o Tucano Grande (*mandô-pôriá*). O Tucano Grande disse:

– Eu já vi este bicho, mas não me lembro mais dele: *ên-ên*.

E, por isso, até hoje, quando o Tucano canta, está sempre dizendo: *ên-ên*, que não conhece o Jacaré.

Chamaram o pássaro *pêréten-in*. Também o *pêréten-in* não se lembrava de ter visto o Jacaré, nem o conhecia.

E, por isso, até hoje, o *pêréten-in* está cantando como o Tucano Grande: *ên-ên*.

Chamaram o sapo *Ó-óc*, irmão do companheiro de *Iveroi*.

O sapo *Ó-óc* disse:

– Então vocês não estão vendo? Este bicho é o Grande Tuxaua das Onças que o *Ó-óc*, companheiro de *Iveroi*, virou, por artes mágicas em jacaré, dando no cadáver dele com um pedaço de taperebá. A costa dele, vocês não estão vendo? É como a casca de taperebá. E ele come gente como *Awiató-pót*. Este bicho é o Jacaré. E voltou para casa.

E o sapo *Ó-óc*, sabendo que o irmão havia ensinado aos outros bichos que aquele era o Jacaré, chamou a mulher, *Iveroi*, e disse-lhe:

– Olha, minha mulher, agora é melhor que você vá viver com meu irmão, o sapo *Ó-óc*, porque você já sabe que eu matei seu pai, e um dia você poderá querer me matar. Vá viver com meu irmão.

A mulher foi viver com o outro sapo *Ó-óc*.

O sapo ficou com ela. O primeiro sapo *Ó-óc* ficou sem mulher.

Um dia *Iveroi* pediu ao seu companheiro que a deixasse ir ver o Jacaré.

O sapo *Ó-óc* não achou bom e disse-lhe que não fosse ao porto dos *Muricariua* (peixes), porque os Muricariua, tios dela, eram feiticeiros maus.

A mulher teimou em ir ver o Jacaré. E foi.

Ao chegar ao porto dos *Muricariua*, foi-lhes dizendo:

– Vim dançar com vocês, meus tios.

– Pois dança, minha sobrinha.

Iveroi pôs-se a dançar no meio da sala. E logo um dos seus tios a "flechou", enfeitiçando-a. Depois outro tio fez o mesmo; enfim todos os tios a enfeitiçaram...

Iveroi caiu morta ali mesmo.

Do corpo dela os seus tios *Muricariua* fizeram mandioca.

Como a primeira mandioca não tivesse tapioca, fizeram tapioca do corpo do filho, que ela já trazia na barriga.

Depois fizeram o primeiro tarubá.

No dia em que os *Muricariua* beberam o primeiro tarubá, nasceram todos os bichos da terra dos Maués.

História da mucura e do acurau

Um casal de mucuras velhas só tinha duas filhas, moças e bonitas.

Quando elas chegaram à idade de casar, seus pais a deram ao *Acurau* e ao *Caraxué*.

O *Acurau* levantava-se muito cedo e ia logo para a roça, mas o *Caraxué* ficava dormindo até alta hora do dia.

Os sogros do *Acurau* estavam muito contentes com ele e não se cansavam de gabá-lo, censurando, porém, o preguiçoso *Caraxué*, grande dorminhoco, que só tarde do dia ia para a roça.

Isso, porém, não era bem a verdade.

O *Acurau* trabalhava somente enquanto o sol não esquentava, porque quando o sol estava no alto, ele se escondia entre a folhagem de uma árvore. Ali dormia à vontade.

O *Caraxué*, embora começando a trabalhar com o sol quase no meio do céu, não descansava nunca, brocando, roçando, encoivarando, queimando o mato e plantando o guaraná, o milho e a mandioca. Já à noitinha era que voltava para casa.

Seus sogros, enganados pelo *Acurau*, não se cansavam de elogiá-lo e de censurar o *Caraxué*.

Um dia os velhos resolveram ir ver a roça do genro *Acurau*. Foram. E em pouco tempo haviam percorrido toda a roça do *Acurau*.

Procurando-o, em seguida, foram encontrá-lo dorminhocando num pau, na sombra de uma ramagem. Voltaram, então, para casa e, contando tudo à filha, aconselharam-lhe que abandonasse o *Acurau*. A filha obedeceu aos velhos. O *Acurau* foi-se embora.

Apareceu o *Ariramba* e propôs à mulher do *Acurau* viver com ela.

A mucura aceitou e os velhos aprovaram a união que o *Ariramba* lhe propunha. O *Ariramba* disse à mulher que não sabia trabalhar, mas sabia bem pescar. A mulher aceitou assim mesmo o *Ariramba*.

No dia seguinte ao da primeira noite em que haviam dormido juntos, o *Ariramba* disse à mulher:

– Vamos, minha velha. Pega o aturá para carregar o peixe que eu vou pescar.

A mulher, com o aturá às costas, seguiu o *Ariramba* até a beira do rio.

Subindo a um pau, bem à beira d'água, o *Ariramba* sacudiu um maracazinho (*marari-hin*). Logo apareceu um tucunaré, depois outro, e mais outro, e tantos outros, que o *Ariramba* pescava e jogava ao aturá que a companheira tinha às costas, até vê-lo cheinho. Só assim voltaram para casa.

Os pais da mucura, ao ver a quantidade de peixes que o *Ariramba* havia pescado, ficaram assombrados e perguntaram à filha:

– Como já, então, teu companheiro pescou tantos tucunarés?

– Ora, pescando...

– Pescando como?

– É fácil. Depois de trepar num pau, bem à beira d'água, sacudiu o seu maracazinho e os tucunarés foram vindo.

– Bem, disseram os velhos.

E, à noite, na rede, combinaram que no dia seguinte iriam tentar uma pescaria igual. E assim fizeram. A mucura velha pôs um aturá às costas e o companheiro dela a seguiu até a beira do rio. Lá subiu ele a um pau e sacudiu o seu maracá. Veio um tucunaré, mal ouviu o toque do maracá.

E o Mucura velho, ao ver o peixe, atirou-se do alto do pau sobre ele, mas foi cair-lhe direitinho na boca. O tucunaré engoliu o Mucura velho.

A companheira, vendo o que acontecera ao velho, correu e foi chamar a filha e pedir ao *Ariramba* que lhe salvasse o marido.

O *Ariramba* foi salvar o sogro. Subiu a um pau, tocou o seu maracazinho e veio o tucunaré com o Mucura velho no bucho.

O *Ariramba* pescou o tucunaré, rasgou-lhe o bucho com o bico e as garras e tirou de dentro o velho quase morto.

O velho voltou para casa e aconselhou à filha que abandonasse o *Ariramba*.

A filha obedeceu ao velho, abandonou o companheiro.

O *Ariramba* foi embora.

Veio o *Camaleão*, então, propôs casamento à antiga mulher do *Acurau* e do *Ariramba*.

A mucura aceitou a proposta do *Camaleão* e os velhos aprovaram a resolução da filha.

O *Camaleão*, como o *Ariramba*, preveniu a mulher de que não sabia trabalhar, mas, também, era bom pescador.

Dormiram juntos. E na manhã seguinte, pondo um aturá às costas, a mucura acompanhou o *Camaleão* à pescaria.

Chegados à beira do rio, o *Camaleão* mandou a mulher fazer uma fogueira. A mulher fez. O *Camaleão*, metendo-se entre as chamas da fogueira, sapecou bem o corpo todo e atirou-se n'água.

Com o corpo todo chamuscado, as peles do *Camaleão* atraíram os peixes, principalmente os tucunarés gordos que as iam bicorando e devorando.

Isso facilitava ao *Camaleão* pegá-los para os jogar ao aturá da mulher.

Ao voltarem eles para casa, os velhos mucuras viram o aturá cheio de peixes e procuraram saber com a filha como o marido dela pescara tantos tucunarés.

A filha contou o que vira o marido fazer...

À noite, na rede, os Mucuras velhos combinaram ir pescar à maneira do *Camaleão*. E foram. A velha levava um aturá às costas.

E, chegando à beira do rio, o mucura velho mandou a mulher fazer uma fogueira e sapecou o corpo todo nas chamas, ficando com a cauda pelada.

Como as queimaduras doessem muito, o mucura velho voltou à casa para curar-se.

E brigou com a filha, aconselhando-a a deixar o companheiro.

A filha assim fez.

O *Carrapato* (*uéuát-uató*), sabendo que a mucura, moça e bonita, havia deixado o marido, foi propor-lhe casamento.

A mucura aceitou, porque o *Carrapato*, embora não soubesse fazer roça como o *Acurau*, nem pescar como o *Ariramba* e o *Camaleão*, sabia apanhar frutos.

No dia seguinte, depois de dormir juntos, o *Carrapato* convidou a mulher para ir com ele apanhar frutos.

E a levou para o pé de uma castanheira com um atará às costas.

Aí subiu à árvore e pôs-se a jogar os ouriços no atará da mulher, até enchê-lo.

Depois, agarrando-se a uma folha da castanheira, atirou-se de um galho na direção do atará.

Aparecendo em casa com o atará cheio de castanhas, os sogros do *Carrapato* perguntaram à filha como haviam apanhado tantas castanhas.

A filha contou tudo o que o marido fizera.

À noite, na rede, os velhos combinaram ir no dia seguinte apanhar castanhas.

Foram.

A mucura velha ficou ao pé da castanheira, com o atará às costas. O velho subiu à arvore e lá do alto começou a jogar ouriços no atará, até enchê-lo.

Depois, apertando uma folha de castanheira no peito, jogou-se de um galho abaixo, na direção do atará, mas, como era muito gordo (*ikêp*) e pesado, esborrachou-se no chão.

A velha voltou sozinha para casa.

Origem dos bichos

No princípio do mundo todos os bichos eram gente como os Maués.

E, assim que os *Muricariua* fizeram *tarubá* do cadáver de *Iveroi*, filha do Grande Tuxaua das Onças, os que eram gente e hoje são bichos resolveram fazer uma Dança da Tocandira.

O *hêté-uácôp*, encarregado de convidar gente para a festa, era casado.

Então, este falou à mulher.

– Olha, mulher. Amanhã vamos para a Dança da Tocandira. Vai haver muito *çapó* e muito *tarubá*. E muita gente, muita.

Naquele tempo, ainda o convidado estava longe da casa da festa e já os donos iam encontrá-lo no caminho – levando-lhe um bom *tarubá*.

Nesse dia, porém, a mulher dele disse que estava incomodada (*tupê-huá-nei*), só para o enganar.

Então, o *hêté-uácôp* encarregou a cunhada de levar os enfeites dele para a casa da festa.

Logo que a mulher do *hêté-uácôp* viu que o seu homem havia saído, correu até o mato, apanhou caroços (*poi-nhan-ahe*) de inajá, quebrou-os, tirou-lhes os bichos de dentro e passou-os no cabelo como óleo.

E, correndo por outro caminho, dirigiu-se para a casa da festa, a fim de lá chegar antes do marido.

Ao chegar o *hêté-uácôp*, à frente dos convidados, no sítio onde costumava demorar-se, ali lhe contaram que a mulher dele já tinha chegado havia muito tempo.

O *hêté-uácôp* disse que não era possível, porque a mulher ficara em casa incomodada... que deveria ser outra parecida com ela.

Mas quem lhe contou isso, teimou em afirmar que era a mulher do *hêté-uácôp* que estava na casa da festa.

Então o *hêté-uácôp* transformou-se num pequeno pássaro e foi até a casa da festa, ver se a mulher lá estava como diziam.

E estava mesmo, dançando com o seu namorado.

O *hêté-uácôp* saiu da casa da festa zangado e, ao encontrar os seus convidados, disse que naquela noite ia acontecer muita coisa ruim, por isso todos eles não o deviam abandonar e estar alerta aos toques (*aitócan*) da sua buzina, que eram diversos.

Um deles ora soava baixo, ora agudo, ora longo.

Têrêrêrê!... têrêrêrê!... tê-rêrêrê!...

Ten! Ten! Ten! Ten! Ten! Ten!

Foi em seguida conversar com o raio, com o trovão e com a chuva.

Os convidados foram sozinhos para a casa da festa.

Caiu, pouco depois, sobre a terra dos Maués, um temporal feio, prendendo toda a gente dentro da casa da festa, enlameando e sujando de galhos e de folhas o terreiro.

De repente o *hêté-uácôp* apareceu na casa da festa e bateu na mulher, bateu, bateu, bateu, puxando-lhe por fim o nariz.

A mulher era gente, mas virou logo tamanduá-bandeira.

Com a buzina o *hêté-uácôp* deu no namorado dela, puxando-lhe o nariz também. Por isso ele virou anta, ficando com o focinho comprido.

Deu na cunhada, que virou *tamanduaí*.

Deu num dos seus convidados e este virou veado (*anhian-hop-wató*).

E, porque fugiu pela porta, ficou com os quartos largos.

Deu com a buzina noutro convidado e este virou (*amanhéri*), fugindo, às cegas, através da parede de palha, por isso não tem carne na bunda.

Nessa noite todos os convidados que ali estavam, viraram bichos.

A velha que ralava guaraná (*téeêpéé*), ao fugir para o terreiro com a cuia, a pedra de ralar (*ué-y*) e a bola de guaraná (*uaraná-pé-ahá*), virou jabuti. A cuia é o casco, o coração é um pedaço de guaraná e o peito é a pedra.

História do guaraná

Antigamente, contam, existiam três irmãos: Ocumáató, Icuaman e Onhiámuáçabê.

Onhiámuáçabê era dona do *Noçoquém*, um lugar encantado no qual ela havia plantado uma castanheira.

A jovem não tinha marido; porém todos os animais da selva queriam viver com ela.

Os irmãos, ao mesmo tempo, a queriam sempre em sua companhia, porque era ela quem conhecia todas as plantas com que preparava os remédios de que precisavam.

Uma cobrinha, conversando com outros animais, certa vez, disse que Onhiámuáçabê acabaria sendo sua esposa.

Foi então espalhar pelo caminho por onde ela passava todos os dias um perfume que alegrava e seduzia.

Quando Onhiámuáçabê passou pelo caminho, aspirando o perfume, disse:

– Que perfume agradável!

A cobrinha, que estava próximo, disse a si mesma:

– Eu não dizia? Ela gosta de mim!

E, correndo, foi estirar-se mais adiante para esperar a moça.

Ao passar ao seu lado, tocou-a, levemente, numa das pernas.

E isto só bastou para que a moça ficasse prenhe, porque, antigamente, uma mulher, para que isso acontecesse, bastava ser olhada por alguém, homem, animal ou árvore, que a desejasse para esposa.

Porém os irmãos de Onhiámuáçabê não queriam que ela se casasse com gente, animal, ou árvore e que tivesse filhos, porque era ela quem conhecia todas as plantas com que preparava os remédios de que precisavam.

Por isto, quando a moça apareceu prenhe, os irmãos ficaram furiosos. E falaram, falaram e falaram, dizendo que não queriam vê-la com filho.

Chegou o dia do nascimento da criança.

A moça, depois do parto, no barracão feito por ela mesma, lavou a criança e tratou de criá-la.

Era um menino bonito e forte; e cresceu forte e bonito até a idade de falar.

Logo que pôde falar, o menino desejou comer as mesmas frutas de que os tios gostavam.

A moça contou ao filho que, antes de o sentir nas entranhas, plantara no *Noçoquém* uma Castanheira, para que ele lhe comesse os frutos, mas que os irmãos, expulsando-a da companhia deles, se apoderaram de *Noçoquém* e não o deixariam comer castanhas.

Além disso, os irmãos da moça tinham entregue o sítio à guarda da Cutia, da Arara e do Periquito.

O menino, porém, continuou a pedir a Onhiámuáçabê, mãe dele, que lhe desse a comer as mesmas frutas que os seus tios comiam.

Um dia, então, Onhiámuáçabê, a moça, resolveu levar o filho ao *Noçoquém* para que comesse castanhas.

Assim, indo a Cutia ao *Noçoquém*, viu no chão, debaixo da Castanheira, as cinzas de uma fogueira, onde haviam assado castanhas.

A Cutia correu e foi contar o que vira aos irmãos da moça.

Um deles disse que talvez a Cutia se enganasse; o outro disse que não podia ser verdade.

Discutiram.

E, afinal, resolveram mandar o Macaquinho-da-boca-roxa tomar conta da Castanheira, a ver se aparecia gente por ali.

O menino, que havia comido muitas castanhas e cada vez mais as cobiçava, já conhecendo o caminho do *Noçoquém*, tornou a ir lá no dia seguinte.

Ora, os guardas do *Noçoquém*, que tinham ido adiante, com ordens de matar quem ali encontrassem, viram o menino subir, às pressas, à Castanheira.

E, estando próximos, bem próximos, ocultos por outras árvores, tudo observando, correram e foram esperá-lo debaixo da Castanheira, armados com uma cordinha para decepar a cabeça do comedor de castanhas.

Dando por falta do filho, a mulher já se havia posto a caminho, para o buscar, quando lhe ouviu os gritos.

Correu na direção do filho, mas já o encontrou decepado às mãos dos guardas. Arrancando os cabelos, chorando e gritando sobre o cadáver do filho, a moça Onhiámuáçabê disse:

– Está bem, meu filho. Foram os teus tios que mandaram te matar. Eles pensavam que tu ficarias um coitadinho, mas não ficarás.

Arrancou-lhe primeiro o olho esquerdo e plantou-o. A planta, porém, que nasceu desse olho não prestava; era a do falso guaraná.

Arrancou-lhe, depois, o olho direito e plantou-o. Desse olho nasceu o guaraná verdadeiro.

E, continuando a conversa com o filho, como se o sentisse vivo, foi anunciando:

– Tu, meu filho, tu serás a maior força da Natureza; tu farás o bem a todos os homens; tu serás grande; tu livrarás os homens de umas moléstias e os curarás de outras.

Em seguida juntou todos os pedaços do corpo do filho. Mascou, mascou as folhas de uma planta mágica, lavou com sua saliva e o suco dessa planta o cadáver do filho e o enterrou.

Cercou-lhe a sepultura com estacas e deixou um dos seus guardas de inteira confiança, vigiando-a.

Recomendou a esse guarda, que era o Caraxué, que a fosse avisar, assim que ouvisse qualquer barulho saído da sepultura, pois ela saberia quem era.

Passados alguns dias, o Caraxué, ouvindo barulho na sepultura, correu, correu e foi avisar Onhiámuáçabê.

A moça veio, abriu o buraco da sepultura e de dentro dela saiu o macaco Coatá.

Onhiámuáçabê soprou sobre o macaco Coatá e amaldiçoou-o: andaria sem repouso pelos matos.

Fechou de novo a sepultura e lançou-lhe em cima o sumo das folhas da planta mágica com que lhe lavava o cadáver.

Dias depois o Caraxué foi avisá-la de que ouvira um barulho na sepultura do menino.

A moça veio, abriu o buraco da sepultura e dele saiu o cachorro-do-mato depois do Caiarara.

Ela soprou sobre ele e o amaldiçoou, para que ninguém o comesse.

Fechou de novo a sepultura e foi-se embora.

Dias depois o Caraxué foi avisar que ouvira barulho, de novo, dentro da sepultura.

Onhiámuáçabê foi até lá; abriu o buraco da sepultura e dele saiu o porco Queixada, levando os dentes que deveriam caber a todos os Maués e a todos os homens.

Onhiámuáçabê expulsou também o porco Queixada.

(À proporção que saía um bicho da sepultura do menino e era expulso, a planta do guaraná ia crescendo, crescendo.)

Passados alguns dias, o Caraxué ouviu barulho na sepultura e foi avisar Onhiámuáçabê.

Ela veio de novo, abriu a sepultura e dali saiu uma criança que foi o primeiro Maué, origem da tribo.

Esse menino era o filho de Onhiámuáçabê, que ressuscitara.

Onhiámuáçabê agarrou-o, sentando-o nos joelhos. E pôs-lhe um dente na boca, feito de terra.

(Por isso nós, os Maués, procedemos de cadáver e o nosso dente apodrece.)

A mulher foi lavando tudo, tudo, devagarinho, os pés, a barriga, os braços, o peito, a cabeça do menino com o sumo das folhas da planta mágica, que mastigara.

Quando ela estava entretida, fazendo isso com o filho, os seus irmãos chegaram, de repente, e a obrigaram a deixar de lavar-lhe o corpo.

(Este é o motivo por que os Maués não mudam de pele, como cobra.)

VOCABULÁRIO COMPARATIVO*
da
LÍNGUA MAUÉ

segundo Nunes Pereira
e
Curt Nimuendaju

* Os vocábulos[20] constantes da primeira coluna – sob o título geral MAUÉ – foram coletados por Nunes Pereira, e os da segunda coluna por Curt Nimuendaju.21

PORTUGUÊS	MAUÉ	
Corpo	Uypê	
Cabelo	Uyaçáp	Uysáb
Cabeça	Uyacang	Uykisá
Miolos	Iamantan	
Face	Uyéncorá	
Testa	Hoatuá	
Sobrancelha	Hurerácan-apé	
Pálpebra	Hurerápeó	
Pestana	Hurerápeó-peçap	
Olho	Hurerá	Huhehá
Globo ocular	Hurerá-hin	
Nariz	Uyéncoáp	Uyankwád
Narinas	Uyencorapê	Uyankwadopi
Lábio	Unrêpê	Unhembé
Boca	Uynen	Uyve
Dente	Hain	Uhai
Gengiva	Hainpê	
Língua	Uinçóp	Uhenkú, eenkú
Queixo	Urênoá	
Barba	Uiesáp	Uyvesáb
Bigode	"	
Orelha	Uiarapá	Uyhapê, uhe-vauraopi
Pescoço	Uhudepê	Uhudíb
Cangote	Uianumbê	
Nuca	Uhécang	

Ombro	Uicaipê	
Sovaco	Ipópeipê	
Braço	Uicá	Uykesuiá
Antebraço		Uypoesuiá
Cotovelo	Uipôpêacang	Uypopiakana
Mão	Uipaá	Uypó
Dorso da mão		Uypoogpé
Palma da mão	Uipópêoá	Uypaapiawa
Dedo da mão	Uiponhang	Uypúia
Unha da mão	Uipéhanpé	Uypuyhampé
Costa		Uyapé
Peito	Uipoteá	Uypotiá
Mama	Uihemi	Mi
Leite	Mihê	
Bico do peito	Uimemabóc	
Coração	Iuênan	
Estômago	Uipeá	
Fígado	Ipêá	
Barriga	Unronomeá	Unhunbiá
Umbigo	Uiperêmá	
Pênis h.	Uiahêp	Uhaá, saá (dela)
Pênis b.	"	
Escrotos	Uhaápean	
Órgão sex. masc.	Uiahêt	
Cabelo do púbis	Uipêcap	
Vulva	Cian	Siá
Órgão sex. fem.	Hairepoiá	

Nádega h.	Uretoá	
Nádega b.	"	
Ânus	Uiapê	
Coxa	Uiutú	Uyuptú
Virilha	Imuanbé	
Perna	Uican-uptú	Uycanoktú
Joelho	Uipéacang	Uypiakana
Pé	Uipêopê	Uypi
Dedo do pé	Uipéhang	
Palma do pé	Uipéauá	
Calcanhar	Uipéaçucá	
Carne		Ipui
Osso		Uikan
Medula	Uicagomaimbê	
Veia	Han-huin	
Vísceras	Uimeên, uimaán	
Tripas	" "	
Urina	Aré-hi	Si
Fezes	Uhun? Iumi	
Água	Eê	Ii
Rio	"	I wató
Mãe do rio	Ihêcorô	
Igarapé	Eê hid	
Onda	Uetú	
Banzeiro	"	
Vento	Uotô (ê)	Iwuitú
Pingo d'água	Eê hoin	
Furo		

Lago		
Terra	Uî	Iy
Areia	Uî-cuid	
Pedra	Nô	
Pedra quente	Nôsásôp	
Lama	Ipi-pi	
Tejuco	Yapó-perucptóc	
Terra alta	Uitêó	
Montanha	"	
Mato	Mopê	Naapí
Mata	Naápé	
Árvore	Aria-êp	Aria-ib
Casca de pau		Iipé
Raiz de pau	Aria-it-sapó	Aria-ib-sapó, hapó (dela)
Folha	Ihób	
Flor	Potyra	Ipohid
Fruta	Caá	
Fruta madura	Ia tã	
Semente	Caá-hin	
Palmeira	Maré	
Castanheira	Cên-inhan	Wanyã-ib
Açaí	Uassahy	Wasaí
Bacaba	Auhi-riri	Hawahuí
Mandioca	Mani	Manióg
Milho	Uatê	Awati
Feijão	Cumanan	Kumaná
Batata	Uriurú	Uriurú

Cará		Awaiá
Pupunha	Muravê	
Taperebá	Acaí-êp	
Urucu		Wakab
Fumo	Çohô	Suhú
Folha de fumo	Çohô-hôp	
Folha de fumo (rolo)	Çohô-pui	
Pimenta	Mucê	Mocê
Pimenta-malagueta	Mucê-terin	
Ova de peixe	Mucê-pirá-opiá	
Algodão	Amunguêsuáp	Amokiusuáp
Cana braba		Uwá
Capim-navalha	Açoaran	
Timbó falso	Timbó-urucu-ochup	
Timbó verd.	Timbó-cipó-ocunhén	Ukú
Taboca		Kariwá
Guaraná verd.	Uaraná-cécé	
Guaraná falso	Uaraná-hôp	
Guaraná bebida	Çapó	
Tarubá	Tarubá	
Caxiri	Cassiry	
Farinha-d'água	Ui (u longo)	Ui
Tapioca		Maniaí
Beiju		Man
Bebida	Mahê	
Toucinho	Icáp	
Gordura de morto	"	
Gordura de vivo	Ikêp	

Carne de peixe	Pirá-ipoí	
Carne assada	Micê	
Carne cozida	Mianon	
Céu	Atepê	Atipi
Chuva	Iaman	Iamán
Trovão	Hururururuê	Hurúe
Temporal	Iuêtuató	
Arco-íris	Uê-êp	
Nuvem	Ui-hin	
Raio	Merémerêbê	
Sol	Aát	Aád
Lua	Uatê	Watí
Dia	Hiradóc	Ihodóg
Noite	Uantén	
Treva	"	Watém
Relâmpago		Pirige
Luar	Uatehót	Uaikirú
Eclipse lunar		Wai hué
Vênus matutina		Wikiri wató
Via láctea		Iwaipoáb
Plêiade		Mopiy
Estrela	Uaikirú	Waikirú
Fogo	Aria	Aria
Calor	Auacup	
Fumaça	Uan-ê-hin	Ehi
Cinza	Itú	
Lamparina	Ariandê	
Lâmpada elétr.	Ariandê-hin	

Querosene	Ariandêuré	
Tição	Aria-pê	
Carvão	Aria-sapui	
Fósforo	Aria-vid	
Ave	Uetá	Weitá
Pena		Háb
Asa		Ipepó
Ovo		Hupiá
Mutum-fava	Miahô	Viavú
Mutum-pinima		Miiuaã
Inhambu grande	Uri-uató	
Pato	Ípec	Ipég
Marreca	"	
Anani	"	
Papagaio	Ahôt	Ahúd
Periquito	Óquib	
Gavião	Hêhui	Hiwi
Gavião-real		Hiwi-wató
Ariramba	Arirambá	
Arara-vermelha	Hanón	Hanón
Arara-amarela		Karú
Arara-azul	Anunhit	
Saracura	Taraucú	
Jacu	Çáôá; meiunibó?	
Tucano grande	Mandô-poriá	
"	Nhungán	
Uru mutum	Ucurá uató	
Jacamim	Uré	

Andorinha	Muquiá	
Galinha	Uaipecá	Waipaká
Urubu-rei		Uruvú-hin
"		Uruvú
Pica-pau	Çamã	
Macaco-cuxiú	Cuçiú	
Macaco-prego		Hanuan
Onça-pintada		Awiató-tin
Onça suçuarana		Awiató-húb
Onça (rei das onças)	Auató-pót	
Paca	Pág	Pái
Tamanduá-bandeira	Himpá	Himpá
Tamanduá-mirim		Ariúkerê-wehihíd
Tatu	Çahú	Sahú
Tamanduá-colete		
Mucura m. (velho)	Ohónanin-ipáiat-poát	
Mucura f. (velha)	Ohónanin-oarei-poát	
Quatipuru	Cutierê	
Morcego	Haquêhí	Haki
Cachorro	Uaré	Awaré
Jacaré		Yakaré
Cobra		Moí
Cobra sucuri	Surury-tenón	Sukuriú
Cobra "	Surury-pacú	
Cobra jibóia		Móí ató
Cobra jararaca		Móí poró
Tartaruga		Wawori wató

Jabuti	Auary	Wawori
Teju		Nnehú
Lontra		
Peixe	Pirá	Pirá
Jatuarana		Piráyi
Aracu	Aracú	
Surubim	Surubi	Surubi
Jacundá	Auitarú	
Sarapó		Urewó
Piranha		Piranya
Cabeça-de-pedra	Anuiá, auyá	
Raia	Iauéuerá	Araya
Camaleão	Caraóó	
Pulga		Inyú
Piolho		Níb
Carapanã		Karapaná
Pium		Upiú
Abelha		Awiá
Caba		Náb
Aranha		Kiá
Formiga		Sari
Borboleta	Murupêi	Morepéi
Cupim		Nupiá
Ambuá		Mukúd
Minhoca		Tsivuí
Barata	Apeê	
Besouro	Aurú	
Centopéia	Apênhá	

Cigarra	Caraoó	
Lacrau	Çapó	
Tocandira	Uatê uaman	
Inverno		Iamân mod
Verão		Aád piad
Homem		Ihahyniá
Mulher	Hariporia	Onyanyá
Pai	Pai	
Mãe	Mamãi	
Filho	Iménpoêt	
Filha	Haquiêt, pihin	Pihin, uha-kiéd
Irmão		Uheikeéd
Irmã		Uykivid
Tio	Hamón	Hamú
Tia	Apei	Titia, itiwiid
Avô	Acei	Aseí
Avó	Harê	
Cunhado	Chero-aí	
Cunhada		
Primo	Hapuá	
Prima		
Marido (meu)	Aitó	Uheaytó (meu)
Mulher (minha)	Uaré	Uyvari (minha)
Sogro	Hamonbó	Hamunbód
Sogra		Uakidopód

Velho		Nyã
Velha		Nya, hari
Namorada		Ohéoairê
Gente		Míd
Negro	Tapaiuna	Tapáy
Munducurucu		Moturukú
Índio brabo		Paritin
Língua de índio		Tapiiya posú
Nome		Uhéd
Tuxaua	Moregua	Tusau, morekwaád
Alma de defunto		Ahián, hehó
Sombra		Uypaáú, ipaú
Pajé	Paini	Payní
Menina	Pian	
Soldado	Çurara	
Autoridade	Morêquá	
Caveira de gente	Miácang-sóc	
Casa	Nétáp	Netáb
Cumeeira	Handicán	
Cobertura da casa		Ok
Esteios	Iangupé-coró	
Travessão	Pá-êp	
Quarto	Nétáp	
"	Cupirapé	
"	Nun-ê-uát	
"	Mehon-uát	
Casinha	Mêp iát	

Casinha sem forno	Miúnmún-háp	
Casa da dança	Airú iát	
Sala	Uquêpê	
Porta	Uquen-hêp	
Chão	Êí	
Galinheiro	Uiapacá-iát	
Jirau	Paracaí	
Moquém	"	
Gareira	Paátú	
Forno	Mêp	
Peneira	Pananém	Panané
Panela	Uaman	Iykauyua-nuaá, uãá
Colher de pau	Uaman-a-apê	
Ralo	Uecê	Iwssé
Cabo do ralo	Uêp	
Banco		Banko
Cadeira		Apikáb
Rede	Enim	Ini
Punho da rede	Enim enarô	
Beira da rede	Enim ambê	
Fundo da rede	Enim pê	
Tipiti	Môhóró	
Pá (para mexer farinha)	Porá	
Abano	Membê	
Balaio	Maiá	
Aturazinho	Êharim	
Jamaxi	Curivô	

Espanador	Uáquêiô-i-uató-uai-pçáp	
Cesta	Urú	
Vassoura	Çauré	
Fuso	Penemá	
Palheta	Enin-totúháp	
Bastidor	Enin-pueri-háp	
Machado	Háp	Iwiháb
Faca	Quicé	Kisé
Canoa	Iará	Iará
Remo	Apuquitá	Apokuitá, apokuitáb
Arco	Muriuát	Moriwád
Flecha		Moriá
Flecha para peixe	Húandê	
Flecha zagaia	Huám	
Bico de flecha	Oiporé-ainhan	
Pena de flecha	Oiporêaçáp	
Espingarda	Mucá	
Pólvora	Mucá-cui	
Espoleta	Mucá-am	
Anzol	Pinan	Piná
Linha	Limói	
Esteira		Tupé
Panacu		Panaku, kurivú
Tesoura	Çapirá	
Pente	Quá	
Couro	Pé	

Camisa		Camiça
Loção	Murranhê	
Caminho		Moáb
Barraca		Ók piáy
Pano	Çupé	Sogbé
Cuia		Kuia
Terçado	Quiçé-hêp	
Cigarro	Çohô	Suhu
Flauta		Kariwá
Cachaça	Marré	Kawi
Jamaru		Kuiruá
Remédio		Mohan
Doença		Ahú, iahú
Cadáver		Ikúrorokád
Mel		Êwid
Caçador	Meat-êp	
Pescador	Pirá-êp	
Tecedeira	Haripóia-enim-nun háp	
Construtor de canoa	Iaranhunhác	
Contador de histórias	Céharenoi-ap	
Branco	Icaticin	
Vermelho	Ihôp	Ihúb
Preto	Hon	Hun
Azul	Ihêlêp	Ihirib
Amarelo	Iápochup	Ikai
Verde	Icahái	
Um	Uêntôp	Wétub

Dois	Têpê	Tipid
Três	Mãi am	Maeim
Quatro	Têpê-êó	Tipivevoá
Cinco	Entô-caen-moraniá	Wetub kaviad morania
Seis		Kôháviad maitiá
Sete		Môháhab
Oito		Mopiasëd
Nove		Maewariw átupiad
Dez	Tapia moraniá	Maewariwi
Domingo	Mêtô	
Segunda	Moiratê-opê	
Terça	Moiratê-mocoin	
Quarta	Moiratê-moçapê	
Quinta	Supapá	
Sexta	Uiucuacô	
Sábado	Çaurú	
Hoje		Koytuy
Ontem		Naadpó
Agora		Mësuu
Amanhã		Monkité
Ainda agora		Koytoi
Alto		Uwayti
Pequeno		Kurin
Baixo		Iypiy
Bom	Uaco	Wacu

Bonito	Icohó	Ikahu
Grande	Uato	Iwató
Feio		Ipoitiy
Muito		Tiypiiy
Pouco	Curin	Tiypi

VOCABULÁRIO

Coligido por Teófilo Tiuba
no Posto Indígena do rio Andirá
Estado do Amazonas

Boró	Bom-dia
Rekáa	Boa-tarde
U-amdén	Boa-noite
Ariá-den-rém	Querosene
Marrêt	Cachaça
Terú-ró	Traz ou me dá
Eri-o-ró	Vem cá, vem para cá
Totó	Osso
I-anamú-copê	Vai para o cerrado
Tai-ró	Vamos
Tasó-náa	Fornicar
Siam	Sexo da mulher
Opée	Nádega
Miú	Comida
Toiró até-mu	Vamos comer
Teru-rá-su-fú	Dá-me cigarros
Arêt	Sexo do homem
Supiá	Ovo
Hé-hé	Água
Pinan	Anzol
Quá	Pente
Supé	Pano
Teruró-supé	Dá-me pano
Iámani	Chuva
Curó	Morreu
Toucá	Brigar
Ot-que-sá	Você quer
Eu-euá	Comigo

Ere-te-quesari	Não quero
Puhi	Carne
Amaú	Porco
Êt	Veado
Irupê	Senta-se
Erepé	Contas
Iárá	Canoa
Iárá-uató	Canoa grande
Burú	Grande
Curim	Pequeno
Oquet	Remo
Apucuitá	Sal
Ariá-hép	Pau
Ariá-pé	Tição
Ari-poriá	Mulher
Piam	Menino
Pirim	Moça
Quisé	Faca
Quisé-hêp	Facão
Bap	Machado
Muká	Espingarda
Muka-autó	Rifle
Cariuá	Branco
U-aipacó	Galinha
Agua-ré	Cachorro
Sapiró	Tesouro
Ui-at	É meu
Até-Burú	?

San-san-am	Ruim
Nu	Pedra
U-ai-querú	Estrela
Uát	Sol
Aát	Lua
Aná-cup	Calor
Ci-tó	Eu
Te-aman	Tocandira
Rai-ru	Dançar
Siróco	Calça, ceroula?
Camiçá	Camisa
Acuri	Cutia
Auari	Jabuti
Maré	Palha
Pará-cai	Cerol
Simó-i	Linha
Muká-cui	Pólvora
Eni	Rede
Atoquêt	Dormir
Ote-quesó, atoquêt eu euo	Você quer dormir comigo
Terurá eni	Traz minha rede
Cánámón	Para que me quer?
Toi-nê rai-rú	Tem festa mais tarde
Paná-ne	A peneira
Totó mampé, copé	Ele foi caçar
Morróró	Tipiti
Auari-uató	Tartaruga
Amêt-niá	Esfolado

Cará-niá	Quantos
Arerri	Urinar
Ran-nió	Homem
Tupaná	Santo
Tapai-una	Preto
Nacoi	Não é bom
Icáp	Gordo
Icang	Magro
Surárá	Soldado
Surárá-uató	Tenente
Urgia	Chibé
Irrê	Caldo de panela
Uaan	Panela
Terurá-hê hê comum-dipia	Traz água do pote
Terurá-aria-hêp	Traz paus
Terurá-arió-pé	Traz tição de fogo
Amaú-pé	Couro de porco
Et-pé	Couro de veado
Amaú-sin	Veadinho
Piam-rim	Meninozinho
Aripo-ria-rim	Mulherzinha
Rêcató	Espera aí
Tairó-reirú meicuram	Vamos à festa mais tarde
Meicurám ranó	Até logo
Pirá-rim	Peixe pequeno
Pirá-eu-ató	Peixe grande
Aueató	Onça
U-eu-ató	Anta

Et-tecto	Cortar
Etipó pó	Bater
Êt-arrê	Bater
Muquiát	Andorinha
Tepuna	Joga fora
Aicotain	Como tem passado
Raminon	Pagamento
Muram-rêe	Loução
Ariugue	Preguiça
Bimbá	Tamanduá
Erequetem	Excremento
Au-iu	Sujo
Ipo-ró	Melhor
Uir-rópt	Ferroada
Raminon	Paga o que me deves
Erramon	Sogro
Chero-ai	Cunhado
Nêm	Padre
Nêp	Piolho
Tipo-na	Jogo
Aí-umbé	Onde tem? onde está?
Toiné	Você tem
Icarró	Bonita
Aicopé	Aonde
Roni-há	Homem
I-arrôt	Doente
Arrot	Papagaio
Picasú	Pombo

Anon	Arara
Minxicui-ocó	Lá vai
Suaná	Camaleão
Errê-papei	Bota pela beira
Etpacht	Partir
Uatué-rit	Encosta
Toine eu	Está
Etaptcoát	Pega, segura
Epeká	Pato
Enê-poasé	Bota pelo largo
Etonon	Faz ou prepara
Toiné	Tem
Uaco	Bom
Uaco sesé	Bom demais
Reçó-aitalá	Diz que é mentira
Reçó	Mentira
Péua terana	Diz que é verdade
Epoinê	Não fala
Epoiam	Levanta
Meipetô	Lá vem
Baiuá	Jacaré
Jocó	Já passou
Mio-iraendú	Ainda vem
Etpu-airaam	Já está perto
Apê-arrak	Está zangado
Riá-té	Está longe
Nioeriti	Lá está
Menti	Cá está

Icaá	Buraco
Etopanicaké	Entra no buraco
Con	O que, como
Marêquat	Autoridade

NOTAS

(1) Na história do município de Parintins, que é um dos mais futurosos e prósperos do Estado do Amazonas, vamos encontrar, de par com a descrição dos aspectos físicos da área geográfica a que nos estamos referindo, a descrição do elemento humano que o ocupava nos primeiros dias da Conquista do Setentrião. Desde logo, entre aqueles aspectos físicos, ressaltam os terrenos elevados, a cavaleiro das enchentes periódicas dos rios, e o enriquecimento em húmus, por meio deles, das suas extensas várzeas, restingas e cacaias.

Pedro Cordovil foi encontrar, em 1796, na Ilha de Tupinambarana – assim denominada porque ali se haviam refugiado outrora os Tupinambás, principalmente na ilha Maracá –, além dos representantes desse grande povo, os Sapupés e os Maués.[22]

Segundo Antônio C. R. Bittencourt "àquelas tribos reuniram-se, em 1790, Paravianas e Uapixanas, vindos deportados do rio Negro, por crimes que haviam cometido. Mais tarde, em 1803, chegaram os Mundurucus".

Indivíduos dessas tribos, então, ali cultivavam o tabaco, o cacau, o guaraná e a mandioca; e, paralelamente, se dedicavam à pesca da tartaruga, do pirarucu e do peixe-boi, as duas espécies de maior porte e mais freqüente contribuição à dieta de colonos e nativos.

Município não menos importante é o de Maués, porém suas terras participam mais dos aspectos do planalto do Tapajós do que, propriamente, do Amazonas e do Madeira. Antiga missão dirigida por frei José Alves das Chagas, assim que foi ganhando vulto de povoação, os sertanistas Luís Pereira da Cruz

e José Rodrigues, em 1789, lhe deram o nome de Luzéa. Martius, entretanto, nos informa que a antiga missão era chamada pelos índios Uacituba. Só em 1865 foi elevada à vila e recebeu o nome de Maués, que até hoje conserva.

A Maués foi dado o nome de Mundurucânia, região, historicamente famosa, na expressão de Araújo Lima, *que a geografia dos meados do século 19* assim entendeu batizar.

E continua o mesmo autor: "Essa formosa região abrange grande parte daquela que constitui o último reduto dos amazonenses em face da absorção nordestina: é o Amazonas que restou aos seus filhos".

E mais: "Ali, na projeção daquele sistema líquido de vias de comunicação que têm o Canumã ou Urariá por espinhaço, a traçar à feição de uma coluna líquida mestra, esse esplêndido canal que liga o Madeira ao Amazonas; ergue-se ali, sem ritos nem cerimônias externas, um culto à tradição e ao progresso. É o pedaço de terra amazônica que falará sempre à alma nativa, como um cântico de vida colonial, para ensinar àquela gente que sua terra tem história".

Da região que medeia entre o Tapajós, o Amazonas e o Madeira, diz Henri Coudreau, entretanto: "Apesar de não ser senão um longo vale úmido e quente, o Tapajós inferior comporta um pitoresco que sem dúvida foi estranho ao estabelecimento do grande número de povoações que se sucedeu sobre as suas margens. Desde o princípio a margem direita se alteia, exibindo uma série de colinas que continuam as de Santarém".

E ainda mais este conceito incisivo: "É mister saber adaptar-se aos fatos aí onde a natureza plantou um sistema de montanhas e planaltos, será mais fácil abrir caminho para a

locomotiva que para o navio. Sobretudo, considerando que esses planaltos acidentados apresentam, em boa parte do seu percurso, campos-prados de qualidade boa ou medíocre, aí existentes como que para indicar a linha natural de penetração transcontinental ao baixo Xingu, à Bolívia e ao Chile".

Henri Coudreau, como Araújo Lima, celebrou o caráter e a inteligência dos povos que habitam essa faixa de terra entre o Tapajós, o Amazonas e o Madeira. Devemos a ele, também, vocabulários dos dialetos Maué e Apiacá.

O desenvolvimento atingido, nestes últimos decênios, pelos municípios amazonenses de Parintins e de Maués (entre estes cabendo um lugar ao de Barreirinha), no que diz respeito ao plantio do guaraná, à extração do pau-rosa e à juticultura, demonstra que Coudreau e Araújo Lima equacionaram, de modo admirável, não só os problemas da terra como os do homem, na antevisão segura do seu destino.

(2) As chamadas *terras pretas* têm grande importância para a arqueologia e a etnologia, pois nelas fundavam os índios da Amazônia, geralmente, as suas lavouras, dados os elementos que entravam na sua estrutura, sendo ali encontrados, freqüentemente, fragmentos da cerâmica e ruínas das suas habitações.

Estudando a natureza do solo onde se planta, preferentemente, o guaraná, o agrônomo Frederico Schmidt afirma que "os terrenos de Maués e municípios limítrofes pertencem à era terciária (período cenozóico)".

Predominam os solos silico-argilosos, suficientemente permeáveis e profundos. A variegada coloração que apresentam,

indica a presença de concreções ferruginosas. Quanto à classificação botânica do guaraná, devemos a Adolfo Ducke o haver estabelecido a distinção entre o do rio Negro e do Orenoco e o da terra dos índios Maués e Mandurucus.

O guaraná do rio Negro e do Orenoco é o *Paullinia cupana* Hub. Bon. Kunt; o do município de Maués e terras limítrofes é o *Paullinia cupana var. Sorbilis* (Mart.) Ducke.

Antes dessa distinção científica, feita por Adolfo Ducke, já o grande naturalista brasileiro Alexandre Rodrigues Ferreira, em sua *Viagem Filosófica* pelo vale do rio Negro, apontara uma outra diferença não menos importante: a do produto fabricado pelos índios do rio Negro e o fabricado pelos índios Maués, exaltando as qualidades e valor comercial deste último.

Estando, há quatro anos, em Marabitanas, ainda pudemos ver um dos últimos pés de guaranazeiro, dentre quatro que o botânico Ricardo Fróes, do Instituto Agronômico do Norte, levou para esse estabelecimento científico.

Mas é de justiça salientar-se que os índios Maués, com anterioridade impressionante, já haviam fixado, numa das suas lendas – *História do Guaraná*, que aparece neste trabalho – essa diferença, visto que chamavam *uaraná-cecé* ao guaraná verdadeiro ou *Paullinia cupana var. Sorbilis* e *uaraná-êp* ou guaraná falso ao *Paullinia cupana* Hum. Bon. Kunt. O Consórcio do Guaraná, com sede na cidade de Maués, é o maior comprador de toda a safra anual da região, incluindo-se o resultado do trabalho dos índios.

(3) O fenômeno político-social da Cabanagem – que ainda não teve um historiador à altura da sua significação – envolveu não só o caboclo mas o próprio indígena nos seus aspectos sangrentos.

E isso pode ser evidenciado lendo-se Baena, Bertino de Miranda Lima, Araújo Lima, Arthur Cézar Ferreira Reis, Ernesto Cruz, Anísio Jobim e Jorge Hurly.

No Amazonas encontraram os Cabanos brônzea cortina humana às suas proezas, erguida pelos legalistas sob a direção de Ambrósio Bararoá, Pedro Sanchez de Britto, João Valente do Couto e José Coelho de Miranda Leão. E índios foram aliciados, para essa reação, entre os das tribos Maués e Mundurucus.

Não é menos exato, contudo, que os Cabanos também engrossaram suas tropas de guerrilhas com gente de idêntica procedência.

Segundo lemos, por exemplo, em Antônio C. R. Bittencourt: "Os revoltosos do Pará, ao que parece, não tocavam em Parintins, pelo Amazonas. Pelo menos não encontramos documento algum que a isso se refira.

Acometeram a povoação, vindos do Andirá, conduzidos pelo diretor dos índios, *índio também de nome Chrispim Leão*. Os habitantes de Tupinambarana foram obrigados a fugir para Óbidos e para outros lugares".

O mesmo autor, recorrendo ao cônego F. Bernardino de Souza, como nós o fizemos, pôde dar-nos em sua preciosa *Memória do município de Parintins* um retrato, naturalmente exagerado, da figura do rebelde Chrispim Leão e da sua colaboração aos Cabanos.

A verdade é que, ainda não havendo sido escrita a *História da Cabanagem*, difícil será apreender-se a importância do índio, quer como colaboracionista dos rebeldes, quer como colaboracionista dos legalistas.

Porque também nem sempre poderemos defrontar sem paixão aquela alma popular, humilhada e revoltada, que um ideal de liberdade humana e uma alucinada exaltação nativista levantaram contra o domínio português na Amazônia.

(4) Devemos a Karl Fred. Ph. Von Martius um pequeno vocabulário da língua maué e uma relação das hordas ou clãs que damos à página 80 da presente obra. Martius escreve *Jurupari-pereira*, *Pirá-pereira* em vez de *Jurupari-pirera* (pele de Jurupari) e *Pirá-pirera* (pele de peixe), começando, desde aí, a confusão da língua maué, na obra do mesmo sábio.

Ele não nos aponta qual desses clãs ou hordas era o mais importante, dentro da estrutura social, religiosa e econômica dos Maués.

Coube-nos, por isso, interpelar um dos nossos companheiros na viagem às cabeceiras do Araticum – o índio Cirilo, certo um dos mais inteligentes e autorizados informantes a que recorremos.

Enumerou-nos ele, primeiramente, os clãs que damos à página 80, esclarecendo que o de nome *Assay* procedia da palmeira de cujos frutos se fabrica um precioso vinho, rico em vitaminas; que o clã *Uaranan* procedia da planta denominada guaraná, de cujos frutos se fabrica o *çapó* ou uma bebida nacional, mais rica em diversos princípios estimulantes e nutri-

tivos que o açaí ou outra qualquer, porque, também, tem virtudes ou "forças" mágicas; que o clã *Napu-uá-nian* procedia de um pompilídeo ou caba indígena, que se assanha facilmente e cuja ferroada é bastante dolorida; que o clã *Acorêriua* procedia da cutia, um roedor eminentemente frugívoro, cuja carne é bastante apreciada; que o clã *Ainturia* de um cuculídeo – o *anum-coroca*; que o clã *Huiria* procedia do gavião; que o clã *Çaterê* procedia do *bicho*, não querendo nomeá-lo, quando exigi mais esclarecimentos, por lhe ser proibido fazê-lo.

E esse clã *Çateré* é o mais importante de todos. Tanto assim que todos os tuxauas eram escolhidos a rigor, segundo a tradição, dentre os indivíduos que a ele pertenciam, porque são nobres e valentes.

Os demais clãs estavam sob a influência econômica, social e religiosa do clã *Çaterê*.

Na genealogia dos indivíduos desse clã está um herói de cultura – Uaciri-Pót – senhor do *Porantim* ou *Remo mágico*, grande legislador e pajé da tribo – e outra figura, embora moderna: a de Miguel Antônio Ferreira, grande chefe da tribo, cuja memória ainda hoje é venerada. O tenente Manoel Francisco – já hoje falecido como o tuxaua Antonico e que nos acompanhou na viagem ao Araticum, – era do clã *Çaterê*. E Cirilo, indicado como substituto do então tuxaua, também era do clã *Çaterê*.

Os avós de Cirilo, do clã *Çaterê* como nos salientou, também eles, tinham nomes de aves da região: *Nhugan* ou tucano, *Uriri-uató* ou inhambu, *Urê* ou jacamim, *Anun-hit* ou arara-azul, *Ucuruá* ou uru-mutum, *Meuini-bô* ou jacu. Desses

clãs não existem hoje, segundo o SPI, mais de 1.200 indivíduos, sem se incluir nesse total os do rio Maué-Açu.

(5) Diz, textualmente, William Chandless: "Except on the Guaranatuba (an eastern affluent of the Maué-Açu) where the Maués live, the indians of all these rivers are Mundurucus, a tribe so well known and so often written of that I need say little about them".

(6) Nas suas considerações sobre a cerâmica dos índios da Tapajônia, escreve Frederico Barata: "Do pouco que se sabe hoje dos Tapajó, uma coisa é certa: eles não enterravam os seus mortos em urnas funerárias. Moíam-lhes os ossos para adicioná-los às bebidas que serviam em vasilhame de barro".

Essa prática de moer os ossos dos seus mortos e os misturar às suas bebidas, teria levado outros índios a fazer o mesmo com os ossos de animais, como o fomos encontrar entre os Macus do rio Negro, no Estado do Amazonas.

Aquela prática, entretanto, não teria a dupla expressão que, para os Macus e outros silvícolas, tem a de, associando ossos moídos às bebidas e alimentos, homenagear os seus totens e os seus heróis e assegurar certa porção de cálcio que nem sempre encontram nos produtos da terra que habitam?

(7) Em 1921 quando, pela primeira vez, visitamos o dédalo de lagos da região dos Autazes, no município de Itacoatiara, o SPI ainda não tinha ali nenhuma influência sobre os índios Muras – errantes sempre nas suas pescarias e caçadas,

sendo estas das mais primitivas, às vezes, pois se servem de cacetes e de fogo. Raros representantes dessa tribo viviam em São José do Amatari e uma família apenas fomos encontrar, em 1937, no rio Urubu, próximo ao furo do Arauató. O SPI, atualmente, ali possui um Posto Indígena, em condições idênticas à dos demais que conhecemos.

(8) Ao invés do osso ióide ou língua do peixe conhecido pelo nome vulgar de pirarucu, servem-se os índios Maués de uma pedra, da largura da palma de uma mão, com as características de arenito. Os grãos cristalinos dessa pedra, no atrito com *bolas* e *pães* de guaraná, mergulhados n'água, por ocasião do preparo do *çapô*, permite que se obtenha um fino pó desse produto.

Essa pedra é conhecida pela denominação de *ué-y*, como se lê na lenda *A Origem dos Bichos*, na página 129 da presente obra.

(9) O remo usado atualmente pelos índios Maués é o que Wilhelm Schmidt chama *remo de pá redonda* (ou oval). Sua área de distribuição pode ser vista na carta n.º 3, da obra *Etnologia Sul-Americana*, do autor ora citado; e na carta que se refere à distribuição das diferentes formas de remo na América do Sul, da autoria de E. Nordenskiöld, estampada em *La America Indigena*, de L. Pericot.

(10) Os animais da mitologia indígena estão sujeitos às mesmas funções fisiológicas comuns à mulher ou comuns ao homem.

Assim, na *Lenda do timbó e da primeira água* (página 111), a onça *grávida*, tendo pulado n'água onde haviam batido timbó, anulou a ação desse vegetal ictiotóxico. E daí haver sido castigada por Icuaman, que lhe *tirou a sombra*, isto é, que a matou.

(11) O padre Wilhelm Schmidt, em *Etnologia Sul-americana* (nota n.º 7.400), faz referências a "V A 33490 *remos para homens*; V A 33491 *remo para meninos*; V A 33492 *remos para mulher*.

Essa distinção é encontrada entre os índios Maués e noutras tribos do Amazonas. E alguns desses remos, arcos e flechas têm poder mágico, poder que não escapa mesmo à mentalidade de uma criança.

Assim, no Araticum, dizia-nos um menino, com orgulho, haver abatido um mamão graças à força mágica das suas flechinhas e do seu arco.

(12) Além dos *morceaux du roi* já referidos, os índios Maués apreciam bastante, igualmente, os que lhes oferecem os macacos parauacu ou *uáquêi-uató* e o *cuçiú* ou cuxiú. Não comem, porém, o macaco-prego.

Da anta apreciam as costelas e a pele da barriga. A carne moqueada da anta é muito gostosa, sendo considerada (como a mixira do peixe-boi para os índios e caboclos de outras regiões da Amazônia) um alimento de poupança, altamente nutritivo. A carne dos chamados porcos-do-mato, principalmente o caititu, é muito apreciada; todas as peças desse animal são devoradas

sem predileção especial, como as dos pequenos roedores – as pacas e as cutias.

Das aves, de que são riquíssimas as matas do Andirá, do Araticum e do Maué-Açu, os índios Maués comem o inhambu-açu ou *uriri-uató*, assando-lhe e cozinhando-lhe a carne. O inhambu peua ou *uririhy*, como o inhambu-relógio ou *uanhôri* e o inhambu-preto ou *uãeuaé-hôriru*, é petisco valioso. E o mesmo podemos dizer das aves seguintes: cojubim-morê (assada); mutum (cozido ou assado), tendo-se o cuidado de não atirar aos cães o encontro das asas ou ponto de articulação do rádio e do cúbito, porque acreditam que os predispõem à raiva ou à rabugem, matando-os; pato ou *êpecá* (cozido ou assado); marreca ou *êpecá-hin* (cozida ou assada).

Antes de comerem o *marau*, passam-lhe o corpo entre chamas, para *tirar a pimenta*, dizem, isto é, uma secreção venenosa ou simplesmente irritante, que a pele desse batráquio exsuda.

(13) O tarubá é uma bebida feita com um dos mais apreciados beijus indígenas: o beiju-açu, que dissolvem n'água e deixam fermentar, em vasilha de barro, durante alguns dias. Juntam-lhe alguns índios pedaços de cascas de plantas odoríferas, discretamente, para lhe comunicar alguma ação mágica. Acreditamos, porém, que o alto poder de embebedar do tarubá não será exclusivamente dele e desses fragmentos das suas plantas, mas sim da associação ou da mistura deste com o paricá, com fumo e a aguardente de cana. Estupefacientes seriam, em geral, apreciados nas festas nacionais, sociais e religiosas dos índios Maués.

(14) Barbosa Rodrigues, na citação que aqui fazemos, se refere ao caxiri, outra bebida enebriante. Há várias espécies de caxiris, sendo as mais apreciadas, como bem o notou Stradelli, aquelas preparadas com "qualquer espécie de fécula, mas, de preferência, de farinha de mandioca, cozida antes em beiju e desmanchada em água fria".

Os caxiris de frutas – abacaxi, jenipapo, pupunha, taperebá, tucumã – pedem outra técnica e a eles se associam mel e garapa. A coloração, rósea ou roxa, dessa bebida, se obtém associando-lhes cará (uma *discoreácea*) cozido previamente.

(15) A crença nas propriedades terapêuticas ou mágicas do sexo e das secreções da mulher, *della vagina dele membre sue*, como o diria Dante, está espalhada entre todos os povos da terra, sejam eles civilizados ou bárbaros. Desse modo, para a ferrada de qualquer animal peçonhento – raia, lacrau, centopéia, caba ou marimbondo – recorrem os índios prestamente e confiantemente, acreditando que as secreções (e mesmo a urina e o líquido catamenial) podem atenuar, anular ou exacerbar a ação deste ou daquele veneno ou malefício.

No caso a que se refere Barbosa Rodrigues, só podemos admitir que a ação curativa ou atenuante das dores, produzidas pela formiga tocandira *Dinoponera grandis*, resulta das sensações do próprio coito e não das secreções íntimas da mulher.

Nas práticas de enfeitiçamento ou feitiço, para que um homem se prenda indissoluvelmente a uma mulher, costumam dar-lhe a beber, em café, chá ou água, um pouco dessas secre-

ções escatológicas, em cujas virtudes Madame Sevigné acreditava, segundo bem o referiu Mário de Andrade. Práticas, dessa natureza, são freqüentes não só nos haréns marroquinos como em certas classes sociais do Brasil indígena e mesmo civilizado.

(16) O índio maué, de nome Cirilo, que nos deu informações relativas às nações ou aos clãs da sua tribo, frisou que "todos os tuxauas eram escolhidos, rigorosamente, dentre a nação *Çaterê*, dando-nos a entender que eram, além de valentes, nobres".

Barbosa Rodrigues não teve a oportunidade que se nos ofereceu de verificar esse aspecto das normas sociais dos Maués.

(17) Os caçadores Maués utilizam pios para atrair as aves e os quadrúpedes, como a anta, que desejam abater. E fazem um apelo original, também, servindo-se das folhas de uma bromeliácea (*ananarana* ou *caroá*), que passam, de través, atritando-a, sobre a lâmina do terçado.

(18) A introdução da *diamba*, *dirijo* ou *maconha*, entre os índios Maués, se fez, seguramente, no contato que os negros escravos com eles estabeleceram, no início do povoamento da Amazônia.

No litoral paraense e até nos rios Purus e Solimões, pescadores e lavradores adquiriram esse vício, fumando folhas de diamba *Cannabis sativa* var. *indica* L., isoladamente, ou associadas ao tabaco, em cigarros grosseiros, que passam de boca em boca. Plantações regulares de diamba são encontradas

nos campos bragantinos e nos barrancos dos rios do Amazonas, aqui citados, principalmente onde há descendentes de negros escravos. Os *viradores de terra*, na zona bragantina, são vítimas desse vício.

(19) O conjunto de histórias, de lendas, de tradições que aqui apresentamos se denomina em língua Maué – *Cehalpóri*. Alguns dos símbolos que o *Porantim* ou *Remo mágico* nos mostra são representações mnemônicas dessas e de outras lendas, tradições e histórias que não podemos recolher totalmente.

Algumas são nitidamente originais, mas outras procedem de certas fontes comuns à imaginação, à experiência, à mística dos tupis.

A história da Mucura e do Bacurau é uma delas. Barbosa Rodrigues já a incluíra na sua *Poranduba Amazonense* e nós fomos encontrar variantes, certamente mais pitorescas e movimentadas, entre os Parintintins de Três Casas, no rio Madeira.

A *História do Guaraná* foi divulgada em inglês e em castelhano, nas traduções que lhe dedicaram, respectivamente, Armando Lemos, um *scholar* que à sua mentalidade de engenheiro alia opulenta cultura clássica, e Samuel Torres Videla, publicista e diplomata, natural do Peru, ambos profundamente interessados por todos os aspectos culturais da Amazônia brasileira.

A escritora norte-americana Alice Roger Haag inseriu essa história na obra que publicou ao fim de suas viagens aéreas pelo Brasil.

Essa história se contrapõe, pelas fontes a que recorremos e pela simplicidade da narrativa, à versão divulgada pelo prof. Roquette-Pinto.

A *Origem da noite* tem os elementos essenciais da versão tupi conhecida graças a outros pesquisadores, mas os Maués a enriqueceram dando-nos, através da sua fabulação, uma explicação original para a distribuição dos diversos venenos que as cobras possuem.

(20) Para o conhecimento da língua maué, quem quer que a deseje estudar, precisa recorrer aos vocabulários organizados por Carlos Frederik Hartt, Frederic Katzer, Henri Coudreau, Koch-Grünberg e Curt Nimuendaju.

Um estudo comparativo desses vocabulários logo nos dará a entender que, de permeio com os elementos característicos da verdadeira língua maué, abundam os da língua geral ou Nheengatu.

Desejaríamos dar à estampa, com o presente trabalho, um estudo comparativo desses vocabulários, mas o formato das obras incluídas na *Coleção Rex* não comportaria um quadro nas proporções do que se faz necessário organizar. Limitamo-nos, por essa razão, a confrontar o vocabulário por nós levantado e o que devemos a Curt Nimuendaju, isto é, aquele que levantou, em maio de 1922, no Posto Indígena do Maici (rio Madeira, Estado do Amazonas), com o índio Antônio Ferreira Lima do rio Maué-Açu.

Lamentável foi não podermos transcrever todo o vocabulário com os sinais diacríticos por ele criados e fora das conhecidas leis

que os estabeleceram. A conselho do próprio Curt Nimuendaju, nunca nos empenhamos na aplicação desses sinais, limitando-nos a imitar Vieira, quando punha o ouvido à boca do indígena, para lhe captar as palavras e transmitir-lhes os sons, sem artifícios bizantinos ou regras torturadamente engendradas. Frederico Hartt, apontando as vogais *a*, *e*, *i*, *o*, *u*, do Tupi, refere-se à pronúncia gutural de *jg*, água, e diz que o som "ocorre no Mundurucus e no Mauhé", como o *ch* do *Ich* e do *Buch*, da língua alemã.

(21) É de absoluto interesse, para um estudo completo dos Maués, o conhecimento do trabalho de Curt Nimuendaju intitulado *Notizen Uber Die Maué*, com indicações para consulta de tópicos da *Revista do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro* e das *falas* dos presidentes da Província do Amazonas. Nos Arquivos Públicos do Pará e do Amazonas existem preciosos códices que, também, precisam ser consultados, visto ocorrerem neles numerosos dados sobre os Maués no Regime Colonial e no Regime Provincial, igualmente, tanto no Tapajós, como nos rios Trombeta e Negro.

(22) A exemplo de vários pesquisadores, durante largo tempo, teimamos em não aceitar algumas, das mais abalizadas, sugestões e regras acerca da pluralização dos gentílicos, escrevendo: *os Parintintin*, os *Maué*, em vez de *Parintintins* e *Maués*.

Acompanhamos, sem maior exame, a atitude de Curt Nimuendaju, certo a maior autoridade em assuntos de etnologia que respeitávamos no Brasil.

Em vão lemos e relemos, entre as explicações finais de J. Capistrano de Abreu, em *A Língua dos Caxinauás*, a que se refere às razões que levaram os nossos avós a atribuir gênero e número às denominações indígenas encontradas, entre nós, desde os primeiros dias do Brasil colônia. Com o seu admirável bom humor, escrevia o grande historiador: "Não se abriu exceção para nome de tribos e deu-se até no Brasil o fato de, depois de acrescentar *s* para indicar plural, considerar o termo como singular e modificá-lo de novo: ainda hoje diz-se Goianazes, Goitacazes, já se disse Tupinambases e ainda se compram, vendem, exportam e comem ananases. Para os sábios ribeirinhos do Reno e do Danúbio, isto é, *l' abomination de la désolation*".

Ora, Curt Nimuendaju era alemão.

Mas, lendo e meditando quanto a respeito escreveu Frederico C. Edelweiss em *A Suposta Invariabilidade dos Gentílicos* – dada a profundeza do seu estudo e a lógica da sua argumentação –, forçoso foi reconhecer que não nos cabia continuar teimosamente no erro.

O quadro *confuso que os simplificadores de escol apresentam*, na expressão de Frederico Edelweiss, nos apontou o novo rumo a seguir: daí referirmo-nos agora aos *Maués*, e não aos Maué, como outros escreverão os Timbira ou os Tapajó.

De fato, *a forma única dos etnônimos é indefensável no português, ainda quando perpretada por elementos do nosso ensino superior.*

Voltamos as costas a esses simplificadores e ficamos com Frederico Edelweiss, dada a autoridade que lhe reconhecemos em matéria lingüística.

Bibliografia

BITTENCOURT, Agnello. *Geografia do Estado do Amazonas*.

FERREIRA, Alexandre Rodrigues. *Viagem Philosophica*.

BAENA, Alfredo Ladislau Monteiro. *Ensaio de Chorographia da Provincia do Pará*.

METRAUX, Alfred. *La Civilisation Matérielle des tribus Tupi-Guarani*.

_____. *La Réligion dos Tupinambá*.

_____. *Contribution à l'étude de l'archeologie du cours superieur et moyen de l'Amazon*.

HAAG, Alice Rogers. *Frontier by Air*.

BITTENCOURT, Antônio C. R. *Memória do Município de Parintins*.

JOBIM, Anísio. *Aspectos Sócio-Geográficos do Amazonas*.

LIMA, Araújo. *Amazônia – A Terra e o Homem*.

REIS, Arthur Cézar Ferreira. *História do Amazonas*.

_____. *A Conquista Espiritual do Amazonas*.

MARAJÓ, Barão de. *Regiões Amazônicas*.

NERY, Barão de Sant'Anna – *Au pays des Amazonas*.

CABRAL, Caetano. *O Guaraná*.

SOUZA, Cônego Francisco Bernardino de. *Lembranças e Curiosidades do Valle do Amazonas*.

_____. *Comissão do Madeira, Pará e Amazonas*.

MAGALHÃES, Couto de. *O Selvagem*.

NIMUENDAJU, Curt. *The Maué and Arapium*.

_____. *Zur Sprache der Maué Indianer.*

_____. *The Cawahib, Parintintin and their neighbours.*

HORTON, Donald. *The Mundurucu.*

STRADELLI, Ermanno. *Vocabulário Nheengatu-Português* etc.

CASTELNEAU, Francis. *Expedition dans les parties centrales de l'Amérique du Sud.*

SAMPAIO, Francisco Xavier Ribeiro. *Diário da viagem de visita e correição realizada em 1774 e 1775 pelo Ouvidor e Intendente Geral.*

KELLER, Franz. *The Amazons and Madeira Rivers.*

SCHMIDT, Frederico. *O Guaraná.*

EDELWEISS, Frederico. *A Suposta Invariabilidade dos Gentílicos.*

BARATA, Frederico. *A Arte Oleira dos Tapajó.*

HARTT, Frederik. *Notas sobre a Língua Geral ou Tupi Moderno do Amazonas.*

MONTANDON, George. *Traité d'Ethnologie Culturelle.*

PALMATARY, Helen C. *Tapajós Pottery.*

COUDREAU, Henri. *Voyage au Tapajós.*

ROSA, Henrique A. Santa. *História do Rio Amazonas.*

BETTENDORFF, João. *Crônica da Missão dos Padres da Companhia de Jesus.*

RODRIGUES, João Barbosa. *Viagem ao Tapajós.*

_____. *A Emancipação dos Maués.*

_____. *Poranduba Amazonense.*

ABREU, João Capistrano de. *A Língua dos Caxinauás.*

VERÍSSIMO, José. *Scenas da Vida Amazonica.*

STRÖMER, J. C. *Die Indianer Mission am Cururu.*

MARTIUS, Karl Fred. Ph. von. *Reise in Brasilien.*

_____. *Beitrâge zur Ethnographie und Sprachenkunde Amerikas zumal Brasilien*.

PÉRICOT, L. *La America Indigena*.

AMAZONAS, Lourenço da Silva Araújo. *Diccionario Topographico, Historico, Descritivo da Comarca do Amazonas*.

ANDRADE, Mário de. *Namoro com a Medicina*.

PEREIRA, Nunes. *O liso do Paricá e da Coca entre os Mura*.

_____. *Bahira e suas Experiências*.

ROQUETTE-PINTO. *Etnografia Indígena*.

BENEDICT, Ruth. *El Hombre y la Cultura*.

LEITE, Serafim. *História da Companhia de Jesus*.

KOCH-GRÜNBERG, Th. *Die Apiaká Indianer*.

_____. *Vocabulário Português e Maué*.

CHANDLESS, W. *Notes on the Rivers Maué-Assu, Abacaxis and Canumá*.

_____. *Notes on the Rivers Arinos, Juruena and Tapajós*.

SCHMIDT, Wilhelm. *Ethnologia Sul-Americana*.

Índice das fotografias

Foto I – Panorama da região – p. 23.
Foto II – Urna funerária – p. 29.
Foto III – Mestiço Maué empunhando mãos de pilão – p. 60.
Foto IV – Três tipos de saris ou luvas – p. 65.
Foto V – Enterro de uma criança Maué – p. 67.
Foto VI – Teófilo Tiuba e um músico popular – p. 71.
Foto VII – Um pajé Maué e seu ajudante – p. 87.
Foto VIII – Tambor para a Festa do Divino – p. 92.
Foto IX – O autor e o tuxaua Manuel Francisco – p. 94.

Índice das pranchas

Prancha I – Planta de uma casa maué – p. 49.
Prancha II – Armas para caça e utensílios para pesca – p. 54.
Prancha III – Cestos, etc. – p. 55.
Prancha IV – Cestos, etc. – p. 56.
Prancha V – Tipiti, peneira, jamaxi, etc. – p. 57.
Prancha VI – Uma rede maué, etc. – p. 82.
Prancha VII – O Porantim ou Remo Mágico – p. 98.

Biblioteca Pública do Amazonas

coleção poranduba

Aspectos Sociais e Políticos do Desenvolvimento Regional
Agnello Uchôa Bittencourt

Em Memória de Stradelli
Câmara Cascudo

Flora Médica Brasiliense
Dr. Alfredo da Matta

Os Intérpretes da Amazônia
Péricles Moraes

A Contribuição do Índio à Economia da Amazônia
Eurico Fernandes

Introdução à Sociologia da Amazônia
André Vidal de Araújo

Amazônia – Cultura e Sociedade
Djalma Batista

Textos sobre a Amazônia
Euclides da Cunha

Súmula de História do Amazonas para Professores
Arthur Cézar Ferreira Reis

A Crise Amazônica e a Borracha
J. A. Mendes

Apontamentos sobre a Revolução Acreana
Plácido de Castro

Os Índios Maués
Nunes Pereira

Este livro foi impresso na cidade de Manaus/AM, em janeiro de 2003, pela Gráfica e Editora Silva. A família tipográfica utilizada na composição do texto foi Caxton Lt BT no corpo 11/17. O projeto gráfico – miolo (editoração/fotolitos) e capa – foi feito pela Valer Editora. Os fotolitos da capa foram produzidos em Manaus pelo Bureau.com.

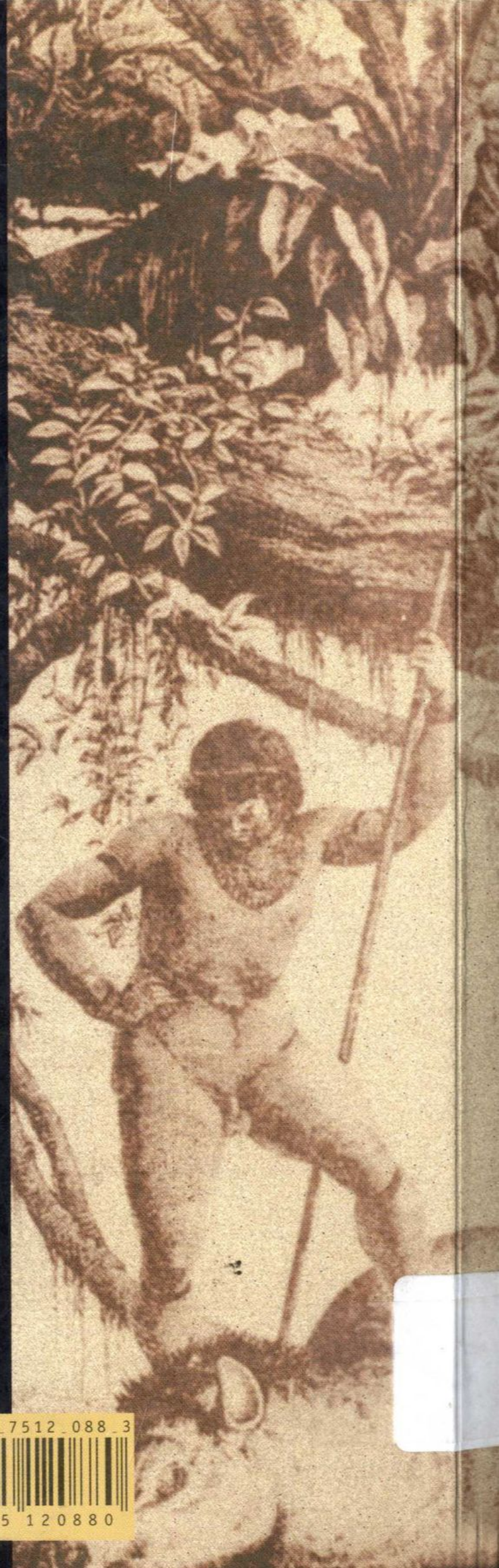
intérprete de nossa cultura tribal. Não é só isso! Ela denuncia quanto de bem a narrativa dos povos indígenas e seu universo simbólico guarda, em si, do valor do conhecimento tradicional referente aos recursos naturais de nossa Amazônia. Denuncia também os fundamentos de nossa identidade sociocultural e, com sonoridade, afirma, segundo o cantar de um Sateré-Mawé, que *nós somos como um pássaro no mundo* porque cantamos a liberdade vivendo sob a mira dos aventureiros internacionais. Para superar essa contradição e inaugurarmos novas práticas políticas, que respeitem a diversidade cultural e a pluralidade das concepções, vivificando o *Noçoquém,* a utopia tribal dos Maués, é necessário não só saber voar, mas com quem e para onde voar.

Nesse horizonte, esta obra se transforma num instrumento de saber tal qual o *Porantim,* que registra a história dos Sateré-Mawé, servindo também como borduna para garantir os direitos fundamentais e a sustentabilidade dessa gente que vive da floresta e dos rios, construindo sua dignidade. A obra em debate faz pensar sobre tudo isso e muito mais. Resta-nos convidá-los à leitura.

Ademir Ramos
Antropólogo e Professor do curso de Ciências Sociais da Universidade Federal do Amazonas.

Nunes Pereira não foi só um estudioso das culturas amazônicas, foi um humanista e um espírito inquieto e preocupado com o destino dos povos indígenas. Estudá-los foi a forma encontrada pelo pesquisador de prestar seu testemunho sobre a diversidade e riqueza cultural das diversas etnias que habitam secularmente o universo amazônico. *Os Índios Maués* é um exemplo desse esforço empreendido pelo saudoso autor de *Moronguêtá – Um Decameron Indígena*. O livro foi concebido com o propósito de defender e preservar a memória dos índios maués, como esclarece, "pouco noticiados pelos naturalistas e missionários por serem mal assistidos dos poderes públicos, esbulhados por pseudocivilizados, há séculos em luta com regatões e comerciantes inescrupulosos..." Esse interesse e paixão de Nunes Pereira pelas culturas indígenas encontra sua melhor expressão nas palavras da professora Selda Vale: "Os índios para Nunes Pereira nunca foram apenas objeto de estudo ou de deleite estético, tampouco uma aventura literária ou a embriaguez do exótico. Foram seus mestres e companheiros, narradores e ouvintes".

Robério Braga



ISBN 85-7512-088-3

9 788575 120880

Valer EDITORA

CULTURA Edições Governo do Estado

Secretaria de Estado
de Cultura e
Economia Criativa

AMAZONAS
GOVERNO DO ESTADO
TRABALHO QUE TRANSFORMA

Comunicado

As imagens, textos e obras disponibilizadas pelo Centro de Documentação e Memória da Amazônia estão na maioria em domínio público ou possuem termo de cessão para publicação da versão digitais produzida pela Secretaria de Cultura.

Se porventura, você identificar alguma obra que não esteja de acordo com a Lei de Direitos Autorais (lei 9.610/98), entre em contato conosco para que possamos identificar e proceder com regularização.

O objetivo da Biblioteca da Amazônia na disponibilização das versões digitais é a preservação da memória e difusão da cultura do Amazonas e região norte do Brasil, sem prejudicar os direitos patrimoniais do autor, herdeiros ou quem possuir o direito de uso.

O uso destes documentos digitais, digitalizados ou nascidos digitais são apenas para fins pessoais (privado), sendo vetada a sua venda, edição ou cópia não autorizada.

Lembramos, que esses materiais podem ser encontrados nos acervos do Sistema de Bibliotecas Públicas da Secretaria de Cultura e Economia Criativa e seus parceiros.

ACERVOS DIGITAIS
https://beacons.ai/cdmam_sec

FALE CONOSCO

(92) 3090-6804
cdmam@cultura.am.gov.br
acervodigitalsec@gmail.com

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E
MEMÓRIA DA AMAZÔNIA - CDMAM